



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES – CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO – PPJ
MESTRADO EM JORNALISMO

CIBELLY CORREIA DOS SANTOS

LIVRO-REPORTAGEM: UMA PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE PERFIS DE
ARTISTAS PARAIBANOS A PARTIR DO JORNALISMO LITERÁRIO

JOÃO PESSOA

2016

CIBELLY CORREIA DOS SANTOS

**LIVRO-REPORTAGEM: UMA PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE PERFIS DE
ARTISTAS PARAIBANOS A PARTIR DO JORNALISMO LITERÁRIO**

Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), área de concentração “Produção Jornalística”, como requisito para obtenção do grau de mestre em Jornalismo.

Linha de pesquisa: Práticas, Processos e Produtos Jornalísticos.

Orientador: Prof. Dr. Hildeberto Barbosa de Araújo Filho.

JOÃO PESSOA

2016

S237I Santos, Cibelly Correia dos.

Livro-reportagem: uma proposta de criação de perfis de artistas paraibanos a partir do jornalismo literário / Cibelly Correia dos Santos. – João Pessoa, 2016.

125f. : il.

Orientador: Hildeberto Barbosa de Araújo Filho
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCTA.

1. Jornalismo. 2. Produtos jornalísticos. 3. Livro-reportagem. 4. Jornalismo cultural. 5. Jornalismo literário.

UFPB/BC

CDU: 070(043)

CIBELLY CORREIA DOS SANTOS

**LIVRO-REPORTAGEM: UMA PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE PERFIS DE
ARTISTAS PARAIBANOS A PARTIR DO JORNALISMO LITERÁRIO**

Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), área de concentração “Produção Jornalística”, como requisito para obtenção do grau de mestre em Jornalismo.

Linha de pesquisa: Práticas, Processos e Produtos Jornalísticos.

Orientador: Prof. Dr. Hildeberto Barbosa Filho.

Aprovada em ____/____/2016

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Hildeberto Barbosa de Araújo Filho – PPJ/UFPB (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Custodio da Silva – UFPB – (Examinador)

Prof. Dr. Edônio Alves do Nascimento (Examinador)

Quero agradecer a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada. À minha família, por sua capacidade de acreditar e investir em mim. A minha mãe pelo cuidado e dedicação, que me deram a esperança para seguir em frente. Ao meu pai, pois sua presença significou segurança e a certeza de que nunca estarei só.

AGRADECIMENTOS

Início os agradecimentos aos meus pais, João Bosco e Maria Aparecida, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao professor e orientador Hildeberto Barbosa de Araújo Filho pela confiança e pela orientação deste trabalho.

Gratidão a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo por proporcionar-me o conhecimento e a formação profissional e educacional necessárias.

Obrigada aos amigos e familiares, por compreenderem os momentos de ausência enquanto me dedicava aos estudos.

Agradeço de coração a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desta etapa tão importante da minha vida.

*A vida de uma pessoa não é
o que lhe aconteceu,
e sim o que ela lembra
e como lembra.
Gabriel García Márquez*

RESUMO

O presente projeto tem como proposta a criação de um livro-reportagem, contendo perfis jornalísticos de artistas paraibanos, utilizando o Jornalismo Literário como estilo de narrativa, visto que, devido à velocidade das informações e às novas tecnologias, as reportagens realizadas no jornalismo cotidiano, na maioria das vezes, são reducionistas, dificultando, assim, o aprofundamento do tema. O Jornalismo Literário reúne as técnicas do jornalismo com as narrativas advindas da literatura, como procedimentos de observação, descrição e narração, a fim de humanizar ao máximo a matéria e dar mais fluidez ao texto. Percebe-se também que, no jornalismo cultural, as matérias publicadas nos meios de comunicação são relacionadas a eventos culturais ou aos releases enviados pelas assessorias de imprensa. Isso limita a sociedade no sentido de ter uma visão mais crítica sobre sua cultura e mais conhecimento sobre seus artistas. Neste sentido, o trabalho apresentará seis perfis de artistas da Paraíba, de diversos segmentos, com uma carreira mais consolidada, de modo que se conheça a obra e a vida destes personagens e o contexto histórico-cultural no qual ele está envolvido. Para isso, a escolha de um livro-reportagem, como o produto a ser desenvolvido, é motivada, principalmente, por ser uma ferramenta que permite trabalhar com a reportagem em profundidade, na qual se pode ter uma investigação mais elaborada e maior liberdade narrativa.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Jornalismo Cultural. Perfis. Jornalismo Literário.

ABSTRACT

This project aims to create a creative nonfiction book that will have profile stories of artists from the Brazilian state of Paraíba, and that will be achieved through narratives of Literary Journalism. Because of the new technologies and the unstoppable flow of information, the majority of daily news is superficial and direct, which makes it hard deepening the subjects they refer to. Literary Journalism in the other hand puts together techniques from journalism and literature, as procedures of observation, description and narrative, in order to humanize as much as possible the reports and give cadence to the text. It's noticeable that news based on Literary Journalism is related to cultural events or press releases sent by media offices. That makes it difficult for society to have a clear idea of its own culture and knowledge about its own artists. Therefore, the creative nonfiction book purposed in this project will contain six profile stories of artists from Paraíba with established careers in many segments, willing to show their personal lives and production over the years as well as the historic and cultural context in which they have been involved. The option for a creative nonfiction book is due to the fact it is a tool that allows journalists to write deep reports with deeper investigation and also freedom on the narrative stylistics.

Keywords: Creative nonfiction book; Cultural journalism; Profile stories; Literary journalism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Capa do livro-reportagem	30
Imagem 2 - Arte referente ao capítulo do perfil de Adeildo Vieira	31
Imagem 3 - Arte referente ao capítulo do perfil de Zezita Matos	32
Imagem 4 - Arte referente ao capítulo do perfil de Sérgio de Castro Pinto	32
Imagem 5 - Arte referente ao capítulo do perfil de José Enoch	33
Imagem 6 - Arte referente ao capítulo do perfil de Flávio Tavares	33
Imagem 7 - Programa do Show Questão de Ordem	39
Imagem 8 - Clipping da notícia	40
Imagem 9 - Livrinho contando a história do bailarino	48
Imagem 10 - Livrinho contando a história do bailarino	48
Imagem 11 - Livro de Flávio Tavares	51

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 Jornalismo Cultural	12
2.1.1 Trajetória do Jornalismo Cultural.....	14
2.1.2 Jornalismo Cultural no Brasil	15
2.1.3 O Jornalismo Cultural e os Gêneros Jornalísticos	16
2.2 Perfil e a humanização da reportagem	18
2.3 Livro-reportagem como extensão do jornalismo	23
2.4 Jornalismo Literário	24
3 METODOLOGIA.....	28
4 RESULTADOS DO PRODUTO MIDIÁTICO	29
4.1 Planejamento e construção do livro-reportagem	29
4.2 Processos de produção dos perfis	34
4.2.1 Processos de produção do perfil de Adeildo Vieira	37
4.2.2 Processos de produção do perfil de Zezita Matos	40
4.2.3 Processos de produção do perfil de Sérgio de Castro Pinto	45
4.2.4 Processos de produção do perfil de José Enoch	47
4.2.5 Processos de produção do perfil de Flávio Tavares	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
6 REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE	57

1 INTRODUÇÃO

Com a velocidade das informações, percebe-se que os meios de comunicação estão publicando, cada vez mais, reportagens sintéticas e objetivas. Isso se dá não apenas pelo tempo determinado pelo *deadline*, mas sim pelo pouco espaço disponível nos jornais para publicação de matérias mais elaboradas. Para tentar suprir algumas lacunas no jornalismo cotidiano, o livro-reportagem surge como uma ferramenta alternativa do jornalismo, possibilitando realizar matérias mais aprofundadas e maior liberdade na narrativa.

Neste sentido, o produto final deste mestrado é um livro-reportagem, contendo Perfis de artistas paraibanos a partir da experiência do Jornalismo Literário. O Perfil permite uma representação mais aprofundada dos personagens, mostrando não só o trabalho, mas as influências culturais e sociais que os cercam. Podem também revelar aspectos psicológicos e comportamentais, além de características claras acerca do que fazem. Expõem, assim, a complexidade humana do personagem, rompendo os estereótipos que geralmente são camuflados nos meios de comunicação de massa.

Esse estudo consiste em explorar as técnicas do Jornalismo Literário na produção de Perfis. Permite ainda compreender como o Jornalismo Literário se aplica na construção deste gênero. As motivações para a escolha do tema foi a proximidade com o Jornalismo Cultural e com o Jornalismo Literário, devido à experiência com jornal impresso, atuando na produção de matérias culturais. O estímulo veio através da possibilidade de realizar matérias mais aprofundadas, que proporcionassem uma maior reflexão e gerasse conhecimento sobre o assunto. O interesse pelo Jornalismo Literário surgiu desde a época de graduação, através de pesquisas que serviram de base para a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso, que teve como foco o gênero Jornalismo Gonzo, vertente mais radical do Novo Jornalismo, criada por Hunter S. Thompson.

Nesse contexto, percebeu-se que as matérias de cultura são, em sua maioria, superficiais, sendo publicados, muitas vezes, os eventos culturais e os releases enviados pelas assessorias de imprensa. A cultura, sua memória e seus personagens, que revelam a identidade de um povo, quase nunca são mostrados na mídia de uma maneira mais reflexiva, de modo que as pessoas possam formar um pensamento crítico ou saber sua importância para a construção da sociedade.

Como produto do meu objeto de estudo, foi criado um livro-reportagem, veículo através do qual se pode reunir uma maior quantidade de informações e aprofundar a abordagem e a construção da narrativa. Além disso, a narrativa do Jornalismo Literário abre espaço para uma linguagem mais romanceada, que foge das amarras do jornalismo cotidiano.

O livro-reportagem conta com perfis de cinco artistas paraibanos de vários segmentos artísticos como: teatro, cinema, música, artes visuais, dança e literatura. O trabalho foca em artistas que têm uma carreira mais consolidada e com uma vivência atuante na cultura paraibana. Para isso, foram escolhidos para participar deste trabalho: o músico Adeildo Vieira, a atriz Zezita Matos, o artista plástico Flávio Tavares, o poeta Sérgio de Castro Pinto e o bailarino José Enoque.

O objetivo geral do trabalho é produzir um livro-reportagem, no qual serão publicados perfis jornalísticos de artistas paraibanos a partir da experiência do Jornalismo Literário. Os objetivos específicos pretendem proporcionar um resgate histórico-cultural através do ponto de vista dos personagens; mostrar uma visão mais aprofundada dos entrevistados e a contribuição deles para a sociedade, e conhecer e colocar em prática as técnicas utilizadas no Jornalismo Literário na construção do perfil jornalístico.

O trabalho utiliza como procedimentos metodológicos: a Pesquisa Bibliográfica, que permite fazer um levantamento histórico do perfilado; a Entrevista em Profundidade, que compreende a condição humana do entrevistado, e o Método Biográfico, que permite mergulhar no passado e no íntimo do personagem.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Jornalismo Cultural

O Jornalismo Cultural traz à tona temas referentes à cultura de uma determinada sociedade. Entretanto, atualmente, percebe-se que as narrativas jornalísticas deste gênero estão voltadas, cada vez mais, para a superficialidade na abordagem das pautas, o agendamento de eventos culturais e uma transação publicitária entre as assessorias e as redações.

Conhecido, principalmente, como “segundos cadernos”, esse tipo de jornalismo tenta mostrar aos leitores as novidades em relação à cultura. Apresenta ainda a

possibilidade de se trabalhar os diversos tipos de gêneros, tais como crítica, reportagem, crônica, perfis etc. Porém, boa parte limita-se a analisar livros, filmes, eventos e outros elementos culturais.

Piza (2004, p.7) afirma que “há uma riqueza de temas e implicações no jornalismo cultural que também não combina com seu tratamento segmentado; afinal cultura está em tudo, é de sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens”.

Este gênero permite extrapolar os limites da cultura de massa e do entretenimento, e torna-se um espaço de reflexão sobre a sociedade e sua cultura. O Jornalismo Cultural, hoje, segundo Marcia Eliane Rosa (2013, p.69), no artigo *Jornalismo cultural para além do espetáculo*, “resume-se a reportar, divulgar e analisar (superficialmente) produtos culturais”, principalmente na “grande imprensa”.

No entanto, pensamos que ele pode ir além desta tríade, mas para isso deve tecer a vida cotidiana não só mostrando comportamentos, costumes, crenças e tradições, mas também, e principalmente, observando as nuances da(s) cultura(s) em transformação, seus conflitos, suas relações de troca. Para esta empreitada, o jornalista cultural precisa buscar refletir a realidade vivenciada pela sociedade captando ângulos do seu cotidiano e, fundamentalmente, sabendo diferenciar cultura, arte e consumo. (ROSA, 2013, p.69).

O termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra *Civilization* referia-se às realizações materiais de um povo. Sintetizado por Edward Tylor, o conceito de Cultura utilizado atualmente em seu sentido etnográfico inclui “conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR apud LARAIA, 2008. p.25).

De acordo com Siqueira D., Siqueira E. (2007, p. 112), o Jornalismo Cultural poderia se aproximar do sentido de *Kultur* “ao expressar valores, ideias e modos de ser de um povo, revelando aspectos internos, ocultos, profundos.” Nesse sentido, eles alegam ainda que “a ênfase de uma parte do jornal como sendo eminentemente cultural parece obedecer à mesma dicotomia entre civilização e cultura para os intelectuais alemães.” (SIQUEIRA D., SIQUEIRA E., 2007, p. 113). Essa talvez seja a explicação para a abordagem dos temas ligados às artes, às letras, à filosofia, à religião, à dança, nos cadernos culturais.

Bons textos sobre temas culturais levam o leitor a ter uma visão mais crítica e maior conhecimento sobre a sociedade. Permite ainda resgatar a história e mostrar a

importância sociocultural dos artistas. A prática do Jornalismo Cultural é um exercício constante de aprimoramento e busca pela informação.

2.1.1 Trajetória do Jornalismo Cultural

Um marco inicial na história do Jornalismo Cultural foi o surgimento da revista *The Spectator*, criada em 1711, com a finalidade de popularizar as informações que apenas eram de conhecimento da “elite pensante”. A revista abordava os mais variados temas, entre eles: livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política, sempre com uma linguagem de fácil compreensão, de modo que os moradores das cidades pudessem compreendê-la. Piza (2003) explica que o surgimento do jornalismo cultural está diretamente ligado ao crescimento dos grandes centros urbanos.

A *Spectator* se dirigia ao homem da cidade, “moderno”, isto é, preocupado com modas, de olho nas novidades do corpo e da mente, exaltado diante das mudanças no comportamento e na política. Sua ideia era a de que o conhecimento era divertido, não mais uma atividade sisuda e estática, quase sacerdotal, que os doutos pregavam (PIZA, 2003, p. 12).

Piza (2003, p.12) esclarece ainda que esse estilo de jornalismo surgiu na Europa depois do Renascimento, sendo ele “dedicado às avaliações de ideias, valores e artes”. O século XVIII foi considerado a era de ouro do jornalismo europeu, graças ao poder multiplicador da imprensa. Nesse período, escritores como Jonathan Swift e Daniel Defoe impulsionaram o jornalismo cultural.

O primeiro grande crítico cultural foi Samuel Johnson, cujas opiniões eram sempre esperadas. As mudanças no jornalismo e no estilo da crítica cultural feitas em periódicos só ocorreram no final do século XIX. Nessa época, o irlandês George Bernard Shaw se destacava como crítico de arte, teatro, literatura e música.

As críticas de arte saíram de seu circuito de marfim: Shaw as lançou no meio da arena social, exigindo que se comprometessem com as questões humanas vivas, mostrando, por exemplo, que uma ópera de Mozart era composta de muitos mais elementos que as belas melodias e o figurino pomposo. O crítico cultural agora tinha que lidar com ideias e realidades, não apenas com formas e fantasias (PIZA, 2003, p.17).

No século XX, as revistas, como também os tabloides literários, desempenharam um papel fundamental para a expansão do jornalismo cultural. Piza (2003, p.19) relata que “em toda cidade que vivia efervescência cultural, a presença de diversas revistas – com ensaios, resenhas, críticas, reportagens, perfis, entrevistas, além de publicação de contos e poemas – era ostensiva”.

Nessa mesma época, a revista *New York*, criada em 1925, se torna referência no jornalismo cultural, revelando grandes escritores e cartunistas, tais como: Irwin Shaw, J.D. Salinger, Jonh Cheever, Jonh Updike etc. A revista teve publicações de amplo impacto, como a reportagem *Hiroshima*, escrita por Jonh Hersey. “Foi ali que Lilian Ross, num perfil de Ernest Hemingway em 1950, fundou esse gênero do jornalismo moderno e abriu caminho para as invenções do ‘New Journalism’” (PIZA, 2003, p.23-24).

2.1.2 Jornalismo Cultural no Brasil

No Brasil, os cadernos de cultura só começaram a aparecer no século XX. Entretanto, desde o nascimento da imprensa brasileira, os assuntos relacionados à cultura são destaque.

Basta vermos os títulos completos do nosso primeiro jornal, Correio Brasiliense ou Armazém Literário e da primeira revista, As Variedades ou Ensaio de Literatura. Ambas as publicações pareciam livros – tanto o jornal, editado em Londres por Hipólito José da Costa entre 1808 e 1822 e distribuído clandestinamente no Brasil, quanto à revista, de que saíram dois números em Salvador em 1812, numa iniciativa do livreiro Manoel Antônio da Silva Serva. Entre as seções do Correio, figuravam “Comércio e Artes” e “Literatura e Ciências” (GOMES, 2009, p.12).

O jornalismo cultural também abriu espaço para muitos escritores brasileiros, que faziam análises, em jornais e revistas, de obras importantes e refletiam sobre a cena literária e cultural. Entre os escritores mais famosos estão Lima Barreto, Machado de Assis e Mário de Andrade.

Um marco no jornalismo cultural brasileiro foi o surgimento da Revista *O Cruzeiro*, em 1925. A publicação foi responsável por lançar o conceito de reportagem investigativa e proporcionar grandes contribuições à cultura brasileira, atingindo todos os públicos.

Diversos gêneros tiveram imensa importância para o jornalismo cultural brasileiro. Dentre os principais está a crônica, que sempre teve espaço fixo nas seções culturais de jornais e revistas brasileiros.

Se a tradição local em jornalismo literário – reportagens mais longas e interpretativas, perfis, etc. – é pequena, o gosto nacional pelas crônicas, até certo ponto, sempre foi uma forma de atrair a literatura para o jornalismo, praticada por jornalistas, escritores e sobretudo por híbridos de jornalista e escritores. [...] a crônica sempre teve espaço fixo nas seções culturais de jornais e revistas brasileiros e, portanto, é uma modalidade inegável do jornalismo cultural brasileiro (PIZA, 2003, p. 33).

Devido ao surgimento das revistas especializadas, os jornais impressos como o *Jornal do Brasil*, *Última Hora* e *Diário Carioca* passaram por reformulações, editoriais e gráficas, no fim dos anos 1950. O jornal *Correio da Manhã* tinha como ponto forte a opinião, enquanto o *JB* valorizou a reportagem e o visual. Depois surge o Caderno B, sendo o precursor do moderno jornalismo cultural brasileiro.

O jornalismo cultural começou a ganhar a sua forma atual na segunda metade do século XX, tendo como principais características os comentários sobre o cotidiano cultural (normalmente apresentados nos cadernos diários) e as coberturas mais aprofundadas para as edições de fim de semana. Juntamente com isso, começam a surgir algumas revistas que buscavam abordar uma cobertura cultural mais diferenciada. Entre essas, podemos destacar a revista *O Pasquim*, que fora bem aceita pelo público, mas não resistiu por muito tempo nesse período ditatorial. (ANDRADE; ORSATTO, 2012, p.7).

Nos últimos anos, o jornalismo cultural vem, cada vez mais, ganhando outros espaços, principalmente em livros - tanto coletâneas de ensaios e críticas - como projetos de reportagem. “Muitos jornalistas têm se dedicado a escrever biografias, gênero que teve um *boom* editorial a partir da década de 1980. E a história cultural, nos mais variados formatos [...] continua ganhando espaço” (PIZA, 2003, p.30-31).

2.1.3 O Jornalismo Cultural e os Gêneros Jornalísticos

Em busca de uma maior interação com os leitores, o jornalismo vem modificando e ampliando os processos de circulação, produção e consumo das notícias e dos diferentes tipos de gêneros textuais.

No Brasil, os estudos sobre gêneros jornalísticos são atribuídos a Luiz Beltrão e surgiram a partir da trilogia: *Imprensa informativa*, *Jornalismo Interpretativo* e *Jornalismo Opinativo*. O fazer jornalístico era visto então sob as vertentes horizontal, vertical e oblíqua.

A primeira corresponde à informação, o “relato puro e simples de fatos, ideias e situações do presente imediato”, enquanto que a opinião ocuparia uma reta vertical que representa “o esforço de interpretar a ocorrência, tirando conclusões e emitindo juízos”. A linha perpendicular diz respeito ao caráter interpretativo dos textos jornalísticos, aqueles referentes às grandes reportagens. [...] Para o autor, faziam parte dos gêneros opinativos: editorial, crônica, artigos, ilustrações, charges ou caricaturas e as contribuições do leitor. (CARVALHO, 2014, p. 107)

Nessa perspectiva, é preciso ainda ter uma maior compreensão e distinção sobre os gêneros informativo e opinativo.

Ao lado do jornalismo informativo (que “assegura a informação ao povo”) e do jornalismo opinativo (que “tem procurado influenciar o homem”), temos, na descrição de Fraser Bond, duas outras categorias: o jornalismo interpretativo (que faz “a explanação das notícias”) e um jornalismo de entretenimento (que “comenta os aspectos pitorescos da vida cotidiana”), [...] Os formatos do gênero interpretativo apresentados por José Marques de Melo são análise, perfil, enquete e cronologia. (MELO apud FERREIRA, 2012, p.8)

Surgem, ainda, além dos gêneros informativo, opinativo e interpretativo, os gêneros utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço) e o diversional (história de interesse humano e história colorida).

O Jornalismo Cultural faz uma miscigenação entre informação, interpretação e opinião. De acordo com Gomes (2009, p.8), “o jornalismo cultural faz uso de dois gêneros de texto: os informativos, cuja prioridade é contar ao leitor algo que ele não sabe, e os opinativos, cuja ênfase é apresentar ao leitor a opinião do jornalista sobre uma obra ou evento cultural”.

Inicialmente, um dos gêneros que mais se destacou foi o opinativo, tendo como ênfase, principalmente, a crítica cultural. Porém, segundo Pena (2004), no século XIX, o jornalismo passou por mudanças, influenciando o estilo da crítica cultural feita em jornais.

O crítico cultural agora tinha que lidar com ideias e realidades, não apenas com formas e fantasias. [...] Até a virada para o século XX, o

jornalismo era feito de escassos noticiários, muito articulismo político e o debate sobre livros e artes. Mas a modernização da sociedade transformou a imprensa. [...] O jornalismo cultural também “esquentou”: descobriu a reportagem e a entrevista, além de uma crítica da arte mais breve e participante. Das conversações sofisticadas de Addison e Steele até as resenhas incisivas de Zola, Kraus e Shaw, o jornalismo cultural tomou sua forma moderna. (PIZA, 2004, p.17-19)

No Jornalismo Informativo, Marques de Melo destaca notas, notícias e reportagens a partir dos relatos. A nota se refere aos “acontecimentos que estão em processo de configuração” (MELO, 1994, p. 65), enquanto a notícia “é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social” (MELO, 1994, p. 65). Melo (1994, p.65) refere-se a reportagem como sendo “o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”.

Entre os gêneros jornalísticos que aparecem também no Jornalismo Cultural está o Jornalismo Interpretativo. Para Lima (1995), este gênero consolida a prática de grande-reportagem, ou seja, procura fornecer uma leitura precisa, ampla, da realidade.

Considerarmos que a interpretação também representa uma forma de aprofundar a informação, deixá-la mais atrativa e diferenciá-la dos demais textos, acrescentamos o gênero reportagem na categoria interpretativo. Posto isso, compõem a categoria jornalismo interpretativo os gêneros dossiê, perfil, enquête, cronologia e reportagem (SOSTER et al. 2011, p. 9)

2.2 Perfil e a humanização da reportagem

O perfil ganha cada vez mais espaço no jornalismo, pois é através desse gênero que se pode conhecer a realidade de um artista ou de uma pessoa pública, revelando a vida privada ou profissional dos personagens.

Para Piza (2004, p.84) “o perfil é um gênero interessante da reportagem interpretativa, mas exige bastante espaço para ser publicado”. Este também é um gênero muito usado no jornalismo cultural.

Ninguém sabe ao certo a sua origem. Historiadores de jornalismo revelam que há evidência que as revistas são as grandes impulsionadoras desse gênero, por começarem a escrever histórias tendo como foco os indivíduos, com o objetivo de traçar um retrato social amplo, de um grupo, de uma realidade contextual.

Nos Estados Unidos, um dos pioneiros desse gênero jornalístico foi a revista *New Yorker*. Essa narrativa também foi cultivada na *Esquire*, tendo como principal incentivador desse estilo o jornalista e escritor Gay Talese. De acordo com Vilas-Boas (2003, p.22), “Os perfis se tornaram marca registrada de revistas como *Esquire*, *Vanity Fair*, *The New Yorker*, *Life* e *Harper’s*, entre outras. No Brasil, O *Cruzeiro* e *Realidade* também valorizaram esse tipo de jornalismo em suas épocas áureas”.

O grande destaque em termos de perfil é o jornalismo americano. O Jornalismo Literário teve um avanço na década de 1970, quando Gay Talese escreveu o perfil de Frank Sinatra. Os dois gêneros exigem uma questão chave do autor, que é a curiosidade de conhecer mais sobre os personagens. Tem que existir por parte do profissional uma admiração para tentar entender a vida daquela pessoa, uma paixão e compaixão humana, mas não isenta de um senso crítico, para encontrar tanto seus aspectos luminosos quanto as suas vulnerabilidades. Traçar um retrato humano buscando ser o mais pleno possível. Humanizar o indivíduo.

Os perfis são narrativas, na maioria das vezes, curtas, que focalizam apenas alguns momentos marcantes da vida de um indivíduo, definido também como *short-term biography* (biografia de curta duração), reportagem narrativo-descritiva de pessoa, *clouse-up*, reportagem biográfica ou relato de vida. O termo miniperfil é um relato de um personagem secundário colocado no momento em que ocorre um corte da narrativa principal.

O perfil faz um trabalho intuitivamente psicológico de retratar a pessoa sob uma projeção de luz mais complexa, capaz de iluminar tanto seus atos externos, no mundo que conhecemos, como seus conteúdos internos, da psique, desconhecidos por nós. São conteúdos, trazidos à consciência, que nos ajudam a compreendê-la de forma mais completa, como ser humano inteiro. [...] Compreende a pessoa na sua grandeza e na sua finitude. Não julgá-la, nem defendê-la, nem condená-la. Compreendê-la. (LIMA, 2014, p. 60-61)

O texto-perfil possui alguns parâmetros específicos, sendo relevante, principalmente, por sua durabilidade e narratividade. Ou seja, o texto pode permanecer estimulando interesses mesmo que o personagem tenha mudado suas opiniões e o seu modo de ser tempos depois da publicação. Em relação à narratividade, o texto-perfil apresenta uma escrita proeminentemente reflexiva.

Segundo a definição de Vilas Boas (2003. p.14), o perfil tem como objetivo "gerar empatias", ou seja, "a preocupação com a experiência do outro, a tendência a

tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem”.

O perfil, que é o lado da humanização da reportagem, já que o jornalismo se diferencia também por ser uma forma de comunicação que se volta para o homem, em última instância, como foco central e como tal visa emocionar, ao lado da elucidação racional, para transmitir o retrato completo dos temas que aborda. (LIMA, 1995, p.26)

Na construção de um perfil, um dos principais meios para se obter as características essenciais de cada personagem é através da entrevista.

A entrevista tem papel fundamental na construção de perfis, pois enriquece o autor com os dados e potencializa a história do possível perfilado. Portanto, narrar um acontecimento por meio de uma testemunha não é a mesma coisa que descrevê-la quando se a tem lado a lado (SILVA, 2009, p.7)

Para Vilas Boas (2014), esse estilo de narrativa vai além de uma entrevista do tipo pingue-pongue. Ele esclarece que é preciso indagar, elucidar, atizar reflexões sobre aspectos gerais da existência, como vitória, derrota, expectativa, frustração, amizade, solidariedade, coragem, etc. Por isso, para se fazer um bom perfil, é necessário investigar os contextos socioculturais do personagem, conversar com pessoas que fazem parte da sua vida, frequentar os lugares que ele frequenta e observar as linguagens verbal e não-verbal.

A *entrevista* é um importante instrumento de captação, que visa estimular, “criar um clima autêntico de conexão entre entrevistado e receptor” (LIMA, 1995, p.74). Ela pode ser dividida em dois grupos: o da *espetacularização* e o da *compreensão*. O primeiro grupo busca uma visão caricaturada das possibilidades humanas, espetacularizando o ser humano. Ele se subdivide em quatro subgêneros: *perfil do pitoresco* (salienta traços sensacionalistas); *perfil inusitado* (destaca, mesmo que forçadamente, aspectos exóticos); *perfil de condenação* (coloca o entrevistado na posição de réu ou vilão, julgar); *perfil da ironia* (também tem como objetivo julgar o entrevistado, mas este sendo mais sutil). O segundo grupo busca o aprofundamento, na tentativa de compreender o ser humano. Ele é formado por cinco subgêneros: *entrevista conceitual* (procura conceitos, buscando diversos temas e especialistas de cada área); *entrevista/enquete* (único tema esmiuçado através de pauta ou questionamentos);

entrevista investigativa (coleta de informações off, confrontação-polemização, a serviço de matérias investigativas); *perfil humanizado* (compreensão ampla do entrevistado).

De acordo com Silva (2009), a entrevista, voltada para edição de perfis, pode ser dividida em diversos tipos: *entrevista ritual/rito* (breve, sempre para confirmar algo já esperado); *entrevista temática* (muitas vezes feita por especialistas ou com um tema que o entrevistado domine); *entrevista testemunhal* (busca o relato do entrevistado); *entrevista anedótica* (conversas frívolas, sem comprometimento) e *entrevista em profundidade* que:

Seria o tipo mais indicado na utilização dos perfis jornalísticos, visto que é a entrevista que não focaliza um tema particular ou evento, mas a representação do mundo construída pelo personagem. Relacionar a sua visão dos eventos, dos locais, e a sua maneira de ser é quase o mesmo que, segundo Nilson Lage (2002), [...] construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem a partir de seus próprios depoimentos e impressões (SILVA, 2009, p.3-4).

Esse gênero tem seu espaço por excelência no Jornalismo Literário, “prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) Literatura” (PENA, 2006, p.105), que proporciona um olhar mais amplo e profundo sobre a realidade. Para Edvaldo Pereira Lima (2002), dentro do Jornalismo Literário “os perfis ajudam-nos a entender quem somos, através do olhar de espelho compreensivo sobre os nossos semelhantes, célebres ou anônimos”. Vilas Boas (2003, p.12) explica que “o perfil é um gênero jornalístico. Sem o literário, no entanto, ele não hipnotiza”. Esse tipo de narrativa evoluiu com o passar do tempo, e ganhou destaque em publicações periódicas, como principalmente em livros-reportagem.

A primeira coisa a se perceber é que o Jornalismo Literário procura reproduzir a realidade de uma maneira muito centrada na figura humana, buscando compreender o ser humano em todos os seus aspectos. Isso quer dizer que há um mergulho muito grande na vida do indivíduo, no seu entorno e na busca de um entendimento da relação entre os fatos que são apresentados naquela história, fatos externos, o processamento e a dinâmica interna-psicológica.

Assim, perfil, jornalismo literário e livro-reportagem são três ingredientes de uma constelação diferenciada do universo jornalístico. Estendem o papel da mídia tradicional, complementam, noutra direção, as funções do jornalismo, enquanto sistema moderno de

expressão pública do conhecimento contemporâneo. Permitem um aprofundamento impossível ou difícil de ser concretizado nas formas tradicionais (LIMA, 2002).

Esse é um tipo de texto biográfico sobre uma única pessoa viva, sendo ela famosa ou não. Vilas Boas (2014, p.271) esclarece que nem todo texto biográfico é biografia “A biografia é uma composição detalhada de vários ‘textos’ biográficos (facetas, episódios, convivas, pertences, legados, o feito, o não feito, etc.)”.

Embora ambos sejam centrados na história de vida, o perfil e a biografia têm focos que diferem muito um do outro. O perfil tem como objetivo traçar o retrato da pessoa de maneira que se compreenda a maneira de pensar do indivíduo. No caso da biografia, o objetivo é contar a vida inteira do indivíduo, buscando mostrar a participação dela no mundo e tentando trazer à tona um pouco das suas qualidades, dos seus desafios e das suas características psicológicas.

Observa-se que os textos-perfis são extensos para os padrões do jornalismo atual. Cada vez mais, os espaços de jornais e revistas estão concorridos por várias informações fragmentadas e formatos idênticos. Por isso, o livro-reportagem surge como uma extensão do jornalismo cotidiano, sendo uma alternativa para a construção de textos que proporcionem o mergulho mais aprofundado na realidade, possibilitando a exploração de diversos gêneros jornalísticos e dando lugar a uma reportagem mais humanizada.

Lima (1995) formula uma classificação de livros-reportagem de acordo com a linha temática e com modelos de tratamento narrativo. Entre os tipos estão: perfil, depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, nova consciência, instantâneo, atualidade, antologia, denúncia, ensaio e viagem. Como o objeto de estudo mescla textos-perfil com livro-reportagem, delimitamos o Livro-reportagem-perfil como o que mais se adéqua a proposta do trabalho.

Essa modalidade:

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima, que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se geralmente de uma figura olímpica. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. (LIMA, 1995, p. 45)

2.3 Livro-reportagem como extensão do jornalismo

Esse veículo cumpre um papel relevante, preenchendo os vazios deixados pelo jornal impresso e outros meios de comunicação. Belo (2013, p.41) destaca que este “é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos”.

Edvaldo Pereira Lima explica que a função que o livro-reportagem desempenha surge a partir do jornalismo, pelos recursos técnicos utilizados como também pelos seus autores, que, quase sempre, são jornalistas. “A realidade essencial do livro-reportagem é determinada a partir das características e dos princípios que regem o jornalismo como um todo”. (LIMA, 1995, p.20).

O livro-reportagem tem características peculiares, destacando-se pelo: 1) *conteúdo* – que corresponde ao factual, real e verossímil; 2) *tratamento* – a linguagem jornalística, com clareza, precisão, exatidão e concisão; 3) *função* – informar, orientar e explicar, que pode ser extensiva (jornalismo informativo), unilateral (jornalismo opinativo) e multiangular (jornalismo interpretativo e/ou investigativo).

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quanto comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 1995, p.29)

O gênero jornalístico que permite um maior aprofundamento do relato e uma maior extensão é a *reportagem*. Nesse sentido, o livro-reportagem reúne uma série de reportagens que posteriormente poderão ser editadas em formato de livro, ou então, já nasce com esse formato, citando, por exemplo, o livro “*Abusado*”, de Caco Barcellos.

A concepção de um livro-reportagem requer informação capaz de superar as barreiras do imediato e do superficial, de modo a fazê-lo permanecer como objeto de interesse por muito e muito tempo. Pede também densidade, análise, conteúdo. Esses dois fatores estão quase sempre associados à extensão do texto e à capacidade do autor de construí-lo. A edição de um livro exige algumas condições no que tange à forma e ao conteúdo. Além de uma linguagem um tanto diferente da do jornal ou da televisão, uma obra precisa ter no mínimo

48 páginas impressas para ser considerada livro, no Brasil. (BELO, 2013, p.42)

Dois aspectos diferenciam o livro-reportagem dos jornais: a periodicidade e a atualidade. Segundo Lima (1995, p.31), “a *periodicidade* tem quase sempre caráter monográfico, assim como seu conceito de *atualidade* deve ser compreendido sob uma ótica de elasticidade maior do que o que se aplica às publicações periódicas”, ou seja,

o núcleo central do tempo presente deixa de ser o fato desencadeador central da ocorrência em si, para ser muito mais o seu contexto, obrigando a prática jornalística dos veículos impressos não diários a entrar cada vez mais no terreno da opinião, da interpretação, do aprofundamento dos fatos, em suma (LIMA, 1995, p. 31).

Nesse sentido, Lima (1995) sugere uma substituição do conceito de *atualidade* pelo de *contemporaneidade*, fazendo uma referência à plasticidade e à elasticidade que o tempo presente ganha no livro.

O livro-reportagem também tem exercido um papel fundamental para a utilização de recursos literários no jornalismo, que foi desenvolvida pelo *new journalism* americano, nos anos de 1960 a 1970. Nesse período, a grande reportagem, em especial na forma de livro, ganhou impulso na imprensa americana. No Brasil, esse veículo ganhou notoriedade no fim da década de 1980, tendo como gênero predominante o Jornalismo Literário. Atualmente, se destaca por apresentar excelentes textos jornalísticos, principalmente no meio acadêmico.

Dentro da proposta deste trabalho, que é a elaboração de um livro-reportagem, no qual constarão perfis jornalísticos de artistas paraibanos a partir da experiência do Jornalismo Literário, é necessária uma maior compreensão sobre o que é Jornalismo Literário e os seus recursos narrativos.

2.4 Jornalismo Literário

Escrevo porque não sei fazer música. Se soubesse ler partituras e articular notas harmônicas não me arriscaria nessas linhas tortas e analfabetas. A música é uma forma de comunicação muito mais eficaz e perene. Qualquer canção permanece por mais tempo no imaginário do que o melhor dos textos literários. [...] Dizem que o bom texto segue padrões musicais. Tem ritmo, harmonia e sonoridade. Se você possui essas três qualidades, largue logo este livro e corra para o piano. Não perca tempo com a literatura. Muito menos com o jornalismo. Preocupe-se com a melodia. (PENA, 2006, p.9)

O Jornalismo Literário é um gênero que mescla a precisão jornalística com as técnicas narrativas da literatura. “Defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. [...] Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia” (PENA, 2006, p.21). Esse tipo de narrativa procura mostrar a realidade através de histórias, muitas vezes com foco nos personagens.

A hibridação do discurso jornalístico e literário se expandiu na década de 1960, nos Estados Unidos, com o surgimento do *New Journalism* como uma alternativa ao estilo objetivo de se fazer jornalismo e ao distanciamento dos fatos. De acordo com Edvaldo Pereira Lima, este é um período histórico e efervescente de renovação do Jornalismo Literário e tem como característica a inclusão de novas técnicas narrativas (fluxo de consciência e ponto de vista autobiográfico), ampla exposição pública e popularidade, além de reivindicação de qualidade equivalente à literatura.

Essa narrativa foi bastante praticada em revistas de reportagem especializadas, livros-reportagem e até mesmo em veículos da grande imprensa. Entre os grandes mestres dessa modalidade estão: Gay Talese, Tom Wolfe, Norman Mailer e Truman Capote.

O termo Jornalismo Literário dá margem a uma série de diferentes interpretações sobre seu significado. Na Espanha, por exemplo, está dividido em dois gêneros específicos: *periodismo de creación* e *periodismo informativo de creación*. O primeiro está vinculado a textos exclusivamente literários, apenas veiculados em jornais. Já o segundo une a finalidade informativa com uma estética narrativa apurada. [...] No Brasil, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins. [...] Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais. (PENA, 2006, p.20-21)

Lima (1995) relata que o novo jornalismo sofreu grande influência do realismo social, corrente literária que tinha como principais precursores os escritores ficcionistas Balzac, Fielding, Smollett, Gólgol e Dickens.

Lima aponta quatro recursos técnicos do novo jornalismo que foram apropriados dos escritores realistas: ponto de vista (narrativas sob a perspectiva de diferentes atores — variação entre primeira e terceira pessoa); fluxo de consciência (reprodução do pensamento do personagem, bem como introdução do ponto de vista autobiográfico); diálogos (usados no modo mais natural possível, de modo a envolver o leitor num texto mais fidedigno e ritmado) e construção cena a cena (fuga do relato puramente histórico e distanciado, dando ênfase às diferentes cenas, que, juntas, formam o quadro dinâmico da narrativa) (TAVARES, 2011, p.6)

Borges (2013, p.226) complementa que o Jornalismo Literário propõe-se a narrar a história de um modo mais próximo à literatura. Porém, Pena (2006) acrescenta ao conceito de Jornalismo Literário um conjunto com sete características imprescindíveis, o qual ele chamou de “estrela de sete pontas”. Os principais itens para produzir textos nesta modalidade são: potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar uma visão ampla da realidade, exercitar a cidadania, romper com as correntes do *lead*, evitar os definidores primários e garantir perenidade e profundidade aos relatos.

O Jornalismo Literário amplia sua compreensão com a observação atenta de comportamentos, gestos, olhares e até inclusão de pausas e silêncios, aliadas à interpretação desses sinais no entrevistado e em seu contexto. As descrições se enriquecem com o que não é visto ou dito, mas é ocultado, deliberadamente ou não. Isso inclui tentativas de decifrar o pensamento do entrevistado estabelecendo correlações, inferências, deduzindo reações. Não se trata de levandades e sim de explorar outras possibilidades de apuração, com a mesma preocupação de confirmar ou não tais cogitações. O importante é que elas sejam explicadas, postas em contextos adequados, descritas como possibilidades e não como fatos prontos e acabados. (BORGES, 2013, p. 243)

O Jornalismo Literário tornou-se um assunto polêmico devido à mudança das características da prática da imprensa escrita na elaboração de seu discurso. Muitos acusam o Jornalismo Literário de não ser “jornalismo de verdade”, por trabalhar fatos reais com linguagem e métodos de ficção. Alguns teóricos estipulam que esse gênero híbrido produz textos meramente adjetivados, impondo-lhe estruturas teóricas que não lhe são próprias.

Reportagens de conotação emocional recheadas de clichês de uma literatura contestável, organizada sem a presença do lead e com pequenos apetrechos linguísticos e estilísticos passam a ser considerados “Jornalismo Literário” pela simples razão de não estar dentro da norma da chamada “pirâmide invertida”, em que as informações mais importantes são concentradas nos dois primeiros parágrafos, com linguagem direta, objetiva, sem floreio algum. O problema de florear uma matéria não a torna literária, equívoco que é estimulado pela crença de que o Jornalismo Literário deva respeitar as mesmíssimas práticas e teorias do jornalismo convencional (BORGES, 2013, p. 181).

Por isso, há uma compreensão de que o Jornalismo Literário é um discurso autônomo, distinguindo seus pontos de distinção e de convergência em relação ao jornalismo tradicional. Para Borges (2013), a técnica narrativa do Jornalismo Literário é confundida com um texto um pouco mais subversivo, irônico, poético, metafórico e

adjetivado, mas que se apresenta com características próprias, não é totalmente ficcional nem totalmente objetivo e referencial.

Jornalismo e Literatura são dois territórios diferentes, mas com interfaces comuns. Com limites tênues, quase imperceptíveis, usam elementos distintos para construir uma narrativa quase híbrida. Segundo Viacchiatti (2005, p.85), “O jornalismo mantém o compromisso com as verdades de um povo. A literatura se permite ser ambígua, dialógica, conotativa e povoada de personagens desprovidos da obrigatoriedade de proximidade com o real”. Com isso, o jornalismo tem a obrigatoriedade de se manter fiel aos fatos, porém, aos poucos, permite utilizar recursos da literatura.

A dramatização dos fatos (o que), com minúcias, valorizando mais seus efeitos (como) sobre a vida dos personagens (quem) do que suas causas (por quê) é o caminho, na visão deste autor. Como se os leitores quisessem saber como vivem, o que pensam, como reagem aqueles que sobre a ação dos fatos. As enunciações tradicionais, com fórmulas fechadas e rígidas, não mais atenderiam às necessidades de uma sociedade em constante evolução [...] Os leitores buscam uma abordagem mais profunda da notícia, uma avaliação de seus efeitos, um entendimento de suas causas, uma visão de como as pessoas de sua época sofrem a ação dos fatos. (VICCHIATTI. 2005, p. 88)

No entanto, o jornalista pode se permitir ultrapassar os limites narrativos, sem perder a função básica do jornalismo que é informar com maior exatidão possível.

A literatura não precisa representar apenas um modelo estético para a narrativa jornalística. Pode, também, ser uma fonte de abastecimento para o jornalista, na medida em que lhe possibilita um maior contato com o mundo, com suas realidades e seu imaginário. São livros que leu e as vivências enriquecedoras da fantasia e da imaginação que provavelmente dão sabor aos textos que escreve. A formação acadêmica lhe desvenda os mistérios da técnica, que implica a maneira mais adequada de dar forma para melhor apresentar o conteúdo. Mas jornalismo vai muito além da técnica, necessita de uma grande parcela de imaginação por parte do jornalista para que a construção de seu texto não se restrinja à retratação fria e distanciada dos fatos. (DUARTE apud VICCHIATTI. 2005, p. 89)

Essa intertextualidade entre jornalismo e literatura é que suscita dúvida em muitos teóricos. Enquanto o jornalismo lida com o dito real, com o que se sucede, a literatura lida com o que poderia ter se sucedido. Nesse sentido, recursos como a humanização dos textos conseguem dar veracidade aos fatos que estão sendo narrados. A humanização da informação e o papel do jornalista como narrador buscam melhorar a forma de recepção de notícias.

3 METODOLOGIA

O presente produto *Livro-reportagem: uma proposta de criação de perfis de artistas paraibanos a partir do jornalismo literário* caracteriza-se como sendo um estudo exploratório de natureza teórico-aplicada, que une estudos bibliográficos sobre Jornalismo Cultural, Jornalismo Literário, Livro-reportagem e Perfis jornalísticos, no qual serão publicados perfis de artistas da Paraíba.

A pesquisa bibliográfica, num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção de bibliografia pertinente sobre o assunto [...]. Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2010, p. 51)

A ideia é ancorar a história da cultura local com elementos perceptivos do entrevistado, entender o contexto histórico-social do qual o perfilado fez parte e, principalmente, levantar informações pertinentes para traçar um perfil mais detalhado do artista.

Entre as metodologias utilizadas, está também a da Entrevista em Profundidade, que é uma das maneiras mais comuns para tentar compreender a condição humana. Neste sentido, a entrevista em profundidade é

uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistado ajustar livremente as perguntas (DUARTE, 2010, p. 62).

Esse método é bastante flexível e útil para compreensão de uma realidade, tanto para abordar questões relacionadas ao íntimo do perfilado, como para descrever os processos nos quais ele está envolvido. Para se realizar este tipo de metodologia podem-se utilizar alguns instrumentos de coleta, como: anotações, gravação, telefone, internet. A entrevista em profundidade pode ser caracterizada como uma técnica dinâmica e flexível.

É útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de

processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. É uma pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado, que guarda similaridade, mas também diferenças, com a entrevista jornalística. São próximas no sentido de buscar informações pessoais e diretas por meio de uma conversação orientada, no cuidado, rigor e objetivo de compreensão e na noção que há, explicitamente, um participante interessando em apreender o que o outro tem para oferecer sobre o assunto. (DUARTE, 2010, p. 64)

Para a produção dos perfis ainda será utilizado o método biográfico, que possibilita um mergulho na vida do entrevistado. “Os perfis são um exercício de sensibilidade, percepção e estilo. São formas de despertar o interesse do leitor, oferecendo ao principal foco das publicações uma leitura leve e prazerosa, com informações verídicas e factuais”. (GOOBI, 2010, p.86).

O método biográfico é bastante utilizado na construção de histórias de vida, com o objetivo de enriquecer sua própria informação com a experiência do entrevistado e conhecer a visão que ele teria sobre os acontecimentos.

Lowenthal formatou quatro aspectos para abordar. Primeiro, ‘os aspectos sociológicos do ser humano’ – as relações com outras pessoas, o padrão da vida cotidiana e a relação com o mundo em que vive. Segundo a psicologia: a natureza do desenvolvimento e a estrutura da personalidade. Terceiro, a história: o encontro com o mundo, o objeto-mundo compreendido ou incompreendido. Quarto, a evolução dos três âmbitos anteriores, mais ou menos conscientes transmitidos pela linguagem do biógrafo (VILLAS-BOAS, 2002, p.40).

Nesta perspectiva, o método biográfico utiliza as fontes primárias e secundárias para desenvolver a pesquisa. As primárias, que são aquelas documentadas, podem ser documentos não oficiais e oficiais, correspondências, clippings, livros de memórias e autobiografias, testemunhos orais, questionário, fotos e diários. As secundárias são as que precisam da lembrança do entrevistado. Por isso é utilizada como ferramenta a entrevista.

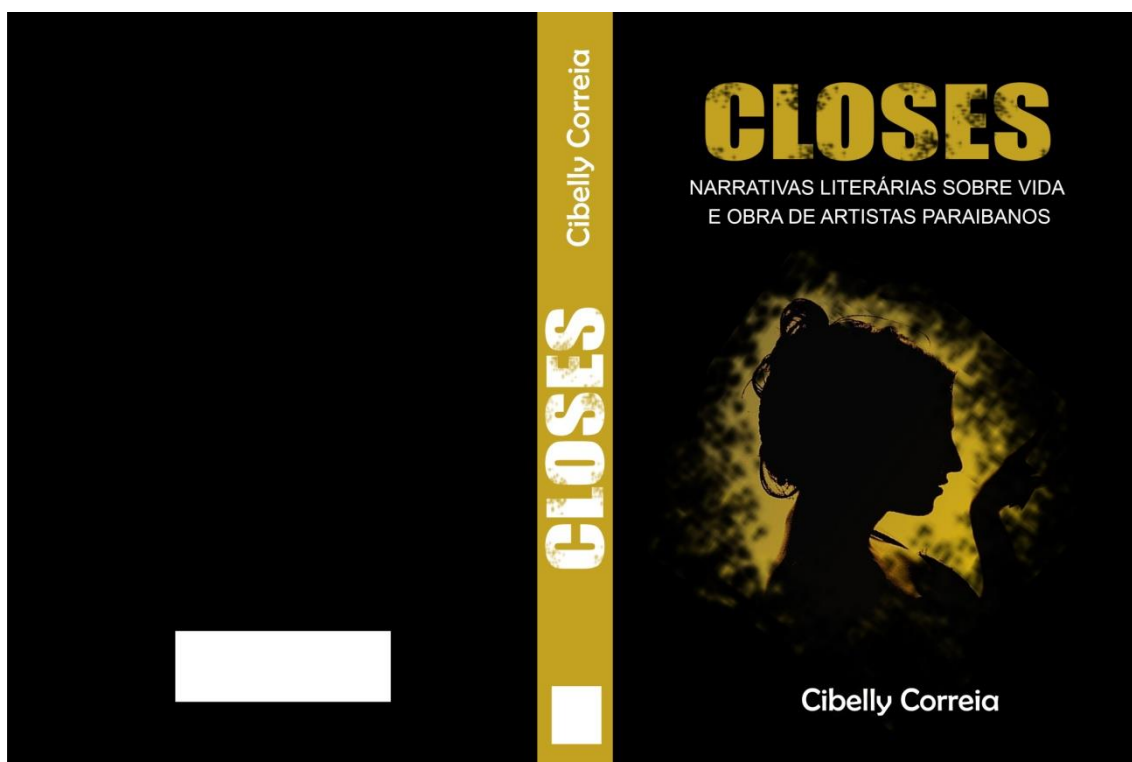
4 RESULTADOS DO PRODUTO MIDIÁTICO

4.1 Planejamento e construção do livro-reportagem

O livro-reportagem tem cinco perfis de artistas paraibanos, usando o estilo narrativo do Jornalismo Literário. O título do livro-reportagem se chama “*Closes* –

Narrativas literárias sobre vida e obra de artistas paraibanos”. O nome é uma derivação de um dos conceitos de perfis, chamado *close up*. Também é uma referência ao tipo de plano realizado na produção audiovisual, caracterizado pelo enquadramento fechado, exibindo exclusivamente uma parte do objeto ou assunto filmado. Pode ser compreendido ainda como a aproximação da câmara em relação ao objeto ou personagem. Originária do inglês, *close* pode significar tanto fechar (to close) quanto próximo (close to). Além disso, convidou-se a Héllida Gilliane de M. Villardo, graduanda em Biblioteconomia, pela Universidade Federal da Paraíba e Pesquisadora CNPq – PIBIC no projeto “Avaliação de websites de editoras universitárias do nordeste na perspectiva dos estudos de usabilidade e arquitetura da informação”, para fazer a arte da capa e dos capítulos do livro.

Imagem 1 - Capa do livro-reportagem



No projeto editorial, a parte interna do livro será dividida em:

- Introdução

No lugar de uma breve apresentação do que foi o projeto, foi feito na introdução um texto seguindo o mesmo estilo dos perfis, atribuindo elementos literários.

Fiz apenas um pequeno parágrafo sobre o momento em que conclui as narrativas e sobre o que eles significam para mim.

- Capítulos

Cada capítulo é referente a um entrevistado, contendo uma capa específica, com uma arte, nome do artista e título. Todas as capas foram feitas seguindo o mesmo conceito, mostrando só parte da fotografia do personagem.

Imagem 2 - Arte referente ao capítulo do perfil de Adeildo Vieira



Imagem 3 - Arte referente ao capítulo do perfil de Zezita Matos



Imagem 4 - Arte referente ao capítulo do perfil de Sérgio de Castro Pinto

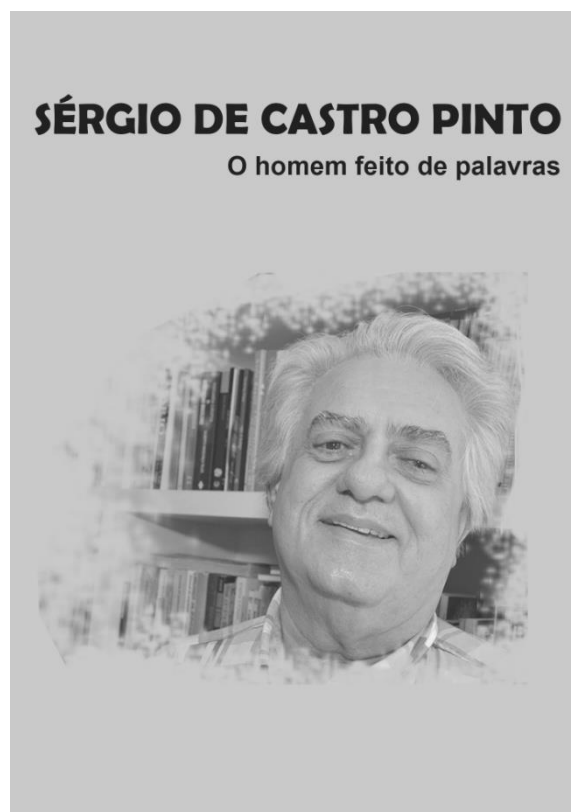


Imagem 5 - Arte referente ao capítulo do perfil de José Enoch

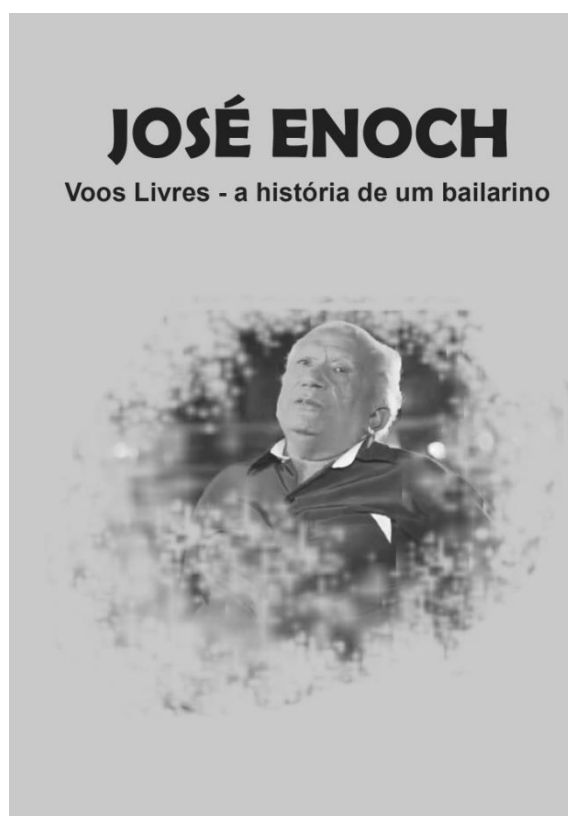
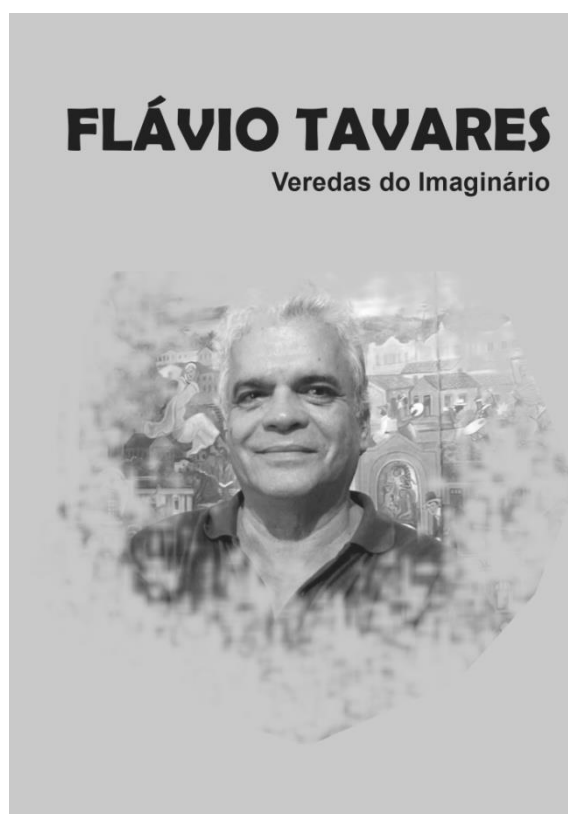


Imagem 6 - Arte referente ao capítulo do perfil de Flávio Tavares



4.2 Processos de produção dos perfis

Os instrumentos metodológicos apresentados são essenciais para a construção de um bom perfil. Mas, além de se ter uma boa pesquisa bibliográfica, entrevista e certa vivência com o entrevistado, é necessário realizar um bom planejamento para que os métodos sejam realizados com eficiência.

A partir de leitura de autores como Vilas Boas, Edvaldo Pereira Lima, Felipe Pena, José Castelo, Eduardo Belo, entre outros, foram observadas as principais técnicas para construção de um livro-reportagem, para a elaboração de perfil, além das características para a produção de um texto em Jornalismo Literário.

Nesse sentido, todos os perfis seguiram os mesmos processos de produção. A primeira etapa foi a escolha dos personagens. Foi realizada uma triagem de alguns artistas paraibanos, separados por segmentos artísticos, na qual foram escolhidas pessoas que já têm uma carreira consolidada, de modo que se possa construir um novo olhar sobre o entrevistado e sobre sua trajetória artística, trazendo elementos históricos na construção do perfil.

Após a escolha dos personagens, é elaborada a pauta, buscando informações que servem de norte para construir um bom perfil. A pauta é apenas um breve roteiro, que visa ajudar na realização da entrevista e um procedimento importante para a construção do livro-reportagem. Para construir uma boa pauta foram realizadas pesquisas na internet ou em materiais impressos sobre cada entrevistado, buscando informações pontuais sobre os personagens. As perguntas foram planejadas tendo como foco a vida pessoal, a trajetória profissional e o contexto histórico-cultural do qual o perfilado fez parte. Para elaborar um texto no estilo de Jornalismo Literário, é interessante elaborar uma pauta que abranja temas complexos e atemporais.

A reportagem em geral nasce de pauta – e com o livro-reportagem não é diferente. A pauta no livro, pelas características do veículo, tornou-se bem distinta do modelo que se pratica hoje na maioria dos jornais. Ela precisa de mais detalhamento, de modo a permitir uma antevisão do que será o produto final. Precisa prever os caminhos que a apuração tem de seguir e antecipar, pelo menos em parte, o resultado final. Como representa o começo do planejamento, a pauta tende a influenciar decisivamente o andamento da reportagem. Existem semelhanças também: da mesma forma que nos jornais, a pauta de um livro nasce da leitura (de periódicos, outros livros), das informações colhidas na rua, de uma sugestão de amigos ou leitores, de uma observação empírica. (BELO, 2013, p. 75)

Em seguida, parte-se para a captação (ou apuração). A apuração é a essência do jornalismo. Segundo Belo (2013, p.86), “o caráter documental e o volume de informações necessário exigem um compromisso muito grande com a exatidão e com a compreensão dos dados recolhidos”. A captação permite observar o ambiente, o próprio entrevistado e outros eventos, ou seja, elementos que também compõem uma apuração tradicional. Nesta etapa, será utilizado o método da Entrevista em Profundidade. Ademais, autores de perfis devem estar atentos a quatro processos fundamentais para se construir um bom texto: os espaços, os tempos, as circunstâncias e os relacionamentos.

Os espaços são os locais dos encontros do autor com o protagonista e/ou com as pessoas próximas a ele/ela. Os espaços ampliam a percepção sobre o estilo de vida (*life style*), entre outras coisas. Os tempos compõem a trajetória de vida do indivíduo. Essa trajetória não é necessariamente linear. O tempo está contido no lembrado (pelo protagonista e por seus coadjuvantes) e no vivido (autor e protagonista, juntos, aqui e agora). As circunstâncias englobam o imponderável. Caso o imponderável afete muito o processo de pesquisa e os diálogos, o texto então deve refletir também a consciência do autor sobre o que ocorreu nos bastidores. Os relacionamentos (“infinitos enquanto durem”) trazem à tona as expressões (verbais e não verbais) intrínsecas ao protagonista. Os relacionamentos geram imagens, possibilitam *insights* e fixam o que é indiscutível próprio do personagem. (VILAS-BOAS, 2014, p. 281)

A entrevista permitiu observar as linguagens verbais e não-verbais de cada personagem (gestos, expressões etc) e seus aspectos psicológicos. As entrevistas com os personagens foram gravadas. Durante o processo de observação e de conversa foram feitas anotações de forma objetiva, de modo que pudesse dar maior enriquecimento ao texto.

Em determinadas reportagens de caráter mais documental, a entrevista pode não ser a origem principal das informações, mas continua relevante. Um personagem da história, uma testemunha dos fatos ou um especialista no assunto podem dar uma interpretação mais vívida que o registro documental puro e simples. Quando se trata de perfis, biografias e narrativas de histórias de vida, os relatos de quem conviveu com o protagonista são imprescindíveis para enriquecer o texto e dar a ele um aspecto mais humano. As pessoas têm percepções e perspectivas, fazem seus próprios juízos uma das outras e, por isso, conseguem revelar impressões que não se encontram nos documentos. (BELO, 2013, p. 101)

A última parte é a edição da reportagem. Escrito no estilo de Jornalismo Literário, os perfis são produzidos com elementos que dão leveza e aprofundamento ao texto. Nesse sentido, observaram-se algumas técnicas utilizadas por autores do *new journalism*, que funcionam muito bem em reportagens em profundidade e, principalmente, na produção de um livro. Entre as principais técnicas estão: reconstituir

detalhadamente os fatos e os cenários, descrever cena a cena, reproduzir diálogos, evitar passagens abruptas de um assunto para outro, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, romper os limites do lead e aprofundar os relatos.

O Perfil tanto pode ser uma narrativa biográfica como autobiográfica, porque é um texto que transmite algo a respeito do autor. Lembre-se que esse texto não é a última palavra sobre o entrevistado, que nada será totalmente natural nem espontâneo. É importante que o jornalista conheça um pouco o personagem que escolheu para fazer o perfil. Não idealize o entrevistado. Procure encontrar o universal no singular (e vice-versa). Tente não encontrar uma definição para o personagem, procure achar a sua imagem definidora da pessoa. É essencial que toda a narrativa gire em torno do entrevistado ou então não será um texto-perfil. Busque compreender o seu personagem. Não atribua ao leitor as suas vagas ideias sobre o que constitui uma qualidade ou um defeito. Escute as opiniões de seu personagem sobre a área em que ele atua.

Para construção de um Perfil, é necessário pesquisar temas correlacionados à história e à atividade da pessoa. Frequentar os lugares que ele frequenta e conviver com pessoas próximas ou não a ele, pois, muitas vezes, elas podem ter algo a falar sobre o protagonista. Observe e anote os acontecimentos. Fique sempre atento à linguagem verbal e a não-verbal. Faça uma ampla apuração. Se possível, analise o material apurado no mesmo dia em que ele foi coletado.

Na narrativa, é importante colocar a fase atual do seu personagem. Misture momentos atuais com episódios do passado. Selecione alguns momentos: melhor ter uma história bem contada do que várias sinopses. Acrescente ao texto o máximo possível de detalhes relevantes. Descreva as cenas marcantes dos seus encontros com o entrevistado. É interessante ainda mesclar narração com descrição (físicas e psicológicas). Lembre-se de que todo momento é único e cada perfil reflete uma ocasião.

É preciso destacar que estas técnicas não são regras para todos os perfis e para a produção de um livro-reportagem, mas são diretrizes essenciais para se ter um bom conteúdo, apresentar novas perspectivas do tema escolhido e proporcionar uma maior liberdade textual, que possa ser clara e atrativa para o leitor. Todos os procedimentos utilizados na elaboração do livro-reportagem têm como método o trabalho do jornalista, garantindo-se a natureza jornalística do produto.

4.2.1 Processos de produção do perfil de Adeildo Vieira

Após a escolha do músico paraibano Adeildo Vieira para fazer parte desse projeto, iniciou-se o processo de observação, com o propósito de identificar gestos, atitudes, pensamentos, gostos, ou seja, elementos comportamentais e psicológicos do entrevistado. Devido à proximidade com o personagem, por este também ser aluno do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, pode perceber-se características próprias da sua personalidade, como o humor, a boa expressividade oral e escrita, os fortes laços familiares e de amizade, o amor pelo trabalho etc. O show comemorativo dos 30 anos de carreira e de ativismo cultural que Adeildo Vieira realizou na Usina Cultural Energisa, em 19 de julho de 2014 serviu como parte do processo de observação, na tentativa de ver a postura do personagem no palco e sua relação com a arte; ainda que não soubesse se algum elemento deste processo serviria de inspiração na construção do texto.

A pesquisa bibliográfica aconteceu só em 2015, após embasamento teórico e orientações. Para elaborar o perfil de Adeildo, foi necessário fazer uma pesquisa sobre a vida e a obra do artista. O levantamento histórico foi realizado em junho de 2015. Uma das principais fontes de informação foi o *site* do cantor, no qual se pode verificar a trajetória artística em tópicos e por datas; a autobiografia, que esmiúça um pouco da sua história de vida; um breve release feito pelo escritor Lau Siqueira e outro no qual contém uma apresentação de quem ele é. A página oficial do músico também conta com um currículo do artista, que esclarece as premiações e os eventos dos quais ele participou. É possível ainda obter e ouvir os discos, CDs e DVDs que fazem parte da sua carreira e os que ele participa. Apresenta também agenda, fotos e vídeos, material para a imprensa, para a parte técnica e uma área reservada para contatos.

Uma breve pesquisa na internet, por meio do nome Adeildo Vieira, também trouxe algumas notícias e músicas do artista. Após estas pesquisas, foi elaborada uma pauta envolvendo diversos assuntos, entre eles: carreira, família e novos projetos.

A primeira entrevista foi realizada no dia 16 de julho de 2015, na residência do músico, lugar que serviu de base para a construção de alguns cenários. Tentou-se seguir a elaboração de algumas perguntas; outras foram surgindo no desenrolar da conversa. Foram feitas fotografias de alguns objetos da casa, que serviram de inspiração para o texto.

O segundo encontro foi realizado no dia 20 de julho de 2015, também no apartamento de Adeildo. O objetivo da visita era obter algumas imagens e arquivos pessoais do músico que poderiam servir para a construção do perfil. Foram mostradas oito pastas, contendo clipping de notícias, materiais de shows (folder, cartazes) e cartas da família. Arquivos com fotos, que foram digitalizadas, também foram cedidos pelo artista.

Pode-se utilizar uma fotografia para servir de suporte no processo criador da reportagem. As fotos podem fornecer ao jornalista subsídios para que ele possa descrever um fato importante ou até mesmo a própria imagem.

A partir do método acima, tentou-se também colocar em prática alguns processos aprendidos durante a disciplina Práticas Investigativas em Jornalismo, ministrada pela professora Sandra Moura, no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB. Foram aplicadas algumas técnicas investigativas, usadas na prática do Jornalismo Investigativo, como, por exemplo, o uso dos Documentos de Processo, que serviram de inspiração para a produção do texto.

Os documentos de processo são, portanto, registros materiais do processo criador. [...] Esses documentos desempenham dois grandes papéis ao longo do processo criador: armazenamento e experimentação. O artista encontra diversos meios de armazenar informações, que atuam como auxiliares no percurso de concretização da obra, e que nutrem o artista e a obra em criação. [...] Outra função desempenhada pelos documentos de processo é a de registro e experimentação, deixando transparecer a natureza indutiva da criação. Nesse momento de concretização da obra, hipóteses de naturezas diversas são levantadas e vão sendo testadas [...]. Entrevistas, depoimentos e ensaios reflexivos são documentos públicos que oferecem, também, dados importantes para os estudos do processo criador. (SALLES, 1998, p. 17-19)

Essa técnica permitiu perceber que fotos, documentos e diversos materiais podem servir de base para a elaboração de um bom texto, seja ele literário ou jornalístico. Para isso é necessário detalhar o objeto em questão, tentando proporcionar ao leitor a construção imagética do elemento ou de um fato ocorrido.

Citando como exemplo, a imagem 7 (abaixo) faz referência ao programa do show Questão de Ordem, elemento essencial que serviu de inspiração para a produção do texto.

Imagem 7 - Programa do Show Questão de Ordem



Adeildo integrou o Musiclube da Paraíba, de 1983 a 2002, colaborando com vários projetos culturais produzidos pela entidade. Uma das suas primeiras apresentações realizadas no Teatro Lima Penante, em João Pessoa tinha uma programação feita de uma maneira muito simples, um tanto artesanal. No centro do cartaz uma fotografia de Adeildo em preto e branco. O seu nome tinha sido desenhado à mão em estilo tribal e abaixo o nome do espetáculo recortado e colado. Atrás da folha o símbolo do Musiclube e o slogan: Chega de brigar sozinho. (CORREIA, 2016, p.9)

É importante acrescentar que as informações cedidas pelo músico, durante a entrevista, foram mescladas com a descrição de um objeto que fez parte da apresentação, que é o programa de um dos shows que marcou a carreira de Adeildo Vieira.

Outros elementos também serviram para a construção da narrativa, como, por exemplo, os clippings da notícia, que podem ser conferidos na imagem 8 (abaixo). Não são necessários que os textos dos jornais façam parte do Perfil. Entretanto, estes componentes são usados para ter maior conhecimento sobre um determinado fato.

Imagem 8 - Clipping da notícia



Outros documentos também serviram de base para a produção do perfil. Destaca-se a monografia intitulada *Musiclube da Paraíba: uma prática não-formal de democratização da arte e da cultura*, elaborada por Maria Déa Limeira Ferreira dos Santos, apresentada ao Curso de Especialização "Fundamentos Metodológicos da Apreciação e Crítica no Ensino das Artes", da Universidade Federal da Paraíba. O trabalho serviu para compreender este movimento cultural de que o artista fez parte, comprovar a veracidade das informações e inspirar a produção narrativa do texto.

Como uma técnica essencial na prática do Jornalismo Literário, tentou-se reproduzir os diálogos do próprio músico, descrever os cenários através das lembranças de Adeildo e do próprio método de observação.

No perfil do músico Adeildo Vieira, foram incluídas informações sobre o lançamento do seu novo trabalho, "África em Mim". Além disso, incluíram-se trechos de suas músicas à narrativa, já que as letras são parte da sua história e da sua vivência.

4.2.2 Processos de produção do perfil de Zezita Matos

A escolha da atriz para compor este trabalho se deu pela sua longa e consolidada carreira no teatro e no cinema. Nosso primeiro contato foi por meio da rede social "Facebook". Apresentei-me e falei sobre a proposta. Zezita, sempre prestativa, logo se disponibilizou para colaborar com o projeto.

Para realizar a pauta do nosso encontro, tive que assistir a alguns filmes que ela participou, tais como *A História da Eternidade*, por exemplo.

O documentário *O olhar de Zezita Matos*, sob direção de Mercicleide Ramos, serviu de embasamento para fazer a pauta da entrevista que seria realizada com a atriz. O filme traz um pouco da vida e obra de Zezita Matos sob uma visão intimista e sensível.

Ao longo dos seus 57 anos de carreira, Zezita tem colecionado uma extensa participação em espetáculos teatrais e filmes. Além disso, tem uma grande atuação como educadora. Com o intuito de colaborar com o projeto para torná-lo mais completo, a atriz disponibilizou alguns dados sobre sua vida profissional, através do seu longo currículo, o que facilitou para saber com exatidão o período de cada trabalho.

Zezita tem uma agenda cheia. Quando não está trabalhando, está com a família ou participando de algum evento. Por isso, nosso encontro foi agendado para quase um mês após o nosso primeiro contato.

A entrevista foi realizada na manhã do dia 24 de setembro de 2015, na sala da Ouvidoria do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), local de trabalho de Zezita. Assim como foi feito no perfil do músico Adeildo Vieira, tentou-se seguir o diálogo a partir da elaboração de algumas perguntas e outras foram surgindo durante a conversa. Pude observar como é o dia a dia dela no trabalho e sua relação com os amigos.

No segundo encontro, que não foi uma entrevista, fui ver a atuação da atriz no espetáculo *Brevidades*. A peça foi apresentada no Festival de Monólogo Só em Cena, realizada na Usina Cultural Energisa, em João Pessoa, no dia 27 de setembro de 2015. Esse momento foi muito importante, pois serviu para a construção de algumas cenas do perfil jornalístico, como pode-se ver no trecho a seguir.

O que você está fazendo aqui? indaga-me, Eleusa. Indaga-me? Ela se aproxima, maquiada, vestida com seu sobretudo rendado e seu chapéu cor de uva. Escondo-me nas sombras. Não saberia o que responder. Vejo Eleusa em seu mundo, formados por uma mesinha, uma xícara de café, uma radiola velha e lapsos de memórias. Perdida entre o presente e o passado, ela mostra como a vida pode ser breve. Eleusa é uma ex-atriz, que se encontra impossibilitada de atuar devido ao avançado estágio do Mal de Alzheimer. Entre lembranças e esquecimentos, ela caminha em direção a um jovem. Pergunta novamente: o que você está fazendo aqui? O jovem, intimidado, gagueja, sussurra algo. Eu não escuto. Ela o pega pela mão e leva para beber um pouco de café. Em silêncio, o rapaz a vê falar sobre a vida, sobre seus questionamentos, observa como os sintomas da doença

podem afetar a subjetividade tanto do doente quanto das pessoas de seu convívio. As falas sensibilizam a plateia. Um senhor, deficiente visual, que ouvia todo aquele discurso, se emociona. Parecia entender as emoções de Eleusa. Ela nos observa. Tira o chapéu. Não vejo mais a personagem, apenas Zezita. O espetáculo Brevidades recorre à experiência de cena de uma atriz para representar o papel de outra atriz, Eleusa, que esquece o que é representar. (CORREIA, 2016, p.33)

Na ocasião, foi possível não só fazer uma análise do ambiente, mas a construção cena a cena, um dos principais elementos para quem pretende realizar um trabalho seguindo as diretrizes do Jornalismo Literário.

Edvaldo Pereira Lima chama isso de cena presentificada da ação, que consiste no relato detalhado do acontecimento à medida que ele se desenvolve, desdobrando-o ao leitor, como em uma projeção cinematográfica. “Presentificar significa apresentar a vida em desenvolvimento para o leitor, não necessariamente empregando o tempo verbal no presente” (VILAS BOAS, 2002, p.83)

O Jornalismo Literário é tido como a forma de fazer jornalismo empregando técnicas da literatura às matérias e às grandes reportagens. Os principais pilares dessa narrativa também servem para a elaboração de um perfil jornalístico. Wolfe (2005) pontua que para se fazer uma boa narrativa de Jornalismo Literário é preciso ter essencialmente quatro elementos: construção cena a cena, diálogos, ponto de vista (ou foco narrativo) e detalhes (ou reconstituição minuciosa).

O básico era a construção cena a cena, contar a história passando de cena para a cena e recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica. Daí os feitos de reportagem às vezes extraordinários que os novos jornalistas empreendiam: para poder testemunhar de fato as cenas da vida das outras pessoas no momento em que ocorriam – registrando o diálogo completo, o que constituía o recurso número 2. [...] Os jornalistas trabalhavam o diálogo em sua mais plena e mais completa e reveladora forma no mesmo momento em que os romancistas o eliminavam, usando o diálogo de maneiras cada vez mais críticas, estranhas e curiosamente abstratas. O terceiro recurso era o chamado “ponto de vista de terceira pessoa”, a técnica de apresentar cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de um personagem particular, dando ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena como o personagem a experimenta. Os jornalistas muitas vezes usam o ponto de vista da terceira pessoa – “eu estava lá” – da mesma forma que o usavam autobiográficos, memorialistas e romancistas. [...] O quarto recurso sempre foi o menos entendido. Trata-se do registro dos gestos hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além de vários outros ares, olhares, poses, estilo de andar e outros detalhes simbólicos do dia a dia que possam

existir dentro de uma cena. [...] O registro desses detalhes não é mero bordado em prosa. Ele se coloca junto ao centro do poder do realismo, assim como qualquer outro recurso da literatura. (WOLFE, 2005, 53-55)

É importante saber que o Jornalismo Literário conta histórias, e as histórias são contadas preferencialmente na construção cena a cena como se fosse uma narrativa cinematográfica. Outro aspecto importante é que o Jornalismo Literário dá muito espaço para impressões e simbolismo. É um jornalismo de observação, impressões e mensuração dos fatos reais. O grande desafio é contar a complexidade do real, onde os aspectos sutis da realidade e os aspectos materiais e concretos estão mesclados. Nesse sentido, buscou-se captar alguns elementos para compor o perfil jornalístico da atriz Zezita Matos, como apresentado no texto a seguir:

Em 1958, fiz a seleção para o Liceu. Era difícilima. Passei. Vi outro mundo. Logo de imediato entrei no Grêmio. Não me pergunte o porquê, mas eu queria procurar outras coisas. Descobri também o movimento estudantil e me envolvi com isso. Lembro que em agosto iria acontecer um congresso em Campina Grande. Eu fiquei louca pra voltar pra cidade. Falei: Ahhh! Vou visitar o Colégio das Damas. Claro que fui de trem de João Pessoa para Campina. Quando chegamos à estação ouvi todo mundo dizendo: Breno Nicotina chegou. Ele era chamado assim porque fumava um cigarro atrás do outro. Olhei para aquele rapaz lindo, vestido com blusão de James Dean e disse: É ele. Esse momento marcou minha vida profunda e definitivamente. Isso aconteceu no dia 13 de agosto, no dia 18 eu estava namorando ele. (CORREIA, 2016, p.24)

Um dos gêneros mais destacados do Jornalismo Literário e talvez o mais cativante é o Perfil. O perfil é um retrato quase psicológico do indivíduo, seja ele uma celebridade ou um anônimo. Essa é uma narrativa biográfica, porém mais enxuta do que a própria biografia. Contudo, existe diferença entre o perfil e a biografia além da própria extensão? O autor de perfil se concentra apenas em alguns aspectos da vida de uma pessoa. Villas Boas (2014) esclarece que o que difere algumas biografias do perfil é que os autores têm que enfrentar as particularidades da história do personagem e muitas vezes contemplam até suas ancestralidades e ocorrências póstumas. A biografia é um conjunto de textos biográficos (facetas, episódios, legados, etc.). Os textos biográficos, que muitas vezes são tratados como esboços ou retratos, apesar de menores em relação à própria biografia, não perde em qualidade.

É possível fazer um Perfil a partir de apenas um encontro com a pessoa a ser entrevistada, como vemos podemos ver em alguns textos biográficos de autores como

Sérgio Vilas Boas e José Castello. Os autores traçam um perfil a partir das informações e impressões tidas durante a própria entrevista. Ainda é possível fazer um *close-up* sem encontrar o personagem. Essa foi a ideia para a construção do perfil “Frank Sinatra está gripado”, escrito pelo jornalista Gay Talese, e publicado na edição de abril de 1966 da revista *Esquire*.

Talese desembarcou em Los Angeles para um encontro, mas Sinatra se recusou a ser entrevistado exatamente porque estava gripado. Em vez de retornar a Nova York sem o texto, decidiu ficar nos arredores, à espera de uma oportunidade para ao menos trocar algumas palavras com “The Voice”, o que, na verdade, não aconteceu. Restou-lhe, então, seguir os passos do seu personagem por bares, estúdios, programas de TV, cassinos e lutas de boxe. Estava presente, por exemplo, em um bar de Beverly Hills, onde Sinatra bateu boca sem mais nem menos com Harlan Ellison, um jovem roteirista de Hollywood. O diálogo foi reproduzido tal qual ocorreu, transmitindo não apenas a exaltação de ânimos como o humor intragável de Sinatra naquela noite. (VILAS BOAS, 2002, p. 95)

O processo de produção do perfil vai depender de cada autor. No caso dos perfis que foram realizados para este trabalho, pretendeu-se apenas ter contato com a pessoa que seria perfilada, buscando observá-la e compreendê-la. Os encontros com os personagens foram realizados apenas uma única vez. Seria possível construir uma imagem de uma pessoa a partir de um único encontro? Sim. Essa técnica foi utilizada por Vilas Boas (2003, p.9) onde ele revela que “entre uma e outra reportagem especial, procurei retratar o presente – e alguns episódios marcantes da vida – de cada um desses escritores com os quais me encontrei uma única vez, geralmente em suas respectivas residências”.

A busca de outros olhares sobre a pessoa perfilada também pontua outra diferença entre o perfil e biografia, e até mesmo o perfil em profundidade. Para construir uma biografia ou um perfil em profundidade é necessário transitar entre os ambientes e pessoas que convivem ou conviveram com o entrevistado, e principalmente ter maior profundidade na investigação dos fatos.

Percebe-se também que um dos fatores que precisa ser discutido é a cronologia sequencial dos textos biográficos. É interessante entender que a maioria das biografias e até mesmo perfis têm uma tendência a serem escritos de maneira cronológica. Vão narrando ações do indivíduo desde a infância até a fase adulta. Mas isso é algo que precisa ser repensado. Não é a sequência cronológica que irá dar sabor ao texto, mas os elementos básicos da literatura.

4.2.3 Processos de produção do perfil de Sérgio de Castro Pinto

O poeta e escritor Sérgio de Castro Pinto foi o terceiro entrevistado. A entrevista foi realizada na casa dele em 14 de janeiro de 2016. Como já foi dito, foram feitos alguns questionamentos básicos de maneira geral para cada pessoa, complementando com questões pontuais sobre sua arte e seu envolvimento na cultura local. Para fazer as perguntas ao escritor, li o livro *Sanhauá: Uma ponte para modernidade*, de Hildeberto Barbosa Filho, que fala do grupo do qual o poeta fez parte na década de 1960 e de grande importância histórica para a cultura local. Outro ponto que precisamos destacar é como a internet facilita o acesso a entrevistas, matérias e a história de cada artista. Através dessa ferramenta, pude ter aproximação com os poemas do escritor, programas de TV dos quais ele participou e até alguns estudos sobre sua obra.

Tendo como local de encontro a residência do escritor, se pode construir um cenário, a imagem da sua própria personalidade e de seus gostos. O poeta me presenteou com dois de seus livros “*A Flor do Gol*” e “*O Leitor que Sou*”, além do seu mais recente trabalho, que foi gravado em CD, intitulado “*Muito além da Trobapana e de Pársagada – Sérgio de Castro Pinto por Sérgio de Castro Pinto*”. Esse último trabalho me fez ter acesso à boa parte de sua poesia, além de me dar margem a criatividade e me permitir usar trocadilhos com as palavras Trobapana e Pársagada para a construção do texto.

Bandeira idealizou Pasárgada, como um local de paisagem fabulosa, um país das delícias. Buscou uma espécie de paraíso para vivenciar os atos comuns da vida. Pasárgada representa o mito da felicidade. Onde se apresenta a realidade de dois mundos distintos, o presente e o imaginário; o que se nega e o que se deseja. O poeta, que procurava seu paraíso particular no mundo das palavras, o significado da vida diante das coisas simples, encontrou Bandeira. Bandeira o impressionava por extrair o novo de dentro do velho. Mostrava a tradição com ares de renovação. E nas longas estradas da poesia, o poeta escolheu Bandeira como tema do seu mestrado em Letras. (CORREIA, 2016, p.45-46)

Na construção do perfil, ao utilizar elementos do Jornalismo Literário para construir a narrativa, pode-se perceber uma linha tênue que separa o escritor do jornalista/repórter. Seria possível separar um do outro? Isso diferenciaria um romance de uma reportagem? Primeiro é necessário entender qual a diferença entre escritor e jornalista/repórter.

Creio que o escritor habita um abismo existente entre a imaginação e a realidade. O escritor, eu diria, tem um pé na imaginação, outro no real a se oferecer, para usar uma imagem de Rilke, como um espécie profana de anjo, que se lança no abismo na esperança de tapá-lo. O escritor é um habitante privilegiado desse abismo entre o destino e a liberdade de escrever para tentar preenchê-lo, num esforço para ligar as duas partes – tarefa que, na verdade, jamais conseguirá cumprir. O jornalista, ao contrário, tem por princípio o apego radical à realidade. ele a privilegia e sua tarefa, igualmente impossível, é escavá-la, trazê-la à luz e jamais traí-la. Nesse sentido, jornalismo e literatura são atividades absolutamente distintas, embora estejam marcadas pela mesma impossibilidade. Por mais que se agarre ao real, o jornalista jamais deixará de estar lidando, também e sempre, com aspectos imaginários, ou ilusórios – e nesse sentido, sobretudo nas mãos dos grandes jornalistas, daqueles que já perderam as ilusões a respeito da ‘verdade absoluta’ e da ‘pureza dos fatos’, o jornalismo pode se aproximar sim, um pouco da literatura. Mas jamais será literatura. (BRITO, 2007, p. 109)

O jornalismo, tradicionalmente em sua forma teórica e prática, tem como objetivo transmitir a informação de forma objetiva, mostrando os fatos por ordem decrescente de importância – conforme o conceito do *lead*, que responde a seis perguntas básicas para ter o resumo do que vai ser noticiado: O que? Quem? Quando? Onde? Por que? e Como?. O Jornalismo Literário veio como uma forma mais radical desse estilo de jornalismo, impondo melhorias estéticas com a adesão de elementos literários. Nesse sentido, é difícil visualizar onde termina o jornalista ou o escritor. Será possível uma reportagem, perfil ou biografia ser um trabalho literário? É necessário perceber que um fato verdadeiro dentro de um romance pode levar a crer que todo o resto é legítimo, como também algo ficcional pode dar margem à reportagem ser apenas um texto literário.

O escritor, na criação literária, concede-se uma certa liberdade, desconhecida do jornalismo. Esta atividade continua bastante conservadora: existem leis sobre difamação e calúnia, e o que se pode escrever nos jornais fica limitado. Eu mesmo nunca tomo liberdades com os fatos quando sou jornalista... Nunca escrevi um conto ou um romance no qual uma linha, um episódio, não compreenda uma parte da realidade. Mas a diferença entre jornalismo e a literatura não provém daí. Uma grande reportagem pode ser um trabalho literário. O leitor é quem diferencia radicalmente o que lê. Imagine um único fato inexato basta para desqualificar um artigo, enquanto um único fato verdadeiro dentro de um romance leva a crer que todo o resto é autêntico. (BRITO, 2007, p. 76)

Permiti-me ainda testar outros elementos na construção desse perfil. Até mesmo tentando ritmar o texto em forma de poesia, tentando traçar um pouco das características

personagem. Assim como na narrativa de Adeildo Vieira, foi colocado no texto um pouco da sua obra, citando trechos ou poemas do escritor.

4.2.4 Processos de produção do perfil de José Enoch

A construção do perfil do bailarino Enoch buscou-se alternar o foco narrativo. É claro que se colocou as falas e um pouco da história que ele contou. Porém, poucos arquivos foram encontrados na internet. O maior registro que se teve sobre a vida de Enoch foi através do documentário intitulado *Vozes da Dança*, que é um projeto de pesquisa de história da dança, com a finalidade de reunir relatos de pessoas que testemunharam e contribuíram para as configurações da dança paraibana ao longo das décadas de 1970 e 1980. Este projeto é um desdobramento da linha de pesquisa Dança: história, discursos e práticas, do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Corpo Cênico -- NEPCênico, vinculado ao Departamento de Artes Cênicas -- DECEN, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, e está disponível no YouTube . Os outros conteúdos, como entrevistas e matérias de jornais relatavam de modo superficial a vida do bailarino, talvez pelo fato dele ter passado a maior parte de sua carreira fora do Brasil. O que mais aparecia na internet em relação ao artista era a abertura de inscrições para as aulas no Studio de dança ou referente aos espetáculos de ballet que ele realiza todo o ano com seus alunos.

Nosso encontro foi realizado no dia 12 de fevereiro de 2016 em sua residência, local também do Studio de Ballet José Enoch. O bailarino mostrou ser uma pessoa muito discreta, tentando expor de maneira desconexa e não cronológica alguns fatos da sua vida. Senti dificuldade de compreendê-lo e ou tentar se aprofundar na sua história, primeiramente pela falta de conteúdo disponível sobre a sua trajetória artística, segundo pela sua postura durante a entrevista. Enoch me passou um pequeno livro, que falava um pouco sobre sua vida e que foi distribuído durante o festival de dança realizado pelo Studio, no Natal de 2015. Esse livreto contribuiu para obter algumas informações e até mesmo verificar fotografias antigas conforme as imagens abaixo.

Imagem 9 - Livrinho contando a história do bailarino

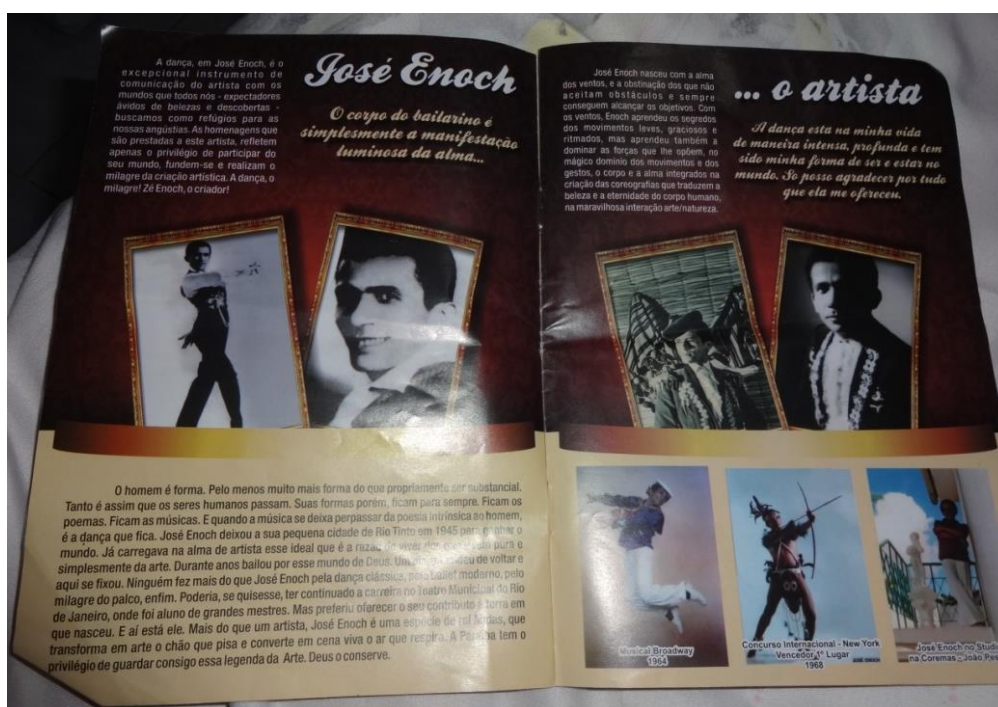


Imagem 10 - Livrinho contando a história do bailarino



O perfil foi escrito principalmente através da minha observação sobre os objetos da sua casa, sobre a atitude e a personalidade do entrevistado. Questiono-me: Até que

ponto seria um texto autobiográfico? Até que ponto o repórter pode emergir na narrativa? Qual o foco narrativo quando o personagem principal “não se mostra”?

O narrador é essencial na composição da narrativa literária e jornalística, pois é ele quem conduz a história. A perspectiva do narrador em relação aos fatos é conceituada como foco narrativo. Medina (1990) esclarece que também pode ser conceituado como Ponto de Vista, sendo este mais adequado à literatura e o foco narrativo ao jornalismo. O foco pode se manifestar sob três possibilidades: o narrador faz parte da narrativa como personagem (primeira pessoa); ou ele tem uma visão de fora do acontecimento (terceira pessoa) ; ou escrita na segunda pessoa, esta, porém, sendo mais rara.

A narrativa em terceira pessoa, em que, convencionalmente, o autor permanece invisível, se subdivide na classificação de Alfredo Leme Coelho de Carvalho em: 1) Onisciência neutra externa, em que o narrador descreve dados externos às personagens e dá a aparência de não-participante. 2) Onisciência externa interpretativa: o narrador sabe de tudo que está se passando e comenta os acontecimentos. 3) Onisciência neutra plena, quando o autor penetra na intimidade dos sentimentos tanto quanto narra a ação externa, mas permanece como se não fizesse parte desse mundo, distanciado. 4) Onisciência interpretativa, que pressupõe participação e comentários tanto no nível externo quanto no nível interno das personagens. 5) Onisciência imediata: sem comentários elaborados dos pensamentos do narrador tomam a aparência e virem à tona no momento. Quanto à narração em primeira pessoa, as variáveis propostas pelo mesmo autor são as seguintes: 1) Narrador observador, distanciado. 2) Narrador protagonista, que se funde na ação dos personagens. 3) Foco narrativo mutante – ocorre uma mutação, sem pedir licença, de , por exemplo, um narrador observador em primeira pessoa, para um narrador oniciente de terceira pessoa. 4) Narrador que interfere em registros casuais que podem assumir tons de objetividade, interpretação, impressionismo ou “infidelidade” (mentira deliberada, pois não há autor que mente?). 5) Aperceptivo, o que Alfredo L. C. de Carvalho conceitua como o narrador que faz referência ao ato de narrar, que assume uma postura metalinguística. Quanto à narrativa em segunda pessoa, o autor indica que se trata de um foco narrativo raro. (MEDINA, 1990, p. 71-72)

Na construção do perfil do bailarino José Enoch, como também nos outros textos, tentou-se alternar o foco narrativo. Nessa narrativa senti dificuldade de conseguir informações do personagem, tanto através da sua fala como por meio do processo investigativo.

Uso padrão é, sem dúvida, o ponto de vista onisciente neutro externo, o que pretende narrar ou descrever “com objetividade” os fatos e transcrever as declarações das fontes de informação levantadas pela pauta em questão. [...] Da mesma forma, ao lidar com o perfil humanizado, o próprio conteúdo do entrevistado exige uma pesquisa

de expressão, uma opção pelo ponto de vista mais eficiente. (MEDINA, 1990, p. 73)

Mesmo que o foco narrativo seja em primeira pessoa a história não deve ser focada no autor e sim no personagem ou no assunto a ser abordado. Essa subjetividade mostra também algo de autobiográfico e apresenta características que são marcantes no Jornalismo Literário, principalmente tendo a reportagem escrita como forma de romance literário. Tom Wolfe no livro *Radical Chique – O novo jornalismo* esclarece a importância de ousar e alternar o foco narrativo de modo que a reportagem possa dar esse tom romaneado.

Gostava da ideia de começar uma história deixando o leitor, via narrador, falar com os personagens, intimidá-los, insultá-los, provocá-los com ironia ou condescendência, ou seja lá o que for. [...] Escrevia sobre mim em terceira pessoa, geralmente como um espectador perplexo ou alguém que estava no caminho, o que acontecia com frequência. Uma vez, até comecei a história sobre um vício para o qual tinha certa tendência, roupas feitas sob medida, como se outra pessoa fosse o narrador intimidante... tratando a mim com petulância. (WOLFE, 2005, p. 31)

4.2.5 Processos de produção do perfil de Flávio Tavares

A entrevista com o artista plástico Flávio Tavares foi realizada em sua residência no dia 17 de fevereiro de 2016. A casa do pintor é um verdadeiro museu, com obras de arte de vários artistas e dele mesmo. Observando todos os objetos que compõem a casa, foi possível construir bem alguns cenários, fazendo a descrição minuciosa do local e até mesmo da postura do entrevistado durante o encontro.

Como já foi dito, as quatro principais técnicas literárias que destacaram os praticantes do *New Journalism* e do Jornalismo Literário são: construção cena a cena, diálogos, alternância do foco narrativo (ponto de vista) e reconstituição minuciosa (detalhes). Esta última talvez se destaca como sendo uma das ferramentas mais imprescindíveis para biógrafos e para a construção de perfis. A reconstituição minuciosa

Trata-se de reconstruir cenários, gesticulações, hábitos, maneiras, mobiliário, vestiário, decoração, estilo de viajar, comer, arrumar a casa; o modo de educar as crianças, tratar os empregados, os superiores; sem esquecer, claro, observações, poses, modo de caminhar e outros detalhes simbólicos que a cena ou a época possam conter. (VILAS BOAS, 2002, p.89)

A reconstituição minuciosa é utilizada, na maioria das vezes, em biografia por ser um trabalho mais extenso e que requer uma descrição mais aprofundada para dar mais leveza à narrativa. Porém, é possível trazer essa ferramenta para a construção de um texto mais curto, como no caso do Perfil Jornalístico? Procurei utilizar essa técnica para elaborar as histórias, tendo como destaque um trecho do perfil do artista Flávio Tavares.

Flávio foi procurar o diário. A capa dura protegia as folhas fragilizadas pelo tempo. Procurou a parte que falava sobre ele. A data era 15 de janeiro de 1963, dia do seu décimo terceiro aniversário. Leu algumas partes. Não conseguiu entender outras. Levantou os olhos, observando as várias obras penduradas nas paredes. Pensou por um momento. Fechou aquele livro escrito à mão. Suspirou. “foi uma grande surpresa ler. Eu não sabia que meu pai escrevia”, falou. (CORREIA, 2016, p. 60)

Um dos documentos de processo importantes na composição da narrativa foi o livro “Flávio Tavares”, que contém diversas obras do artista, feitas ao longo de sua carreira. No texto procurou-se descrever a capa da obra. Outro documento foi o diário do pai do artista, cujos trechos contribuíram para o enriquecimento do Perfil.

Imagem 11 - Livro de Flávio Tavares



A descrição do livro compôs o texto e fez parte de um diálogo que tivemos sobre as suas principais obras. O artista mostrou a imagem do quadro comentando sobre os elementos que mais gostou.

- Espere um pouco. Quero te mostrar um negócio, ele fala. 3 minutos depois, o artista volta com um livro. O volume de capa dura e preta vinha com seu nome impresso e uma imagem de uma mulher nua em cima de um cavalo. - Aqui juntei algumas de minhas obras. No livro podia se ver pinturas, xilogravuras, painéis, desenhos e até mesmo registros do processo criativo de alguns murais. (CORREIA, 2016, p. 64)

Ao longo da jornada para realização deste trabalho, se aprendeu sobre a relação da entrevista com o ato de observar. Os jornalistas estão acostumados ao ritmo diário das redações e a objetividade dos fatos e são direcionados a realizar uma entrevista mais objetiva e até incisiva na obtenção de algumas respostas dos entrevistados. À medida que se desenvolveram tanto os estudos sobre o modo de construção de um perfil, associada a leitura de autores com Tom Wolfe, Gay Talese, José Castello, Sérgio Vilas Boas, entre outros, foi perceptível que é preciso ter paciência, saber escutar o personagem e observar com cautela as ações durante o encontro. Como explica Gay Talese ao relatar sobre sua postura durante o ato de entrevistar e de observar o personagem:

“Aprendi [com minha mãe]... a ouvir com paciência e cuidado, e nunca interromper, mesmo quando as pessoas estão tendo muita dificuldade para explicar, porque durante esses momentos de hesitação e imprecisão... as pessoas revelam muito”, escreveu Talese em 1996. “O que elas hesitam em falar pode dizer muito sobre elas. Suas pausas, suas evasões, suas mudanças repentinas de assunto são como indicadores do que as constrange, ou as irrita, ou do que consideram muito particular ou imprudente para ser discutido com outro alguém num determinado momento.” (WEINGARTEN, 2010, p.77)

Após estudar sobre os temas que envolvem esse trabalho, (Jornalismo Literário, Perfis e Livros-reportagens), e apreciar leituras dessas narrativas, percebi que a criatividade e sensibilidade do jornalista podem e devem ir muito além do que se propõe o velho jornalismo objetivo. Enveredar por estes caminhos para mim se mostrou ser um grande desafio, quando o famoso *lead* e as narrativas mais diretas martelavam em minha mente ao escrever cada parágrafo do texto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho foi criar um livro-reportagem, de modo que se possa ter outro olhar sobre os artistas paraibanos, resgatar a história e a cultura local por meio das narrativas de vida de cada personagem, explorando a técnica do Jornalismo Literário na construção de Perfis Jornalísticos. O fruto desse trabalho surgiu através de orientações e estudos sobre os temas que envolvem Jornalismo Cultural, Jornalismo Literário, Livro-reportagem e Perfis. O estímulo veio através da possibilidade de fazer matérias mais aprofundadas, que permitam estimular reflexão e gerar conhecimento sobre o assunto e sobre o personagem.

Neste sentido, produziu-se um livro-reportagem em que constam perfis jornalísticos de cinco artistas paraibanos. São eles: Adeildo Vieira, Zezita Matos, Sérgio de Castro Pinto, José Enoch e Flávio Tavares. Foram escolhidos personagens de diversos segmentos artísticos, como música, teatro e cinema, literatura, dança e artes plásticas.

A primeira etapa do trabalho aprofundou algumas teorias sobre o jornalismo literário. Foi preciso estudar e aprimorar o conhecimento sobre o assunto, entender a técnica desse estilo de narrativa e as ferramentas que envolvem a produção de livro-reportagem e dos perfis. Paralelamente, assuntos como jornalismo investigativo e documentos de processo também ganharam certa compreensão para que pudessem ser utilizados na construção dos textos.

O segundo momento envolveu a prática da atividade. Foi feita a pesquisa sobre a vida e a obra dos artistas, a pauta e a entrevista com os personagens. Os perfis foram sendo elaborados colocando em prática as técnicas estudadas.

Para construir a parte gráfica do livro e unir cada vez mais academia e mercado, convidou-se a aluna Héllida Gilliane de M. Villardo, graduanda em Biblioteconomia, pela Universidade Federal da Paraíba e Pesquisadora CNPq – PIBIC no projeto “Avaliação de websites de editoras universitárias do nordeste na perspectiva dos estudos de usabilidade e arquitetura da informação”, para fazer a arte da capa e dos capítulos.

Realizar esse trabalho foi um desafio cercado de aprendizado, pois sair da prática do jornalismo tradicional e aplicar técnicas, até então vistas apenas na teoria, permitiu estimular a minha sensibilidade como jornalista e entender todo o processo de humanização da reportagem.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rhayene; ORSATTO, F. Luzia de Oliveira. **Enlaces do caderno G: jornalismo cultural e os gêneros vigentes**. 2012. Disponível em: <<http://www.adverbio.fag.edu.br/ojs/index.php/RA/article/view/3>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário: Teoria e Análise**. Série Jornalismo a rigor.. Florianópolis: Insular. 2013. v.7

BRITO, José Domingos. **Literatura e Jornalismo**. São Paulo: Novera, 2007.

CARVALHO, Rafael Oliveira. **A crítica cinematográfica sob a perspectiva dos gêneros jornalísticos: o caso Walter da Silveira**. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/viewFile/19745/10907>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

CORREIA, Cibelly. **Closes: Narrativas literárias sobre vida e obra de artistas paraibanos**: s.n, 2016. 67p.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010. cap.4. p.62-83.

FERREIRA, Fábio Gonçalves. **Gêneros jornalísticos no Brasil: estado da arte**. 2012. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/viewFile/1194/1114>>. Acesso em: 06 mar. 2015.

GOOBI, Maria Cristina. Método biográfico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010. cap.5. p.84-97.

GOMES, Fabio. **Jornalismo Cultural**. 2009. Disponível em: <<http://www.jornalismocultural.com.br/jornalismocultural.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 22. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o Livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura**. 2.ed. Campinas, UNICAMP. 1995.

_____. Histórias de vida em Jornalismo Literário Avançado. **Revista Comunicarte**, Campinas, v.1 , n. 25, p. 93-107, 2002.

_____. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: USP. 2014.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1990.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ROSA, Marcia Eliane. **Jornalismo cultural para além do espetáculo**. 2013. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/07-Marcia-Eliane.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 1998.

SILVA, A. Tenório Pontes da Silva. **O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro**. 2009. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2009/Outubro/perfil_jornalismo_amanda.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2015.

SIQUEIRA, D. da Costa Oliveira. SIQUEIRA, E. David de. **A cultura no jornalismo cultural**. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/A-cultura-no-jornalismo-cultural.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Redação: o texto no jornalismo impresso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

SOSTER, D. et al. **Narrativas Literárias no Jornalismo Impresso Diário: o caso dos jornais Zero Hora e Gazeta do Sul**. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0273-1.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2015.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010. cap.3. p.51-61.

TAVARES, R. Torquato de Araújo Tavares. **Livro-reportagem, jornalismo literário e perfil: alternativas para um jornalismo aprofundado e humanizado**. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2736-1.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Paulus, 2005.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografias & Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Perfis:** o mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio. 3.ed. Barueri: Manole, 2014.

WEINGARTEN, Marc. **A turma que não escrevia direito.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

APÊNDICE

CLOSES



Cibelly Correia

CLOSES

NARRATIVAS LITERÁRIAS SOBRE VIDA
E OBRA DE ARTISTAS PARAIBANOS



Cibelly Correia

Introdução

Este é um daqueles dias de sol escaldante em João Pessoa, a cama estava bagunçada cheia de papéis, os olhos com profundas olheiras, livros espalhados, uma xícara de café esfriando em cima da mesa, um ponto final e um sorriso no rosto ao escrever a última narrativa desse livro. Adeildo Vieira, Flávio Tavares, José Enoch, Sérgio de Castro Pinto e Zezita Matos, entrevistar cada personagem proporcionou-me conhecer mais um pouco, me fez percorrer os caminhos da história e da nossa cultura e compreender os medos e as lutas de cada um. Essas folhas não narram apenas os breves momentos da vida desses personagens, mas resgata as lembranças de seus Eus tão adormecidos, tenta desvendá-los do seu modo mais singular possível, de forma que possamos entender o artista além da arte, ou seja, singelo, incompleto e misterioso.

ADEILDO VIEIRA

O inventor de ritmos



Adeildo Vieira

O inventor de ritmos

Desde que veio ao mundo, percorre a vida pelos caminhos do amor. Não que o procurasse. O ato de amar foi destinado a guiar seus passos, suas escolhas, suas letras. Este sentimento talvez fosse algo abissal para ele. Mas como já dizia o filósofo Zygmunt Bauman: o amor pode ser, e frequentemente é, tão atemorizante quanto a morte. Porém, ele se deixou “morrer” quantas vezes fossem necessárias. Isso o aterrorizou e ao mesmo tempo o fez renascer. Adeildo Vieira dos Santos é um homem feito de afeição. Uma vida guiada por emoções foi que o transformou na pessoa e no músico que ele é.

Chego ao edifício em que Adeildo mora, localizado no bairro Jardim Cidade Universitária, lugar conhecido na vizinhança como sendo “uma das ruas que alagam”. Identifico-me. Ele me recebe com seu jeito tímido, um sorriso no rosto, vestindo uma blusa verde com desenhos tribais e uma calça largada. Na entrada do seu apartamento, um pequeno santuário com lembranças de amigos e de viagens. Resquícios de vida. Cada objeto, uma narrativa. Seu companheiro de palco, o violão, também me esperava. Estava ali como sendo um dos anfitriões a contar a história por meio das suas cordas. Na sala, uma esteira esquecida, uma pequena mesa e um sofá cobertos com mantas feitas de fuxicos. Nas estantes, troféus conquistados ao longo da sua carreira, fotografias dos filhos e um silêncio que ecoa os pingos de chuva daquele dia. Um lugar cheio de marcas de um artista e sua solidão.

Em Itabaiana, na Paraíba, terra de Sivuca e do poeta Zé da Luz, nasce Adeildo Vieira em 16 de agosto de 1962. Cresceu em uma casa que tinha um quintal muito grande e várias árvores frutíferas, na qual ele e seus irmãos, Pádua Santos e Dida Vieira, passaram boa parte da infância brincando. Seu pai, Edísio Vieira dos Santos, tinha uma lógica de que menino que vivia na rua era moleque, vagabundo. Para Adeildo, essa é uma visão meio equivocada, porque a vivência de rua traz toda uma carga emocional e cultural importante para a formação do ser humano.

Seu contato com a música sempre foi indireto. Nunca se interessou por isso na infância. “Meu pai gostava de seresta e comprou um violão para poder acompanhar algumas músicas. Ele era maquinista de trem e viajava muito. Passava dias fora. Após algumas dessas viagens, ele chegou em casa e viu que meu irmão Pádua Santos tinha aprendido a tocar umas 10 músicas de Roberto Carlos, sem ninguém ensinar, simplesmente ouvindo. Meu pai ficou surpreso”.

- O que é isso, menino? Aprendeu onde?

- Estava ouvindo aí Jerry Adriani, Roberto Carlos...

“Entusiasmado com aquilo, meu pai comprou alguns discos do violinista Dilermando Reis. Meu irmão começou a tocar tudo aquilo de ouvido e virou um fenômeno na cidade. Então, ele era o músico da família. Minha mãe também vem de uma família de músicos, do município de Solânea. Quando íamos para lá era uma festa e até hoje é assim.”

Dores, amores e datas marcantes

Adeildo Viera construiu sua vida e transformou grande parte delas em canções. Toda recordação é lembrada, minuciosamente, e os dias são revividos a cada ano que passa. A memória foi marcada pelo falecimento do seu pai, em um acidente de trem, em 26 de agosto de 1975, dez dias depois do seu aniversário de 13 anos. Não viveu o sofrimento da morte. Talvez porque seu pai passava muito tempo fora e poucos dias em casa. A ausência dele era como se ele tivesse viajado e estivesse demorando a chegar. A própria mente não conseguiu processar toda esta dor.

O aspecto de tristeza da sua mãe, Dona Dorinha, após a perda do seu marido, ficou encravado no seu pensamento. Ela era uma mulher que não estava acostumada a dar conta das coisas sozinha. Porém, teve a coragem de vender tudo e ir embora para a capital paraibana, João Pessoa, junto com seus quatro filhos. Essa coragem se deu também porque Adeildo passou no concurso da antiga Escola Técnica, hoje, IFPB, para fazer o segundo grau. Em 02 de janeiro de 1977, em um

domingo ensolarado, viajaram de caminhão e se instalaram em uma casa no bairro de Jaguaribe, onde Dona Dorinha mora até hoje. “Quando vim para João Pessoa tomei um choque. Senti que a vida estava se abrindo para mim. Quando vi a Escola Técnica fiquei abismado com o tamanho daquele local. Saí de um lugar fechado onde não tinha muita liberdade e vim morar num lugar grande.”

Na frente da sua casa em Jaguaribe moravam os músicos e compositores Pedro Osmar e Paulo Ró, figuras emblemáticas da cultura e da música paraibana. Adeildo se tornou amigo de Paulo Ró, no entanto, ele não sabia do potencial musical do colega. Sua única preocupação, na época, era estudar. Ele sempre foi um menino estudioso. Era uma referência na escola (brinca dizendo que agora não é mais). Na Escola Técnica recebeu uma medalha de honra ao mérito no primeiro ano. No segundo ano, ganhou uma viagem, de 45 dias, para São Paulo, para um estagiar na Volkswagen do Brasil.

“Aos 16 anos, peguei um ônibus e fui para São Paulo. Naquela época não tinha telefone em casa, correspondência era só por carta, morando em hotel, pousada. Foi uma experiência extraordinária. Meu sonho era ser um grande engenheiro da Petrobras para poder dar uma boa vida para minha mãe e minha família. Minha mãe é uma guerreira. Costurou a vida toda para comprar livros para nós. No segundo semestre, quando voltaram às aulas, eu já não gostava mais de engenharia. Nesse mesmo período já me apaixonava pelo violão e do nada comecei a fazer uns acordes. Daí veio uma vontade imensa de fazer algo original, não bastava tocar as músicas dos outros artistas”.

Pelos compassos e letras

Ele continuou com aquela vontade de tocar. Surgiram algumas músicas e melodias na cabeça, além de uma imensa vontade de escrever. Queria falar sobre a vida, o mundo, o sentimento, ou até fazer música para a menina que ansiava namorar. Para ele sua primeira canção era muito insipiente, falava do Brasil, da inflação. Começou a tomar gosto

pelos grandes cantores através do seu primo Nelson Teixeira, que apresentou as canções de Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil. “Ele conversava muito comigo sobre música. Eu falava: Caramba! Esses caras usam a música para falar de várias coisas. Era o que eu queria. A arte como forma de expressão”.

A primeira vez que tocou o violão em um palco foi na Escola Técnica. Depois daí não parou mais. Entrou num conflito imenso. Pois suas necessidades e intenções passavam pela música e não mais pela engenharia. Foi nessa época que tirou seu primeiro zero. Era um garoto que nunca tinha tirado uma nota vermelha. Passou mal. Quase teve uma vertigem. Perguntava-se: cadê meu projeto de ser uma pessoa vitoriosa para ajudar minha mãe? E o que aparecia no lugar disso? A vontade de tocar e de escrever. Questionou-se onde isso iria levá-lo. Esse foi um dos maiores conflitos da sua vida. Até que um dia, a pessoa que ele julgava ser atingida pela sua “negligência”, que era sua mãe, chegou até ele e disse:

- Meu filho, você está feliz?

- Estou muito mal, mãe, porque não estou conseguindo mais estudar engenharia.

- Porque você não larga isso? Vai fazer algo que você não gosta? Vai fazer outra coisa...

“A Mãe sabe dos filhos né? Foi quando larguei engenharia”, comenta Adeildo.

Entre dedilhar e acordes

Estudou um ano de música na escola Antenor Navarro, em 1980. Não aprendeu harmonia, e sim a como dedilhar melhor. Com os poucos ensinamentos que teve, surgiu uma vontade maior de estudar, buscando ele mesmo os caminhos.

Nos anos de 1982 e 1983, participou do I e II Festival de Música do CEFET. Nesse período se tornou amigo de Pedro Osmar e participou

da criação do *Fala Jaguaribe*, movimento realizado por um grupo de amigos que se reunia semanalmente para produzir eventos artísticos, sociais, festividades de rua, palestras, tudo para formação do bairro. Esse movimento em seguida se tornou o *Fala Bairro*.

“Nessa época, no cenário cultural local existia o movimento dos músicos, que produziram dois discos antológicos, chamados *Música da Paraíba Hoje 1 e 2*. Na cidade também tinha os festivais e o movimento *Fala Jaguaribe* discutia esses cenários culturais. No começo de 1983, eu decidi fazer um show tendo como inspiração o músico João Gilberto, porque achava os acordes dele geniais. Após essa experiência, Pedro Osmar me chamou para fazer parte do *Musiclube*, grupo com compositores e cantores paraibanos, que produziam eventos, debates, intervia na cidade em atividades políticos-culturais, se posicionava diante da realidade”.

O músico sempre foi engajado com política, pois acredita que o artista é formador de opinião. Além disso, Adeildo gosta de se envolver com as boas causas, realizando diversos shows beneficentes. O *Musiclube* ensinou-o a fazer as coisas de que mais gosta. O movimento surgiu das dificuldades práticas encontradas pelos músicos locais, relacionadas à falta de espaço na cidade para a divulgação de seus trabalhos. Tiveram momentos muito importantes, como debates que discutiam o porquê das rádios na Paraíba não tocarem as músicas dos artistas locais. Isso fez com que eles “peitassem” os grandes veículos de comunicação.

Neste trajeto, participou do Festival de Música de Presidente Prudente, no Estado de São Paulo, do 29º e 30º FEMUCIC, em Maringá/Paraná, do VI Festival de Música da Bahia, além de vários outros festivais paraibanos, sendo vencedor do II Festival de Música da UFPB, em 1995, do I CEFEST, em 2004 e do MPBSESC, em 2006.

Montou, em 1996, o show “*Violação*”, com Milton Dornellas, cantor e compositor carioca, radicado em João Pessoa, também um dos integrantes do *Musiclube* junto com outros artistas, como Marcos Fonseca, Archidy Filho, Wander Farias e Zé Guilherme, constituindo-se num dos momentos mais marcantes de sua carreira. Em 1999 fundou o grupo *Mama Jazz*. Após algumas mudanças, o grupo passou a se chamar

Sanhauá Djeba. Entre 1999 e 2002, Adeildo atuou como compositor, arranjador e intérprete num trabalho que navegava em expressões universais, sobretudo com a música do folclore brasileiro e do continente africano. De 2003 a 2006 fez apresentações didáticas para os alunos do CEFET de Natal/ RN e em maio de 2004 fez shows em Brasília/DF, gerando boa repercussão entre o público e a crítica especializada. Recebeu, em novembro de 2005, o título de cidadão pessoense por serviços prestados à cultura da cidade de João Pessoa.

“Na vida não existe acaso, existe providência. Se eu tivesse vindo para João Pessoa para morar em outro bairro, não teria tido as ferramentas necessárias para virar o Adeildo Vieira que sou hoje. Talvez a música tivesse eclodido de qualquer jeito, mas o processo não teria sido tão rico, tão grandioso como foi. Pedro Osmar, Paulo Ró e o grupo Jaguaribe Carne têm uma grande importância para mim e para a cidade. O Jaguaribe Carne desenvolve atividades definidas como “Guerrilha Cultural”. O grupo também atuou como fusão diversas expressões culturais como: artes visuais, artes gráficas, teatro, literatura e jornalismo. Para mim, outra grande escola foi o Musiclube. Até quando pensei em parar, foi o Musiclube que me fez continuar tocando”.

Às vezes ele se questiona

Adeildo prima por honestidade. Pedro Osmar sempre foi uma das pessoas que foram muito honestas com ele. Em um dos primeiros shows, Pedro apontou falha no seu trabalho.

- Qual o nome do espetáculo, Adeildo?

- Às Vezes eu me Questiono. É também o nome de uma das minhas músicas.

- Cara, esse nome é muito ruim, pensa em outro.

“Na hora, quis me esconder. Mas, por sugestão, coloquei ‘*Questão de Ordem*’”.

Adeildo integrou o Musiclube da Paraíba de 1983 a 2002, colaborando com vários projetos culturais produzidos pela entidade. Uma das suas primeiras apresentações realizadas no Teatro Lima Penante, em João Pessoa, tinha uma programação feita de maneira muito simples, um tanto artesanal. No centro do cartaz, uma fotografia de Adeildo em preto e branco. O seu nome tinha sido desenhado à mão em estilo tribal e abaixo o nome do espetáculo recortado e colado. Atrás da folha, o símbolo do Musiclube e o slogan: Chega de brigar sozinho.

Em 6 de junho de 1984, Adeildo faz seu primeiro show com banda. Nesse dia, após terminar o show, ele se esconde. Morto de vergonha achava que o espetáculo tinha sido horroroso e evitava encontrar as pessoas. Nos sábados seguintes eram os dias de avaliação dos shows. Adeildo não compareceu, simplesmente por timidez. Achava que não era sua praia. Tinha a sensação de fazer algo complicado, que as pessoas não mereciam estar ouvindo-o. Aquele momento foi torturante para ele. Desejava que tudo tivesse acabado. Não queria escutar elogios. Pensava que o elogio, naquele momento, iria ser algo superficial.

“Elogio é algo muito perigoso. É algo que você deve receber mas não se deve deixar levar por aquilo. Eu respeito muito mais as críticas porque elas são, na maioria das vezes, honestas”.

Poucas coisas o tiram do sério. Mas não suporta quando é chamado para tocar e a organização do evento não o respeita ele como artista. Evita se apresentar nas estruturas estatais. Não aguenta ver quando chega um artista de fora e destinam 90% do palco para ele, ficando os 10% restantes para os músicos locais.

“Já teve caso da gente ir para o camarim e ter mato dentro. Não precisa ser estrela para ser bem tratado. Pelo contrário. Há uma exacerbação no tratamento das estrelas. Não suporto essas coisas. E a vida me ensinou a me posicionar nas horas certas. Eu falo mesmo, desço

o cacete. Não devemos aguentar tudo passivamente. Temos que nos impor”.

Em suas inquietação, desenvolveu ritmos e quebradas com um estilo muito pessoal. Gosta de brincar com os compassos e as melodias. Diz que “inventou” um jeito novo de tocar violão para justificar sua incompetência. “Essa fala já foi mal interpretada. Recortaram como se eu me confessasse incompetente. Eu tenho dificuldade de tocar. Meu irmão na primeira vez que pegou o instrumento já saiu tocando como se aquilo tivesse nascido para ele. Eu não. Eu elegi meu instrumento como meu canal de expressão. Sou muito ruim de harmonia, mas sou muito bom nos ritmos. Então eu peguei o que eu era bom em mim e trabalhei nisso. Se eu não tivesse essa inquietação de brincar com os ritmos eu não teria desenvolvido uma maneira de tocar que é muito minha e definiu o estilo da minha música.

Amor é rio

Na adolescência, Adeildo viveu momentos muito complicados. Em meio à testosterona e aos encantos da juventude, ele imergiu em sua própria timidez. Era um menino um tanto complexado. Baixinho, sofreu por ter muitas espinhas, que deixaram marcas indeléveis em seu rosto até hoje. Teve sua primeira namorada aos 20 anos. Não foi e nem se considera namorador. Suas experiências com as mulheres não foram muitas, mas foram intensas. Teve relações muito bonitas. Algumas fugazes. Sempre foi uma pessoa de viver as coisas intensamente.

“Não sou de ficar gastando a vida das pessoas comigo. Se vou me relacionar com alguém e, de repente, ela está super envolvida e eu como se o melhor estivesse por acontecer. Acho que tem que liberar a pessoa para a vida. Eu sou assim. Não sou de firulas e sou muito verdadeiro. Se a pessoa perguntar se eu a amo. Cuidado. Possa ser que eu fale a verdade. Quando eu amo, eu digo sem precisar perguntar.”

Sua matéria prima é o sentimento humano. Isto está nas suas músicas, nas coisas que faz, que diz e escreve. Ele não brinca com isso. Não gosta de brincar nem com os próprios sentimentos nem com os de ninguém. Adeildo não tem hobby. Às vezes é um cara de mal consigo. Fica chateado. Deita. Tem preguiça. Não quer nada. Incomoda-se em ficar parado. Busca o que fazer. Passa dias sem pegar no instrumento. Tem seus dias complicados. É complexo. De vez em quando é fã dele mesmo e há ocasiões que não é.

SeMpRe InCoNsTaNtE...

Faz terapia. Já teve processo depressivo. Acha que isso tudo também tem relação com outras questões, como o sedentarismo. Precisa se movimentar. Desiste muito fácil do que tem que fazer por obrigação. Não consegue se engajar em atividades saudáveis. Entra, acha legal e depois abusa. Só é perene em algumas coisas, como a música.

Reitero. É um homem feito de sentimentos, algumas vezes instáveis ou até incompreensíveis. No entanto, transformou muitas dessas emoções em música. Criou até um sufixo para traduzir esse sentir: ério. Escreveu várias canções terminadas em ério, era tipo um neologismo, sufixo este que significa a Síndrome do Sentimento. Entre as composições poeticamente sufixadas tem: Rotinério, Solitério, Sublimério, Aritmério... tudo invenção. Uma síndrome que virou poesia, grito, percepção.

*Minha alma vestida em verdadeiro trauma
Cada ponto que eu traço é um beijo jogado em vão
Cada vôo mais alto, mais duro é provar o chão
Meu amor de viver é tão grande
É um desafio a toda a minha calma
Meu amor é grande, bem maior que eu
Amar, eu preciso amar tudo
Amar o que eu penso e o que não penso
E quem sabe até deixa sobrar amor pra mim também*

*Tanto amor disparado a todo instante
 Quem bem sabe o bem de minh'arma se expões e ainda mostra o peito
 E quem usa o arsenal de minh'alma por mim tem o maior respeito
 Tanto amor amado à toa é minha Hiroshima sem saber aonde explodir
 Explode em meu peito e os cacos de mim, se atirados ao Ponto Cem Réis
 Que sejam restos de feira ou dados de Ibope no chão
 Mas serão amor-primeira-página*

*Meu amor, se exposto em outdoor gigante
 Fatalmente será confundido com slogan de refrigerante
 Se falado no rádio parece poema de poeta louco
 Meu amor, se visto em filme, só será aplaudido na
 morte do bandido
 Se for bem sangrenta e arrancar do cinema
 Aplausos e risos de quem consegue
 Ter ódio nas veias e sangue na boca
 E ninguém vai ver meu filme de amor*

*Amar demais até parece mal
 Mas nenhum outro mal me faz tão bem!!!
 (Amorério)*

Entre as mais sublimes síndromes está a música que é o carro mestre de sua carreira: Amorério. Que fala do amor que a gente tem pela vida, que é manifestado, banalizado por algumas pessoas, pela realidade, pela mídia. Na época que fez esta música, em 1994, Adeildo já percebia a tendência que os meios de comunicação têm de valorizar muito a violência e as coisas ruins. A letra fala de um amor que nunca se tornará outdoor gigante, nem estará na primeira página do jornal. É como se amar demais quase sempre fosse um sacrifício perdido. Como se jogasse muita energia e ela diluísse no meio de uma realidade cruel. A música fala da dificuldade de manifestar esse amor. Porém, a canção termina dizendo que, apesar de toda essa dificuldade, não há outro caminho a seguir.

“Quando fiz essa música, Milton Dornellas estava gravando o disco chamando Mandragóra, e ele me pediu para gravá-la”:

- Eu quero gravar essa música.
- Grave não. Essa música tem futuro não. É muito pessoal. É uma visão muito idiossincrática, até meio pessimista e desesperançosa.
- Mas no fim da música é uma redenção de que tudo vale a pena, fala Milton.
- Ela é tão pessoal que é como se fosse minha cueca. É uma coisa íntima, só cabe em mim.
- Eu quero!, expressa Milton.

“Em suma, ele queria vestir minha cueca!”

“Milton gravou *Amorério* no LP Mandrágora (1993). Adeildo só viria gravar esta canção no seu primeiro CD, chamado Diário de Bordo (2000).

Canções – espelhos da alma

*Companheiros,
Cruzem a porta da minha casa
Encham a sala de sorriso e de suor
Abençoem o leito da minha cama
No jardim podem pisar na grama
Sei que não pisam na flor
(Chega Junto)*

Existem letras fortes, em que Adeildo fala muito dele. A canção *Chega Junto* é uma delas. Essa música faz parte do seu primeiro DVD, lançado em 2008, que também leva o mesmo título. “Essa composição fala muito de mim pela singeleza. Fala o básico de uma maneira muito honesta. Quando chamo as pessoas pra minha casa. Venham que eu quero viver com vocês, estar com vocês”.

Neste momento, as palavras se engasgam. Uma tosse sutil deu início ao silêncio. Recordar as letras, mostrar o que elas significam, traz lembrança, não sei se dolorosa ou de saudade. Intimido-me em perguntar. Deixo-o apenas tomado pela emoção. Perguntei se estava triste. O “n ã ã o o o” saiu trêmulo de sua voz. Limpou as lágrimas e os óculos embaçados. Da voz embargada sai um tímido: “Foi mal!” Respira profundamente. Será o momento de colocar um ponto final? Imediatamente ele continua falando de outras músicas. Talvez seja melhor não mexer em certas feridas.

Amor – nenhum outro mal faz tão bem

*O amor que você deu
É seu, é seu, é seu
E a quem você o deu
Não importa se o usou
Não importa se o pisou
Não importa se o perdeu
Isso não é problema seu!*

*Imagina se o farol
Além de viver tão só
Fosse culpar sua luz
Pelo barco que passou sem perceber
Esse bem que lhe conduz*

*Alegria de farol
É tomar lições do sol
É viver de se entregar
Quanto mais sua luz se perde pelo mar
Mais luz ele tem pra dar
(Alegria de Farol)*

Como sempre Adeildo fez do amor um sentimento presente. Na canção Alegria de Farol ele expõe muito isso. Fala que o amor é como um farol, joga luz para que os outros se encontrem e quem não souber usar dessa luz, a culpa não é do farol, pois ele continua lá manifestando seu brilho. Com essa música ele ganhou um festival de música.

“O amor é isso. Jogo ele para as pessoas e para o mundo, quem souber usar desse sentimento que eu manifesto, faça bom proveito, mas também quem não souber, deixa eu continuar manifestando, nunca vou cobrar nada em troca. É uma tendência muito forte. A gente amar uma pessoa e depois que ela desama nós lamentamos: ah, tanto que eu fiz e você não me ama mais. Ninguém retribui amor com gratidão”.

Sempre foi uma pessoa muito ligada à família e tem uma relação muito forte com eles, de ajuda e proteção. Vê sua mãe como uma mulher inspiradora. Sua irmã como uma grande cantora, uma pessoa maravilhosa. No ano de 1987, ele decide sair debaixo das asas de sua mãe e alçar novos voos, após conseguir um emprego federal. Trabalhou no INSS por 10 anos e em seguida foi transferido para a UFPB, onde está até hoje.

Seu primeiro casamento foi com Graça Barreto, a mãe dos seus filhos. Tiveram Rudá e um ano e meio depois tiveram gêmeos: Uaná e Cairé. Os nomes são todos indígenas. Escolheu por adorar a sonoridade das palavras. Rudá quer dizer “Deus do Amor”, Cairé “lua cheia” e Uaná “vagalume”.

Aos seis anos de casado, atormenta-se com um problema sentimental. Já não tinha o amor que gostaria de ter pela sua esposa. Apaixona-se por outra pessoa. Sofre um dos grandes conflitos da sua vida. Muito verdadeiro, jamais seria capaz de viver com alguém de fachada. Queria poder contar para o mundo. Beijar na boca e fazer tudo em público. Não é um homem de vida subterrânea. Saiu de casa. Restou-lhe apenas um colchonete, uma TV 14 polegadas, uma caixa com suas roupas e seus livros. Mas exerceu o amor que lhe dava substância, vida. Quando estava casado pensava: finalmente, que tipo de pessoa eu sou para desprezar uma coisa tão forte, tão grandiosa, que está acontecendo

comigo? Iria ficar ali com sua esposa só por conveniência. Todavia, ele não é um homem de conveniência. Foi quando largou tudo.

Morou sozinho por dois anos. Depois namorou e casou com Maria Dea Limeira. Foram 10 anos com a segunda companheira, e que terminou de uma maneira muito complicada para ele.

“Nesse processo perdi 10 quilos em um mês. Em 2 de janeiro de 2016, fez 10 anos que me separei. Eu a amava demais. Era a mulher com quem eu queria envelhecer. Guardo por ela ainda um grande sentimento, não de amor, algo diferente. Hoje tenho outro olhar para as coisas. Faria tudo de novo, porque eu entendo o momento que vivi. Eu quero um dia me arrepender do que eu fiz e não do que não fiz. Não é nem se arrepender, é lamentar algumas coisas. Eu tive a coragem de apostar, experimentar. Quem não faz, nunca vai saber se daria certo e o sabor das coisas. Agradeço a Deus por tudo, porque acordei para a vida, para os sentimentos, para a realidade”.

Nesse momento de complexidade, Adeildo fez 14 shows em 6 meses. Ganhou um Festival de Música Carnavalesca. Escreveu uma canção para o Festival de Música Nordestina. Viajou para Portugal. Reergueu-se.

Família – seu maior legado

A relação com os meus filhos sempre foi de entrega. Não consegue viver sem estar perto deles. Hoje, dois de seus filhos moram a duas quadras da sua residência. Outro está cursando biologia em Florianópolis. Em seus shows seus filhos tocam junto com ele. É um homem que pensa na vida de maneira íntegra e lembra sempre com afeto da infância dos garotos.

Recentemente, o seu filho mais velho, Rudá, postou em uma rede social uma música do Trio Nordestino e comentou: essa é a cara da minha infância. Adeildo silencia... Escuta-se o som do vento... Ou seriam as batidas descompassadas do seu coração? Sorri. Abaixa a cabeça.

Tenta esconder sua face. Suavemente passa a mão no rosto, limpando as lembranças.

“Quem apresentou o Trio Nordestino a eles? Dando disco, comentando música boa. Eles aprenderam a gostar de Gonzaguinha, Chico Buarque, Ivan Lins. Eu vivia comentando: olha o que esse cara tá fazendo aqui? Por isso que gosto de música! Eu nunca disse: ouça essa música! Eu colocava para ouvir e comentava. Quando eles foram outras vezes a minha casa, já colocavam o disco ou pediam para comprar”.

Remexe nas cartas que seus filhos escreveram quando eram crianças. Alguns bilhetes foram cuidadosamente separados e colocados em uma pasta azul transparente. Uma carta de Rudá toma-lhe o fôlego: “Papai te amo, porque você é bom e eu gosto muito de tu”. Lembra com carinho de outro bilhetinho que diz: “eu gosto do jeito de você me cuidar”.

- Desse jeito vou começar a chorar de novo!, fala Adeildo.

Quando Rudá tinha 8 anos e os gêmeos 6, Adeildo montou um grupo de percussão infantil, de musicalização. Teve um final de semana que chegou a ter 20 crianças. Ele ensinou-as a brincar com ritmos, músicas, letras, a criar. Passou mais de um ano nessa experiência. Depois seus filhos se juntaram com outras crianças e montaram o grupo Apolo 11. O grupo era composto por Guga Limeira, hoje músico da Troça Harmônica, Hugo Limeira, da banda Fôrra e seus filhos. Os meninos já começaram a compor músicas falando da realidade. Apollo 11 começou a abrir os shows de Adeildo.

“Hoje eles gravam comigo. Rudá toca guitarra, Uaná, piano. Tudo isso foi construído pedra por pedra. E a argamassa foi o carinho, o amor, a compreensão. Recentemente, construí um estúdio na casa deles e isso os colocou dentro da música profissional. Mais de 80 músicos já passaram por lá, ensaiando. Disso eu me orgulho. Meu trabalho é meu apêndice”.

As palavras e suas (im)pressões

Nos caminhos da vida, no ano de 1983, Adeildo tropeçou pelo jornalismo. É formado em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba, porém nunca atuou como jornalista. Passou pela experiência de escrever para o Jornal A União, que resultou em 110 crônicas.

“Já me sugeriram juntar alguns destes textos e fazer um livro. Porque em muitos deles falo sobre minha cidade e minha infância, da cena cultural. Mas eu nunca pensei em publicar, porque sou meio preguiçoso para escrever. Essa é uma seara que nunca me arvorei em invadir. Eu escrevo para fazer minhas músicas. Atualmente já estou considerando essa possibilidade. Talvez lance um ‘Livrério’, um ‘Romancério’, ou um ‘Contério’ (sorri). Na verdade nunca mergulhei no jornalismo. Eu não desejo ser o cara do acontecimento, da notícia. E hoje, com a velocidade das informações, tudo fica mais complicado ainda. As coisas são agora e daqui a 5 minutos não são. Não gosto disso”.

Este ano se formou mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB. Sua pesquisa também esteve relacionada à música. Estudou sobre o maestro Chiquito, que é uma pessoa muito importante para cena cultural local. Na UFPB, atualmente exerce a função de assistente de administração no Departamento de Música, onde trabalha com o Laboratório de Música Aplicada, que administra a Sala de Concertos Radegundis Feitosa e a Orquestra Sinfônica da Universidade Federal da Paraíba (Osufpb).

Música do mundo

Para ele, no cenário cultural local, o que mudou são os métodos tecnológicos, que fizeram com que as pessoas começassem a gravar melhor. “A cena profissional melhorou muito, já se vê garotos trabalhando com um nível de profissionalismo muito bom. Muitos

estúdios que gravam com qualidade. Na nossa época era muito complicado, fazíamos shows com caixas de som que arranjávamos em casa, colocava o microfone na boca do violão. Hoje em dia, as tecnologias melhoraram. A disseminação das músicas se tornou mais ágil, não pelas grandes corporações radiofônicas, que continuam com políticas excludentes, mas pelo meio alternativo, como, por exemplo, a internet. Também se vê pessoas discutindo a cena, se organizando em termo de produção, criando festivais, grupos. Do ponto de vista criativo, a cidade sempre foi borbulhante. É um caldeirão fervendo de coisas acontecendo. Do samba ao jazz, ao rock, a música alternativa, a eletrônica, o forró, ao MPB”.

Ele olha para a música universalmente. Ama forró. Destaca Antonio Barros e Cecéu, Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga, Flávio José, como grandes personalidades e gênios da nossa cultura. Também gosta de reggae, rock etc. Nos seus discos procura misturar os diversos estilos musicais.

É louco por música africana, sua composição rítmica, sua melodia e todos os seus discos traz elementos dessa cultura, em destaque nos discos *Diário de Bordo* (2000) e *Há abraços* (2009). Seu envolvimento com a música africana surgiu por meio do contato a Tribo Ethnos, grupo coordenado por Vant Vaz, com 25 anos de carreira, que tem como expressões principais a música e a dança, utilizando também diversas linguagens artísticas, como arte gráfica, artes plásticas, fotografias, moda e quadrinhos para desenvolver trabalhos multidisciplinares. Em 2012, a Tribo Ethnos proporcionou sua ida à África através do projeto *Berimbaobab*. Lá realizaram 7 espetáculos.

“Conhecer a África foi uma experiência extraordinária, você consegue entender o porquê daquela música, da negritude, o porquê da cultura brasileira ser tão pulsante. O africano dá uma lição de vida na gente. Estava num país onde se tinha quase 50% de desemprego, comércio informal, dificuldade de viver. Entretanto, eles são exuberantes, se vestem lindamente, dançam e tocam tudo, tem dificuldades para viver, mas eles exercitam sua vida. Vivenciar aquilo foi muito marcante para mim. Tanto é que eu já tinha algumas músicas

inspiradas na África, mas quando voltei, decidi gravar um disco em homenagem a tudo isso que vivi e vivo”.

Seus discos são muito ecléticos. Seu mais recente trabalho, intitulado *África em Mim* (2015), nasce de uma africanidade que ele reivindica, pelos os ritmos e os batuques. Quando viajou para a África, ele já tinha criado uma canção com o mesmo título e resolveu transformá-la em um CD temático. Debruçou-se e compôs algumas músicas novas e outras que já estavam prontas. O disco fala sobre paz, a Ilha de Gorée, João Balula, África..

Como músico, não tem o afã de ser um cara de sucesso. Porém, lamenta as poucas oportunidades de apresentar seu trabalho. “Tocar mais, em lugares diferentes, sem ter prejuízos, exercitar minha música junto ao meu público, que gosta do que eu faço, que acompanha, que emociona. Não viver isso é algo que me frustra”.

A chuva tinha dado uma trégua e já passava da hora do almoço. Era hora de terminar nossa conversa. Saí da sua casa conhecendo-o um pouco mais. Entendendo o significado das suas canções. Adeildo é um homem no meio de dois mundos. Um artista sustentado pelos pilares do amor.

ZEZITA MATOS

As várias estações de Zezita



Zezita Matos**As várias estações de Zezita****Cena 1 – Monólogos de um tempo que já se foi**

Severina Souza Pontes (Zezita Matos) não separa a dramaturgia de nenhuma parte da vida, nem muito menos seu sorriso largo, nem o jeito de pentear o cabelo, extremamente perfeccionista. Em cada época, as lembranças vão sendo pontuadas por cenários e cenas, fazendo da sua história um grande palco de alegria e saudade.

Sentada a sua frente, pergunto a ela quem é Zezita Matos? Uma pergunta tão simples a fez viajar sobre as diversas estações da sua história. O silêncio dos seus pensamentos ecoou na sala de trabalho, local de nosso encontro. Cercada por documentos em perfeita organização, sob o reflexo do quadro feito por um de seus netos, a sala da Ouvidoria do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê) se tornou a primeira parada para um caminho de volta ao passado.

Na sua infância, entre as folhas verdes e roxas dos crótons espalhadas pela Fazenda Uma, Zezita fez seus primeiros diálogos. De início eram apenas brincadeiras de conversar com as plantas, mas que se tornaram seus primeiros monólogos. Já adolescente e morando em Pilar, por ter uma criação muito rígida, Zezita podia brincar apenas no quintal da sua casa com seus colegas. Em meio a palhaçadas, dramatizações e piruetas, a menina brincava de circo e já mostrava quem determinava os papéis.

“Eu gostava do circo, da parte dos dramas... Isso era uma das coisas que a gente fazia no quintal. Acho lindíssimo o drama de circo. Isso tudo estava aqui dentro de mim e eu não sabia. Ainda adolescente colecionei uma revista chamada Cinelândia, que falava sobre cinema. Ficava imaginando como era todo esse universo”.

Ao concluir o pensamento, Zezita fica com os olhos em completa inércia, fixando seu olhar para o horizonte, na tentativa de relembrar os momentos até então guardados em alguma parte da sua memória. Aquela mulher de rosto expressivo, vestida de cor, dá um sorriso tímido e revela:

– Sabe, lembro que o que mais me aguçava nessa época eram as cores. Ainda hoje gosto do céu e do pôr do sol diferenciado por aquele colorido. Até em branco e preto eu vejo cores. Tento sempre colocar cor em meus trabalhos.

Talvez a atração pelas nuances deste colorido tenha sido influenciada pelas cores dos tecidos que eram vendidos por seu pai na mercearia da sua casa.

Sinal da Cruz, Pai Nosso e Ave Maria. Como bons católicos, dona Maria José e seu esposo Manoel de Souza Pontes, aos domingos, a levavam à missa junto aos seus cinco irmãos. Seu Manoel falava que, para ele, religião é tratar bem as pessoas. Zezita cresceu com o mesmo pensamento e não se considera religiosa. Acredita que Deus não é esse ser que as pessoas usam e abusam. Questionava-se: Por que Deus dá milhões a alguém e não oferece comida a uma criancinha?

Aos 12 anos, em uma manhã ensolarada, Zezita pegou o trem para o próximo destino. De Pilar para Itabaiana. Depois para Campina Grande. Piuíí... Piuíí... O apito acompanhava as lágrimas da menina, que chorava de saudade por ter que passar quase três meses longe de casa, estudando no Colégio das Damas, que tinha regimento interno. Escutava a companheira de comboio sempre falar: “Zezita, Zezita, não chore! Que bobagem!”

Severina? Severina? A freira faz a chamada em sala de aula. Foi assim, em choque que Zezita se descobriu Severina. Sofreu ao descobrir seu verdadeiro nome. Levantava a mão sutilmente e pedia à professora que não a chamasse assim. Revela que há um preconceito porque Severina era tido como nome daquelas pessoas de menor poder aquisitivo. Severina, que causava tanta estranheza, futuramente, terminou sendo sua guardiã.

Era verão em João Pessoa, em novembro de 1956, quando sua família resolveu se mudar para a cidade. Dois anos depois, aos 16 anos, já adaptada ao clima seco da estação, ela descobriu o teatro.

“Sabe, meu pai não deixava a gente ficar na rua. Mas apesar de sua rigidez, quando eu disse que queria fazer teatro ele deixou. Fazer teatro em 1958, aos 16 anos, era muito complicado. Entretanto, ele só me deixou participar dos ensaios com algumas condições: primeiro, eu tinha que levar como companhia um dos meus irmãos; segundo, que eu não deixasse de estudar e me formasse. O sonho do meu pai era ver os filhos todos formados. Meu irmão, Everaldo Pontes, foi o único que seguiu a carreira de ator. Hoje eu não sei como agradecer a ele e a minha mãe por ter me deixado participar disso”.

Cena 2 - Um amor de teatro

A vida não passa de uma viagem de trem, cheia de embarques e desembarques, alguns incidentes e boas surpresas. O trem veio de Campina Grande e desembarcou em João Pessoa, onde Zezita estudou por um ano no Colégio Lins de Vasconcelos, que era uma escola particular considerada muito rigorosa.

No ano seguinte, imersa em ensinamentos como latim, filosofia e francês, ela fez sua seleção para o colégio "Liceu Paraibano". *Salut*. A escola foi considerada por mais de um século a matriz intelectual da Paraíba e formadora de grandes líderes estudantis.

“Em 1958, fiz a seleção para o Liceu. Era difícilima. Passei. Vi outro mundo. Logo de imediato, entrei no Grêmio. Não me pergunte o porquê, mas eu queria procurar outras coisas. Descobri também o movimento estudantil e me envolvi com isso. Lembro que em agosto iria acontecer um congresso em Campina Grande. Eu fiquei louca pra voltar pra cidade. Falei: Ahhh! Vou visitar o Colégio das Damas. Claro que fui de trem de João Pessoa para Campina. Quando chegamos à estação ouvi todo mundo dizendo: Breno Nicotina chegou. Ele era chamado assim

porque fumava um cigarro atrás do outro. Olhei para aquele rapaz lindo, vestido com blusão de James Dean e disse: É ele. Esse momento marcou minha vida profunda e definitivamente. Isso aconteceu no dia 13 de agosto, no dia 18 eu estava namorando ele”.

– Zezita, estou precisando de uma atriz e vai ser você, disse Breno Matos, que era um dos integrantes do Grupo Popular de Arte e fez Zezita embarcar no universo dos palcos. Dos trens para um “navio”, Zezita estreou seu primeiro espetáculo no Teatro Santa Rosa. Tudo Azul! Tudo Azul! Declamava sua fala na peça Prima Dona (1958) e, logo em seguida, assumiu o papel principal. Aquele teatro com edificação que se assemelha à proa de um navio deu início a uma longa carreira. Anos depois, aquela menina se tornaria a primeira mulher a dirigir o Santa Rosa.

Entre espetáculos e beijos, foram oito anos de namoro. Por obra do destino e de uma gravidez inesperada, Zezita e Breno decidiram se casar e só depois contar a família sobre a criança que estava por vir.

Era uma tarde de 21 de abril quando Zezita conta à mãe que iria para um encontro em Recife. Essa foi a desculpa que ela arrumou para poder sair de casa sem a mãe desconfiar. Zezita não tinha a certidão de batismo, documento que era preciso para poder se casar na igreja. Sob os olhos do Cristo crucificado e com os dedos cruzados o amigo Hildebrando jurou que ela foi batizada. A cerimônia iniciou-se às 15 horas. Casados, os noivos, padrinhos e amigos se espremeram em um fusquinha e seguiram para dar a notícia à dona Maria José.

– Mãe, nós casamos!

Tudo foi um grande choque para a família. Zezita morou com seus sogros durante todo o tempo. Continuou atuando, pois sempre teve o apoio da família. Com Breno Matos, ela teve seus três filhos (Orieta, Dinaura e Breno Matos Junior) e conviveu por 40 anos. A história de amor se encerrou em 2000, quando eles se separaram.

“Foram 40 anos ao lado de Breno. Eu fui pega de surpresa. Saber que iríamos se separar foi um grande golpe para mim. Foi muito

doloroso. Nem com a perda meus pais doeu tanto como a separação. Nós comungávamos a mesma ideia, os acontecimentos políticos, a vida, o teatro. Ele foi uma pessoa muito importante para mim”.

Após o fim do casamento, Zezita fez terapia para saber lidar com toda a tempestade de sentimento, que fazia parte do processo de separação. E não parou por aí. Nesse período, estreou no espetáculo *As velhas* (2000), que ficou em cartaz por 8 anos. Com a peça, participou do Palco Giratório em 05 Estados do Norte, além de vários festivais e temporadas em João Pessoa. Depois vieram os filmes. Hoje em dia ela se diz mais serena, no sentido de ter muita coisa para agradecer. “Tenho meus filhos, meus netos e meus trabalhos, pra que eu vou chorar?”, comenta.

De Breno ela herdou o sobrenome. Ele foi o responsável por envolvê-la no Partido Comunista. Foi ele que também a integrou no grupo do Teatro Popular de Artes. Paralelo ao teatro e ao movimento da juventude comunista, uma das suas tarefas era ir ao interior dar aula aos camponeses. Nessa época, descobriu a alfabetização de Paulo Freire e foi a primeira secretária das Ligas Camponesas na região.

Cena 3 - O dia em que Severina salvou Zezita

Na madrugada do dia 31 de março de 1964, um golpe militar foi deflagrado contra o governo de João Goulart. Nos primeiros dias após o golpe, uma violenta repressão atingiu os setores politicamente mais mobilizados, entre eles a União Nacional dos Estudantes (UNE) e as Ligas Camponesas. Muitas pessoas foram detidas e sabia-se de diversas ocorrências de casos de tortura. Todo mundo ficava assustado quando o caminhão do exército passava fazendo a ronda na cidade. Zezita por pouco não foi presa. Os militares foram até o Liceu Paraibano, mas lá não existia nos documentos nenhuma Zezita, tinha apenas Severina de Souza Pontes. Nesse período ela se escondeu na casa do seu tio, onde ficou por quase um ano. Severina passou então a ter um grande significado em sua vida, pois foi ela que salvou Zezita do golpe militar.

Quem é Zezita? Quem é Severina? São partes de uma mesma pessoa. Acostumada a ser chamada por seu apelido, Severina adotou Zezita e vice e versa, quando um amigo perguntou a ela:

– Zezita, você quer mudar o nome?

Pausa. O que fazer?

– Não. Na verdade eu quero incorporar!

E assim nasceu Severina Zezita de Souza Matos.

Apesar da temporada de repressão, ela não parou de fazer teatro. Trabalhou em vários grupos que montaram clássicos como *A farsa da boa preguiça* (1963), *A Cotovia* (1966), *A Raposa e as Uvas* (1976) e *A Compadecida* (1977). Toda sua história foi pontuada por um espetáculo. Desde 1958 até hoje, a atriz nunca parou. Nem quando teve filhos. Em 2015, Zezita completou 57 anos de carreira, consolidando sua participação em 38 espetáculos teatrais.

Cena 4 – A menina engenho

A menina das cores deu tom às imagens em preto e branco. Dos palcos para as telas, Zezita fez sua primeira participação no cinema no filme *Menino de Engenho* (1965), uma adaptação da obra de José Lins do Rego.

“Eu disse para Breno que queria trabalhar no filme. Fui fazer o teste e pediram para decorar um texto. Eu não decorei. Fiquei pensando: o que é que eu vou fazer? Quando chegou minha vez eu disse: É isso mesmo, duas horas que eu estou aqui esperando e vocês aparecem agora. Isso não tá certo!”

Esse foi seu teste. Zezita foi selecionada para fazer apenas uma participação, mas que a marcou muito e foi o início da sua trajetória na história do cinema brasileiro.

Ela só voltou às telas do cinema em 2001, no curta metragem *A Canga*, que é uma livre adaptação do romance homônimo de W.J. Solha. Dirigido por Marcos Vilar, o filme tem como temática principal a questão da exploração da mão de obra rural a partir da metáfora da opressão do dono das fazendas em relação ao povo que habita o agreste paraibano.

“Em 2005, participei do filme *Cinema, Aspirinas e Urubus*, do diretor Marcelo Gomes. Quando fui filmar, o diretor me chamou e disse: Zezita, faça menos do que você fez. Menos. Menos. Menos. Lá pela quinta vez, Zezita se pronunciou: Marcelo, agora não tem mais menos. Ele disse: exatamente isso. Já em *Carin*, me disseram para não representar. Aí teve uma hora que me sentei no chão e bati as pernas dizendo: não tou representando, não tou representando. Só hoje vejo a diferença entre teatro e cinema”.

No filme *Céu de Suely* (2006), passou experiência interessante, pois as cenas foram todas improvisadas, não havia roteiro escrito. O diretor apenas dizia o que queria e os atores faziam os diálogos. O filme acumulou mais de 19 prêmios nacionais e internacionais, incluindo melhor filme e melhor atriz no Festival de Havana. Zezita recebeu o prêmio de melhor atriz coadjuvante, na segunda edição do *Festcine Goiânia*, em novembro de 2006.

Muito expressiva no seu jeito de falar, Zezita se mostra uma pessoa de grande sensibilidade. Tem uma memória muito visual. E para se emocionar, quando está fazendo um filme ou uma peça, ela se lembra de momentos importantes e especiais da sua vida.

“Ter meus filhos. Parir para mim foi uma experiência maravilhosa. Tive três partos normais. A sensação, a quentura do neném, a placenta saindo é uma coisa indescritível. Eu sempre me lembro dessas partes. Tem também as lembranças tristes. Perdi uma irmã de choque anafilático quando ela iria completar 15 anos. Foi uma coisa muito traumática para mim e minha família. Choro também com música, cena de filmes ou peças que assisti e até de raiva”.

– Estou tocando em alguma ferida?, pergunto.

– Não! Estou em um momento muito “zen” da minha vida. Ontem no ensaio de peça *Brevidades* eu chorei. Não sei o porquê. No espetáculo *Milagre Brasileiro* (2010) sempre chorava nos ensaios, porque traz uma coisa muito forte da época da ditadura militar. Muitas lembranças. Tudo isso sangra mesmo.

Um dos mais recentes trabalhos foi o filme *História da Eternidade*, no qual ela venceu o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Cinema de Paulínia, em 2014. A paisagem seca, de tons terrosos do sertão de Santa Fé, em Petrolina, serviu de cenário para a narrativa. O longa conta a história de três mulheres: Alfossina (Débora Ingrid), Querência (Marcelia Cartaxo) e Das Dores (Zezita Matos). Fala de amores, desejos e sonhos.

“As fotografias que estão na parede da casa no filme *A História da Eternidade* são minhas. A produção de arte pediu, mandei várias, não sabia quais iriam usar. Eles escolheram fotos muito significantes para mim. Imagine fazer a cena vendo essas imagens? Foi emocionante e mexeu muito comigo. Todo mundo da minha família assistiu ao filme e ficaram muito emocionados ao verem os retratos compondo com outras imagens o visual da casa. Eu sempre gostei de registrar os momentos. Minha casa é cheia de fotografia, da família, amigos e das ocasiões especiais”.

Considerada a “dama do teatro paraibano”, Zezita também participou da novela *Vereda Tropical* (1984), de Guel Arraes exibida pela Rede Globo. Em 2016, a atriz está participando da novela “*Velho Chico*”, que traz o universo esperançoso do sertanejo para o telespectador e tem algumas cenas gravadas às margens do Rio São Francisco.

“Nunca passou pelos meus planos fazer novela e ser convidada foi de fato a grande surpresa. Quanto ao trabalho, é uma obra cuja direção é de Luiz Fernando Carvalho, está sendo uma experiência que só vem a contribuir para o meu dia a dia como atriz. Tivemos preparação com vários especialistas de voz, corpo, dança e interpretação, além de

workshops com historiadores, filósofos e sociólogos sobre temas relacionados ao universo da zona ribeirinha do Rio São Francisco. Também foi um grande exercício para se trabalhar com a linguagem da televisão, que apesar de se assemelhar ao teatro e ao cinema, tem de fato suas especificidades. Está sendo um desafio, pois todo trabalho requer um estudo uma dedicação particular e ímpar. Além de gerar sempre um aprendizado e, como tal, trazer sempre algo novo e interessante para a minha vida como atriz e, conseqüentemente, como ser humano”.

Até o fim de 2015, a atriz totalizava em sua carreira 18 filmes, entre curtas e longas metragens.

Cena 5 – Dos palcos para a sala de aula

Falar, interagir, ensinar talvez seja uma necessidade para Zezita. Para sua formação não escolheu o teatro. Representar estava no sangue, era parte do seu viver. Seguiu o caminho das palavras. Em 1972, formou-se em Letras pela Universidade Federal da Paraíba.

Para concluir o Curso de Letras, Zezita foi fazer seu estágio supervisionado no Instituto Dom Adauto. Ela não trabalhava nessa área, até então.

– Eu? Mas eu terminei Letras e não Pedagogia.

– No entanto, você dá aulas e já movimentou bastante essa escola. Por isso quero você como diretora, fala Pe. Trigueiro.

– Tá bom. Você sabe quem eu sou. Faço teatro. Sou casada com um comunista. Sou comunista. Não vou parar e nem mudar por causa disso, fala Zezita.

Ele aceitou. Zezita ficou nove anos à frente da direção do Dom Adauto, de 1972 a 1981. Em 1979, o Pe. Trigueiro, que também era Reitor do Centro Universitário de João Pessoa –UNIPÊ, convidou-a para lecionar nos Cursos de Psicologia e Educação Física. Em seguida foi

Coordenar o Curso de Pedagogia que estava sendo criado. Coordenou também o Curso de Letras e o Núcleo de Apoio Pedagógico – NAPE. Atualmente, trabalha na Ouvidoria do mesmo Centro e Coordena o Projeto de Responsabilidade Cultural da IES.

“A relação teatro e sala de aula estão muito próximas, tanto no diálogo e na relação direta com o outro, quanto na aprendizagem que deve fluir deste encontro. Para mim, a sala de aula é também um palco, tomadas as devidas particularidades. Seguindo os princípios do diálogo que orientam o ensino e aprendizagem, deixo transparecer o meu pensamento. Sempre usei textos que têm um cunho político – pedagógico em contraposição aos ditos “neutros” para poder criticar. Isso tudo é o que me mantém acesa. Estarei sempre pronta para viajar à noite, chegar às 5 da manhã e ir trabalhar novamente. Quanto ao mito de Primeira Dama do Teatro, surgiu quando tive o prazer e o privilégio de Dirigir o Santa Rosa e o amigo Everaldo Vasconcelos coordenava na mesma época o Teatro Lima Penante e me cumprimentava por Primeira Dama. Entretanto, sou apenas uma operária do teatro. Ainda pago para fazer teatro. Vivemos em um país que é difícil se fazer arte. Não se faz arte nas escolas, o local ideal para se exercitar as várias linguagens artísticas, num exercício de criação de artistas e de público. Somos um país que não dá valor à arte. Vivemos atrás de editais, quando devíamos ter condições mais propícias para quem quer fazer teatro, cinema e qualquer outra manifestação artística. Os grupos dos quais participei e participo têm o teatro com um compromisso social, com o objetivo de retratar as contradições sociais de fazer pensar. Acredito que deva ser este o papel de cada artista na construção da história do nosso país”.

A atriz também concluiu o curso de Pedagogia e fez mestrado em Educação, na UFPB. Em seguida, foi fazer um doutorado em Cuba, porém, não concluiu. Esta se tornou uma das suas maiores frustrações. “Essa é a única coisa que está engasgada. Não fui forte o suficiente para aguentar a dor da separação e conseguir terminar o doutorado. A pesquisa estava toda pronta, mas não consegui escrever”.

O relógio marca 11h30min. Estávamos chegando ao fim do nosso primeiro encontro, pois Zezita tinha que coordenar a execução do Unipê

com Música, projeto que possibilita aos alunos e funcionários do Centro Universitário apresentarem suas performances musicais. Vaidosa, antes de sair da sala da ouvidoria, penteia seus cabelos para cima, para deixá-los cheios, verifica se tudo está devidamente organizado e segue em direção ao local da apresentação.

Sempre alegre e amigável, conversava com todos que encontrava pelo caminho. Chegamos ao local do show. Zezita anuncia uma das funcionárias que iria se apresentar naquele dia. Vestida ao estilo cowboy, com um chapéu preto, blusa vermelha com estampa espalhafatosa de girassóis, meia arrastão e um short amarelo com franjas, a funcionária sobe ao palco, junto ao seu namorado e também tecladista, para embalar e animar a hora do almoço dos que ali estavam presentes.

Zezita sorri. Parecia realizada por poder proporcionar aquele momento de alegria e de reconhecimento. Amigos e colegas de trabalho vão se aproximando. Falam com ela sempre com muito carinho. Ela sempre se mostra disposta e de bem com a vida.

“Acredito que é possível fazer um mundo melhor, como esta luz que está nos iluminando agora. Se eu não acreditasse, não teria porque existir. Gentileza gera gentileza, não acho que isso é piegas.”

Antes de me despedir falo dos nossos conhecidos em comum. Ela se mostra muito surpresa.

– Aaaahhhhhh, então acho que você deve já me conhecer um pouquinho.

Sorrio sem jeito. Quem sou eu para dizer o contrário.

Até breve!

Cena 6 – A breve existência do ser

O que você está fazendo aqui? indaga-me, Eleusa. Indaga-me? Ela se aproxima, maquiada, vestida com seu sobretudo rendado e seu chapéu cor de uva. Escondo-me nas sombras. Não saberia o que responder. Vejo

Eleusa em seu mundo, formados por uma mesinha, uma xícara de café, uma radiola velha e lapsos de memórias. Perdida entre o presente e o passado, ela mostra como a vida pode ser breve. Eleusa é uma ex-atriz, que se encontra impossibilitada de atuar devido ao avançado estágio do Mal de Alzheimer. Entre lembranças e esquecimentos, ela caminha em direção a um jovem. Pergunta novamente: o que você está fazendo aqui? O jovem, intimidado, gagueja, sussurra algo. Eu não escuto. Ela o pega pela mão e leva para beber um pouco de café. Em silêncio, o rapaz a vê falar sobre a vida, sobre seus questionamentos, observa como os sintomas da doença podem afetar a subjetividade tanto do doente quanto das pessoas de seu convívio. As falas sensibilizam a plateia. Um senhor, deficiente visual, que ouvia todo aquele discurso, se emociona. Parecia entender as emoções de Eleusa. Ela nos observa. Tira o chapéu. Não vejo mais a personagem, apenas Zezita. O espetáculo *Brevidades* recorre à experiência de cena de uma atriz para representar o papel de outra atriz, Eleusa, que esquece o que é representar.

Com dramaturgia e direção de Márcio Marciano, *Brevidades* está em cartaz desde 2013. É um trabalho realizado pelo Coletivo de Teatro Alfenin, do qual Zezita faz parte.

Um dia, o diretor Márcio chegou para mim e disse:

– Tenho um texto e quero que você leia.

– Mas como assim? (porque os espetáculos são feitos coletivamente pelo Grupo), comenta Zezita. Li. O roteiro me pegou de jeito. Falei para Márcio que não iria dar conta daquilo, pois era muito forte.

Começamos a trabalhar. Quando li, vi que não era um monólogo, e sim um diálogo, no qual a personagem vai narrando a vida dela e conversando o tempo todo com o público.

Zezita sempre se mostra temerosa pelo novo. Diz que tem medo de não dar conta do trabalho. “Sou virginiana. Sou muito meticulosa. Ou talvez seja só uma insegurança”.

Ligam as luzes. Fim de show. Aplausos. Sorrisos e surpresas. Zezita é homenageada por seus 57 anos de carreira. Emocionada, fala com todos os presentes. Surpreende-se ao me ver. Mostro um de nossos amigos em comum. Maravilhada com a vinda dele, ela o abraça forte. E,

assim como Eleusa, Zezita, cercada pela presença dos velhos amigos, por um breve momento pode voltar ao passado.

SÉRGIO DE CASTRO PINTO

O homem feito de palavras



Sérgio de Castro Pinto

O homem feito de palavra

Encontrei em meio aos livros o homem das palavras
Quem me dera que ele fosse tão minimalista como seus poemas
Mas ele era extenso como o mar
E ritmado como as ondas da praia na poesia de Bandeira
Eu encontrei apenas um homem espelhando a imagem da criança que
fora
O menino que, embalado pelos textos do seu pai, escrevia
As memórias de uma vida sem pretérito
De um tempo que não marcava hora
Mas que registrava o dia com história e poesia

Eu vi um homem que não consegui enxergar
Embaixo de toda timidez e seriedade ele se sentou para falar
E pouco se deixou descascar
Abrindo apenas as portas do mundo que queria narrar

Ele espiava a janela. 10 minutos se passara da hora marcada. Interfonei. Uma voz de locutor de rádio convidava-me para subir até a sua residência. Para os amantes das palavras, aquele lugar era mágico. Como não deixar se envolver por um universo com tantos livros? Ali estava seu refúgio. O recinto das ideias, de goles de bebidas e de poesia.

Vestido com uma camisa quadriculada, calça jeans e óculos escuros ele me recebeu em sua casa. Escolheu seu escritório o local para a nossa conversa. Centenas de livros emolduravam as prateleiras daquela sala. As paredes jaziam um toque de arte e quadros referentes a algumas premiações que recebera. Fotografias, medalhas, papel e canetas davam vida ao ambiente. De início, ele pareceu-me um pouco agoniado. Não sei, talvez fosse só impressão minha. Antes que eu comesse a falar, ele comentou sobre o seu livro *O Leitor que Sou* (2015), que reúne textos sobre os diversos momentos de sua vida e que foram publicados ao longo

dos anos. Será que ele cansou de responder sempre as velhas, chatas e redundantes perguntas que todo o jornalista faz tentando obter respostas diferentes? Compreendo-o. Achei melhor escutá-lo.

eis a fórmula

ou a forma:

a água

fura a rocha

e assim faço

o meu poema

O menino descobriu a poesia e fez dela os caminhos da sua vida. Fez seus poemas como quem tira água de pedra, de dentro as suas inquietudes. O menino que gostava de textos e era avesso aos números, foi um aluno relapso, até um tanto rebelde. Não se deu bem com as exatas. “Ixiiiiiiiiiiiiiiii”, diz ele: tinha um completo horror à matemática, física, química e biologia.

Mas as narrativas... ahh, as narrativas... Sua primeira influência veio do seu pai, Petrônio Franca de Castro Pinto. Autodidata, Petrônio não tinha curso superior. Atuou como jornalista em vários jornais da Paraíba e escreveu apenas um livro, chamado *Páginas de um Diário* (1985), sobre a ótica da sua infância e a revolução de 30. O poeta lia aquele livro e era tomado de uma saudade atávica do menino que era seu pai.

“A partir daí, com uns 9 ou 10 anos, comecei a escrever memórias. Eu não tinha tempo passado nem tempo pretérito para escrever memórias. Comecei a escrever sobre a vida inteira que poderia ter sido e que não foi. Mas, naquele tempo, eu não tinha uma vida inteira, como não a tenho até hoje, porque nenhuma vida é inteira, por mais comprida e larga que seja. Depois eu passei para poesia. Aquela fase de alumbramento diante da existência. O susto de viver. A descoberta. Aquele olhar epifânico que a criança lança sobre o mundo. O mundo me parecia ainda estar úmido”.

Enquanto falava sobre sua vida em forma de poema, ele olhava pela janela, talvez tomado pelo compasso das suas palavras, ou pelas brechas das suas lembranças. Subitamente, parou e disse novamente: eu falo tudo isso no livro *O Leitor que Sou* (2015). Apenas abro um sorriso e escuto-o falar.

Acredita que, por ser filho único, ainda criança se entregava a um solilóquio, falava consigo mesmo, questionando o mundo. Teve uma infância feliz e uma boa relação com seus pais. “Meu pai era um homem muito afetuoso. Minha mãe ao contrário, já era mais seca. Diz ela que puxou a minha avó. Quem tem uma infância feliz tem tudo para ser equilibrado. Sei lá. Claro que têm pessoas que conseguem superar. Mais uma infância infeliz é um dado preocupante, porque na maioria das vezes se sofre de algum tipo de desajuste. Não é a regra, é claro. Pelo menos, ajustado completamente ninguém é. Eu mesmo tenho muitos desequilíbrios. Sou uma pessoa supersticiosa. Tenho TOC. Minhas superstições não são clichês. São em sua maioria eu que as crio. Aos poucos, a gente se equilibra no desequilíbrio”.

Identifico-me com suas neuroses. Quem nunca desviou a sandália com medo que acontecesse algo ruim com seus pais? Superstições adquiridas pelos avós. TOC, quem sabe, contraído pela modernidade.

Rebeldia, poesia e boemia

Sempre rebelde, ele fazia apenas o que gostava. Nunca foi de cumprir determinações do professor. Fez Direito, mas não fez tão direito assim. Pela sua indisciplina, foi reprovado no segundo ano do curso. Em sua casa todos eram advogados. Naquele tempo não se tinha muita opção de curso. Era um menino de esquerda, em termos de ideologia. Pensou até em fazer medicina. Mas desistiu quando foi fazer exame de sangue e passou mal. As únicas coisas que ele se entregava completamente era a poesia e a boemia. Esta era a sua praia.

Meticuloso e até autocrítico, o escritor começou a publicar seus textos sobre o pseudônimo S. Mantalbana. O nome não fazia referência a nada, ele apenas achava bonita a pronúncia. Com esse alônimo publicou

diversas crônicas e artigos nos jornais da capital paraibana. Só começou a assinar seu nome quando realmente achou que seus textos eram publicáveis.

“Acho que já se nasce poeta, no sentido de ter uma visão diferente do mundo dos outros. Para encontrar a linguagem vai depender de uma longa jornada noite adentro. Ninguém consegue ser poeta só com os sentimentos. Tem que primeiro sofrer influência de outros poetas, depois romper e ter uma linguagem própria. A minha geração teve muita influência de João Cabral de Melo Neto. Mas quis me desvencilhar. Procurei incorporar o humor e a ironia à minha poesia, como podemos ver no poema “A tristeza entre o avô e o copo d’água”:

*O avô conduz a dentadura
(sorriso portátil)
no bolso do paletó
e ao sorrir a boca murcha
não há um sorriso só
pois o outro se oculta
no bolso do paletó.*

*o avô conduz a dentadura
(sorriso portátil)
e a introduz no copo d’água:
há uma alegria na boca
e uma alegria afogada
mas uma certa tristeza
entre o avô e o copo d’água*

É um poema jocoso e ao mesmo tempo triste. Há até mesmo certa rebeldia em tentar desamarrá-lo das influências de outros poetas. Ele revela que João Cabral e Augusto dos Anjos são interferências perniciosas, porque eles têm personagens fortes e termina fazendo com que você não seja você. É sempre preciso escrever obedecendo aos ditames do eu profundo.

Falando em influência, sinto-me motivada para escrever sobre o mundo inteiro dentro de mim. O incentivo surgiu enquanto escutava a voz do poeta narrando seus textos no CD intitulado *Muito além de Taprobana e de Pasárgada* (2015). Ele dá voz a setenta e seis poemas extraídos de suas obras, desde *Gestos Lúcidos* (1967) até *A Flor do gol* (2014). A narração dava vida aos textos. Fazia-me querer escrever a voz silenciosa em mim. Mas eu não sabia como. Não sabia fazer poesia...

“Poesia é sentir e cantar. É canto e palavra. Eu acho que a poesia é a emoção recolhida na tranquilidade. Ao invés de você escrever sobre a égide da emoção, você deve amadurecer, sazonalá-la, para só então transportá-la para o papel. Porém, isso por si só não é suficiente para realizar um bom poema. Não digo que minha poesia é totalmente racional, temos que interrelacionar a razão e o sentimento. O poema não necessariamente fala minha verdade ou fala aquilo que sou. O eu lírico é o que finge, como diz Fernando Pessoa: O poeta é um fingidor / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente. Porque a dor da literatura é uma dor fingida. Mesmo que o poeta sinta, ele não expressa, ele finge através dos sortilégios das palavras. O poeta não tem compromisso com a verdade. Não tem compromisso nem com a história coletiva do homem, nem com sua própria história. Temos compromisso com a palavra e com o sentimento”.

O poema foi o carro chefe da sua vida. Com minimalismo e musicalidade, o poeta registrou suas narrativas em livros: *A Ilha na ostra* (1970), *Domicílio em trânsito e outros poemas* (1983), *O Cerco da memória* (1996), *A Quatro mãos* (1996) e *O Cristal dos verões: poemas escolhidos* (2007). Contudo, não só de poesia vive o autor. Ele também escreveu ensaios, com destaque para: *Os Paralelos insólitos* (1996), *Longe daqui, aqui mesmo – a poética de Mario Quintana* (2000) e *A Casa e seus arredores* (2006).

- E contos?, pergunto-lhe.

- Bem, eu fiz três contos, com os quais eu competi no Concurso Nacional de Contos no Paraná. Essa foi minha única experiência. Alias, foi um acidente de percurso. Me lembro que quando ganhei, ainda muito jovem,

fiquei me sentindo um Rambo. Recém premiado, estava com o ego inflado. Mas vi que minha praia mesmo é a poesia.

- Isso não marcou você?

- O que mais me marcou são foram meus livros e a receptividade que a gente consegue com eles, principalmente lá fora (em outras regiões). Até porque sou um autor que não faz política literária.

- O que está escrevendo?

- Ando completamente indisponível para poesia. Não sei se é o fato de ter publicado um livro recentemente. Então a gente fica meio que saturado. Tem momentos que a gente se sente mais disponível para escrever.

Aponto para os livros. Pergunto qual a história por trás deles e comento sobre os novos poetas.

- Não tem nenhum autor novo que me motive. Não encontro no momento em nenhum grande poeta brasileiro. Talvez seja até deficiência receptiva. Olhe para essas estantes. Cada livro é uma etapa da minha vida. Gosto de biografias, romances... de arte. Mas o que visto é a camisa da poesia.

Jogo de Palavras – em meio a partidas e bichos

No auge da sua juventude, cabelo devidamente penteado para o lado, o poeta, junto com seus parceiros de equipe, decidiu registrar o momento. O ano era 1963. Vestidos com um short curtinho, camisa de gola, os jogadores e o técnico da Seleção de Futebol do Colégio Pio X fizeram a pose típica de times de futebol. Click. O poeta revelou sua grande paixão pelo esporte através da poesia. *A Flor do gol* (2014) revela um jogo metafórico de palavras e homenageia grandes atletas em forma de poema. Didi, Vavá, Jairzinho, Leonidas e Garrincha I e II grandes personalidades que serviram para ritmar seus textos. Os dribles, gols de bicicletas e todos os termos técnicos vão fazendo um jogo poético com as palavras. A mesma obra também traz um pouco o lado animalesco.

Tamanduás, formigas, gato, caranguejo e bode compõe o mundo mágico e metafórico da sua poesia.

Porém, o universo bestial já havia sido explorado pelo poeta. A obra *Zôo Imaginário* (2005) ganhou o prêmio da União Brasileira de Escritores e foi considerada o Melhor Livro de 2015. Adotado pelo MEC para o programa Lendo e Aprendendo, ele foi estudado em todas as escolas públicas de São Paulo.

Mimeografia poética – Grupo Sanhauá

*no guarda-roupa
(imóvel de jacarandá),
os dias antigos
suspensos em cabides
em ritos de abraçar.*

*sobre imóveis roupas
(diário colorido)
o pássaro distingo:
o pó dos sábados,
memória dos domingos!
(Diário)*

Poemas impregnados pelas coisas simples. Diário de uma vida diária. De memórias guardadas, juntando pó e poesia. O poeta torna grandes as pequeninas coisas do universo. Uma narrativa metafórica e prosopopeica, que dá vida as coisas banais como lápis, máquina fotográfica, dentaduras. Textos que marcaram um período da história. Que se tornaram pontes para a modernidade. Em um tempo de medo e repressão, muitos gritos foram abafados e palavras foram soltas ao vento.

Na década de 60, poetas fizeram história. Em 1963 surgia o Grupo Sanhauá, em meio à atmosfera de mudanças e agitação social. Marcos dos Anjos, Marcos Tavares, Marcos Vinícius, Anco Márcio, Ponce de

Leon, A. Serafim Rêgo e Sérgio de Castro Pinto juntaram-se com a proposta de fazer com que a poesia paraibana entrasse em sintonia com a poesia do sudeste do país. As obras eram feitas com papel de embrulhar carne, mimeografadas e criadas de maneira bem artesanal. Os poetas, ao mesmo tempo em que incorporavam algumas das conquistas das vanguardas, também tentavam imprimir sua personalidade na poesia.

O poeta entrou no Sanhauá no ano de 1967. Neste período lançou seu primeiro livro de poemas *Gestos Lúcidos* (1967), pelo selo editorial do Grupo, no hall do teatro Santa Rosa. A figura de um homem com seu chapéu de cangaceiro, feita em xilogravura por Francisco Pontes, ilustrava a obra, que era diagramada por Marcos dos Anjos.

Na época o grupo se reunia no restaurante Bambu, núcleo de convergências e divergências, onde se tinha muitos debates, já que, por conta da repressão, não se podia fazer encontro em outros locais. Cercada pelos ipês amarelos do Parque Sólon de Lucena (A Lagoa), a churrascaria era o centro nevrálgico de todos os grupos. Jovens da geração 59, do Sanhauá, gente do teatro, da música, escritores e compositores. Era uma época recheada de muita polêmica e medo.

*o medo
se aloja na medula
como um cubo
de gelo.*

*o medo
se infiltra no tinteiro
e o congela.*

*o medo
se instala na palavra
e a enregela.*

*com o medo
aprendi o ofício
de armazenar as palavras*

como num frigorífico

com o medo conservo:
dez mil palavras
abaixo de zero.

O poema recria uma época na qual o silêncio era imposto. Apreende a atmosfera tensa da ditadura militar. O medo marcou um período, calou muitas vozes, libertou muitos gritos. Mesmo motivado pela liberdade de expressão, o poeta tinha medo de escrever. Do que poderia ser feito se sua voz fosse ouvida ou lida.

“Esse medo de escrever fazia com que engasgássemos. Que não colocássemos para fora o que sentíamos. Durante o período militar, fiz uma música, que fazia referência ao exílio de Caetano e Gil e foi proibida pela censura. Ela transformava o Brasil com enfoque londrino, com nevoeiro, um país sombrio por conta da tirania e das arbitrariedades. E transformava Londres num país tropical. Esse era o clima de temor que a gente vivia.” A letra dizia:

*minha mãe, eu vou pra londres
me encontrar comigo lá,
buscar o que eu perdi,
escrever, ouvir, falar.
londres, address, longe,
minha mãe eu vou pra londres...
e de lá uma lâ por
na rispidez deste amor,
edgar allan põe
nevoeiros e cinzentos,
monstros soltos por aqui,
minha mãe eu vou partir.
das chaminés de londres
o sol sai e salpica
o céu, minhas pupilas,
istmos, ilhas...*

*neva, neva aqui, never, never aqui,
minha mãe, eu vou partir.*

Enquanto conversávamos escuto crianças gritarem. Não eram gritos de pânico, mas de alegria. Quem dera que, assim como as crianças, superássemos todos nossos temores. No entanto, ao crescer, a vida nos impõe preocupações. Alguns são tomados de pavor por não saber sobre o amanhã, nem o dia da partida. Outros, como o poeta, tem receios de como vão partir. Ele teme dar trabalho às pessoas e sonha com uma morte tranquila. Quantos medos se instalam ao longo da vida? Lembro-me do que Clarice Lispector disse ao jornalista José Castello, no livro *Inventário das Sombras*: “Você é muito medroso. E com medo ninguém consegue escrever”. Vozes são caladas por temer críticas ou com medo de se expor.

“Quando se faz um poema você se expõe. Por isso publico pouco. Rasgo mais do que publico. Eu só quero mostrar aquilo que acho que devo. É uma espécie de vaidade. Sou exacerbadamente crítico comigo mesmo. Não sei até que ponto isso acaba sendo prejudicial. É uma crítica autoflageladora. Talvez isso não seja bom”.

De Bandeira a Quintana

*Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada
(Vou-me Embora pra Pasárgada - Manuel Bandeira)*

Bandeira idealizou Pasárgada, como um local de paisagem fabulosa, um país das delícias. Buscou uma espécie de paraíso para vivenciar os atos comuns da vida. Pasárgada representa o mito da felicidade. Onde se apresenta a realidade de dois mundos distintos, o presente e o imaginário; o que se nega e o que se deseja. O poeta, que

procurava seu paraíso particular no mundo das palavras, o significado da vida diante das coisas simples, encontrou Bandeira. Bandeira o impressionava por extrair o novo de dentro do velho. Mostrava a tradição com ares de renovação. E nas longas estradas da poesia, o poeta escolheu Bandeira como tema do seu mestrado em Letras.

Desde a sua juventude, além de Bandeira, ele passou a dialogar com outros poetas, entre eles Augusto dos Anjos, Cecília Meireles e Mário Quintana. No afã de construir a poética de Quintana, situada entre a tradição e a modernidade, Sérgio publica *Longe daqui, aqui mesmo: a poética e Mário Quintana* (2000), originalmente defendida na sua tese de doutorado em Letras.

Os autores vão acompanhando sua longa jornada. Com sua caneta pendurada no bolso da camisa, livros de poemas embaixo do braço ele segue para ministrar aulas aos alunos de Letras da Universidade Federal da Paraíba. O poeta não se graduou em Letras e expressa: “graças a Deus! É muito mais prazeroso ler um livro sem ter que prestar conta ao professor. Pois, isso se torna mais lúdico. Eu sempre fui um livro atirador”.

Muito além de Taprobana – Correio das Artes

O telefone toca. No outro lado a voz do escritor Henrique L. Alves, presidente da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), comunica a boa nova: o suplemento literário Correio das Artes, que o poeta editara, acabara de ser premiado como Melhor Divulgação Cultural do País em 1981. A notícia foi recebida com alegria e dor. Alegria pelo reconhecimento do trabalho que o poeta tinha realizado. Dor porque sabia que o suplemento estava para ser extinto.

Em meio à premiação, o poeta e seu colega Neroaldo Pontes de Azevedo distribuíam exemplares do “Correio das Artes” ao público presente no Teatro Municipal de São Paulo. Entre os presentes estavam algumas personalidades como: Fernanda Montenegro, Renato Aragão, Fernanda Torres e Tony Ramos. Mas foi um homem, de estilo excêntrico, vestido com paletós milimetricamente moldados com lenços coloridos no bolso, cabelo preto Chanel, que, segundo Sérgio, conseguiu

salvar o suplemento literário da guilhotina. O estilista Clodovil Hernandez, durante o programa TV Mulher, da Rede Globo, não poupou elogios ao Correio das Artes, mudando assim a ideia do governador interino da época de acabar com o suplemento, que faz parte do jornal do governo “A União” desde a década de 1940. O Correio das Artes foi incluído na Modern Language Association of America, periódico responsável pelo registro das mais importantes publicações culturais do mundo.

A premiação estava ali, emoldurada, estampada na parede do escritório para lembrá-lo dos tempos como editor, de 1981 a 1986. À frente do suplemento, o poeta procurou diversificar as colaborações para além da literatura. Fotografias, artes plásticas, música, teatro e todos os tipos de expressões artísticas se mesclam com as mais variadas formas e gêneros literários. O Correio das Artes passa a figurar também como material didático, em virtude dos acervos informativos, autores e fatos literários e culturais.

Uma vida em versos

Era um garoto tímido. Fazia os caminhos mais longos para não ser vistos pelas meninas. Após estudar em um colégio misto, aprendeu a conviver e a olhar os olhos das adolescentes. Não se diz namorador. Nem encantador. Conheceu seu amor em uma festa no antigo Clube Ástrea. Alba Lúcia foi escolhida como sua companheira e mãe dos seus filhos. Casou-se aos 26 anos. Com ela teve Maria Cecília, Sergio Rodrigo e Maria Carolina. Todos se formaram em Direito. Protetor, tem um cuidado exacerbado com seus filhos. Assim como o seu pai fazia com ele, também construiu junto aos filhos o hábito de ler, o que os fez serem apreciadores de boas leituras.

Dos seus laços familiares pouco falou. Talvez a vida tenha sido transformada em versos, como a morte do seu pai, o nascimento dos filhos, o viver em si. Aliás, poesia e família são as únicas coisas que o motivam. Silencioso em seus pensamentos, o poeta não suporta conversa de intelectuais, com suas frases de efeito e vaidades. Diz-se ser uma

pessoa de poucos, mas verdadeiros amigos. É um bebedor doméstico. Entre uísque, vinho e todos os tipos de bebida ele passa seu tempo. E, às segundas-feiras, as ressacas vêm acompanhadas de depressão.

A face agora foi tomada pelo tempo. O tempo das lembranças remexidas e as ocasiões bem vividas. O relógio marca 17 horas. Os minutos do nosso encontro foram esgotados. Ele precisava visitar a sua mãe, que estava doente. Talvez tenha se sentido um pouco aliviado por nosso encontro ter terminado. Tenho a impressão de que não gosta muito de falar sobre sua vida particular, apenas sobre sua arte. Acho que nele há um pouco de Drummond, quando este poeta tentava escapar do assédio dos repórteres e se livrava com a exaustiva frase: tudo o que tenho a dizer está nos meus poemas. Quem sabe essa frase não seria uma boa epígrafe para sua história.

JOSÉ ENOCH

Voos Livres - a história de um bailarino



José Enoch

Voos livres – a história de um bailarino

Beethoven, Mozart, Chopin, as melodias dão ritmo aos passos. Sem letras, sem fala, a dança e a música clássicas constroem narrativas que tocam a alma. Quando criança, me encantava ao ver aquelas meninas com seus *collants* e saias de bailarinas, com coques no cabelo feitos em extrema perfeição. Que mundo era aquele? Onde a sutileza e a dureza eram tomadas pelo universo feminino. No meio de tanto estrogênio, a dança surgiu na Paraíba pelas mãos de um homem. José Enoch. Não o conhecia. Contudo sabia da sua fama. Sempre me imaginei participando de suas aulas, fazendo *plié* com uma postura impecável e usando sapatilha de ponta. Infelizmente aquela não seria eu. Cresci vendo várias crianças vivenciarem aquele mundo mágico do ballet clássico. A delicadeza dos passos fazia com que eles aparentassem ser extremamente fáceis. Pura ilusão. O ballet parecia algo que toda menina teria que fazer e se tornou uma espécie de ritual de introdução das garotas na sociedade. No entanto, eu não me encaixava nesse mundo. Não nos palcos, interpretando o Lago dos Cisnes ou Quebra-Nozes. Eu queria apenas observar e sentir, por meio da dança, que a vida é bem mais bela e simples do que se pode imaginar.

Trim! Trim Trim! Trim!

Liguei para o Studio. Quem me atendeu foi Ylse, uma de suas filhas, que cuida da parte administrativa do lugar. Ela passou o telefone para o pai. Uma voz mansa e até cansada atende. Apresento-me. Comento sobre a minha intenção de entrevistá-lo. Ele fala: Minha filha, mas logo eu? Estou tão velho. Explico o porquê da minha escolha. Ele aceita.

Nosso encontro foi realizado em sua casa, localizada no bairro da Torre, na capital paraibana. Lugar onde também funciona o Studio de Ballet José Enoch. Ao chegar, o vi assistindo vídeos das grandes companhias clássicas no YouTube. Atrapalho?, falei. “Claro que não!

Estava vendo aqui o que ainda há de bom no mundo da dança, porque aqui não temos nada para ver”, ironicamente comenta Enoch.

Despojado, vestindo uma camisa cor de caqui, uma calça folgada de tom neutro e de sandálias, ele me recebeu. O bailarino, que vivenciou o glamour da alta sociedade carioca, se apresentou no luxuoso Copacabana Palace Hotel e nos quatros cantos do mundo, mostrava ser um homem simples. O corpo já não aparentava mais a juventude, os cabelos brancos acompanham seus mais de 60 anos de dança. Os olhos azuis, quase escondidos pela vista cansada, contrastavam com sua pele morena.

Indisposta com minhas constantes dores de coluna, pergunto se posso me sentar em uma cadeira com apoio melhor. “Dor de coluna?”, ele indaga. Pois é, respondo timidamente. Diante daquele homem que vivenciou 84 primaveras, envergonho-me. A sensação era como se eu tivesse mais de 100 anos de idade. Foi um problema na coluna o principal motivo de Enoch conhecer o ballet. Talvez isso tenha sido apenas uma desculpa de Deus para levá-lo aos palcos. Ah o destino! Aos 7 anos, Enoch sofreu uma grave queda enquanto brincava em uma árvore de Ingá. Lesionou o pé e a coluna. Pegou tétano devido a um profundo corte. Ficou muito doente. Porém, foi salvo pelos alemães, proprietários de uma grande fábrica na qual a sua mãe trabalhava.

Enoch Ramos Toscano Barreto nasceu no ano de 1931, na cidade de Rio Tinto, interior da Paraíba. Criança calma e muito estudiosa gostava sempre de se relacionar com pessoas mais velhas. De uma família tradicional, tinha grande afinidade com seu avô, o médico homeopata José Vicente Toscano Barreto do Rego. Sua pele amendoada e olhos claros vieram da descendência de sua avó, Maria Amélia do Nascimento Barreto, a bela índia da Baía da Traição. Filho de José Ramos dos Santos e Eleonora Toscano Barreto do Rego, apenas voltou a reencontrar o pai aos 8 anos, que o convidou para morar no Rio de Janeiro.

No Rio, o menino conheceu um mundo novo. Entre os estudos na escola militar, aulas de piano e de espanhol, ele encontrou a dança. Para curar o problema na coluna que havia adquirido, o amigo do seu pai, Auri Barroso sugeriu que ele fizesse ballet. Num ambiente dominado por mulheres, homem fazer dança era visto com muito preconceito, ainda

mais sendo filho de um general do exército. Mas Enoch Ramos Toscano Barreto seguiu em frente, deu seus primeiros passos no Teatro Municipal e aderiu o nome artístico *José Enoch*.

Gran Plié, Jeté, Frappé

Na sala surge uma criança nada tímida e sorridente.

- Vovô!

- Lara, venha cá. Essa é a minha bailarina. Vai seguir os meus passos. Ela tem talento. Mostre para ela os passos de ballet. Vamos lá. No ritmo. É 1, é 2, é 3, é 4. Agora faça pose. Olha só a pontinha do pé dela. Um dia vai ser uma grande artista.

A menina de apenas 5 anos, olhos arredondados e de largo sorriso, veio para perto do avô. Logo se via nele o orgulho de tê-la e de poder passar seu aprendizado para outras gerações. Na sala, retratos emoldurados da pequena bailarina, roupas de dança, quadros com desenhos de ballet, certificados e troféus. Uma vida dedicada à arte, registrada nos detalhes de cada objeto.

“Sabe, eu não tinha vontade de fazer ballet. Eu gostava de música. Talvez tenha sido influência do meu pai. Ele tocava seis instrumentos e era maestro. Eu aprendi piano. Formei-me no Conservatório Nacional do Rio de Janeiro, mas nunca pensei em dança. Fiz pelo meu problema na coluna. Eu era torto. Os exercícios nas barras me curaram”.

Com uma arquitetura que segue a linha e o modelo dos grandes hotéis do balneário francês, em estilo neoclássico, o Copacabana Palace Hotel serviu de palco para Enoch, onde ele fez grandes shows. No Rio também ministrou aulas de dança para as mulheres da alta sociedade. No meio de musicais, vedetes e teatros de revistas, ele foi descoberto. Na época, o vice-prefeito de Nova Iorque o convidou para ir aos Estados

Unidos. Lá construiu toda sua trajetória artística. Enoch continuou seus estudos sob a orientação do *American Ballet School* e da *Escola de Martha Graham*. Nessa época participou de vários festivais de dança. Em 1964, com saltos e passos marcantes, vestido de marinheiro, ele fez parte de um dos musicais da Broadway. Também teve que aprender a cantar. Porém, ganhou os palcos do mundo após ganhar um concurso internacional de dança. Ele foi o primeiro bailarino brasileiro a se apresentar no Teatro Royal, na Broadway e no rádio City Music Hall. Foi integrante do quadro da companhia brasileira ballet hispano-brasileiro, no Rio, e participou do corpo de ballet da TV Globo durante quatro anos.

“Ganhei muitos troféus. O primeiro foi em Nova Iorque, em 1968. Estava com uma roupa de guarani, dançava ao som de uma música de Frutuoso Viana, que falava sobre folclore. Eram 74 candidatos. Tirei em primeiro lugar. Foi uma rivalidade tão grande que às vezes me arrependia de ter entrado no concurso. Por causa desse prêmio pude ficar em Nova Iorque. Então fui contratado. Percorri o mundo com minha dança.”

Tóquio, Canadá, Paris. Com a Companhia de Dança Ed Sullivan Show, ele viajou por 41 países. Pertenceu ao Balé de Moscou por quatro anos, para se aperfeiçoar e aprender novas técnicas. Contudo não chegou a se apresentar pela Companhia. Estudou danças folclóricas com Mercedes Batista, a primeira negra a dançar ballet clássico. Em Barcelona, aprendeu Flamenco e ganhou muitos prêmios com a dança espanhola. Nos musicais, pode conhecer diversas culturas. É poliglota. Fala fluentemente inglês, francês, alemão e espanhol. Sempre muito curioso, aprendeu os outros idiomas vendo revistas. O russo foi o mais difícil para ele.

Disperso. Sempre disperso. Ele passa a mão no rosto. Na cabeça. Algo o incomoda. Sutilmente fala da falta de reconhecimento das ex-alunas e de seus conterrâneos. Chateia-se quando as antigas colegas não atendem seu telefonema. Despreza quem um dia foi seu amigo e se afastou. Revela certa mágoa por não ter proximidade com seus

familiares, mas diz ser um homem que não vive de passado, só de presente.

As voltas que o mundo dá

Em Nova Iorque residiu por 23 anos. Lá cursou Psicologia, mas nunca atuou na área. Casou-se com Elionor Poli Ramos, com quem ficou junto por seis anos. Mostrou-se impaciente ao falar dela. “Menina, você é muito curiosa”, comenta. Passa a mão no rosto. Balança a cabeça. E eu somente calo-me.

“Ela está sempre no *Facebook*, me perseguindo. Eu não quero conversa. Esse casamento atrapalhou um pouco minha carreira. Ela era muito intelectual. Falava 8 idiomas. De família alemã rica. Tivemos muitos problemas. Ela era empresária de muitos artistas e de jogadores de futebol. Eu era ciumento, viajava muito, mas sempre fui honesto e direito. Uma coisa que queria era ter tido um filho na América. Ela não queria. Isso me deixou bastante frustrado. Nunca fui namorador. Fui um homem simples, modesto, não gostava de sair, a única coisa que fazia era tomar uma taça de champanhe no aniversário”.

Alguém interrompe sua fala.

- Me dê uma ajuda ai?, grita um homem para Enoch.
- Venha depois. Estou com uma pessoa aqui.
- Eu espero, fala o rapaz.

Mostrou-se intensamente incomodado por aquele rapaz ter ficado ali. Passou a mão na nuca várias vezes. “Agora não tenho. Volte depois”, expressou, um pouco irritado. O homem insistente permaneceu no mesmo lugar. Não sei se Enoch estava incomodado com a presença daquele indivíduo ou era o fato de estar falando sobre alguns assuntos para ele tão indigestos.

Pausa.

-Aceita uma água?, pergunta-me Enoch.

- Claro.

Lara volta aos palcos da nossa conversa, junto com a sua amiguinha.

- Ela não é linda? Vai ser uma grande bailarina, fala Enoch.

- Vovô, deixa eu tirar foto?

Click, Click, Click.

Lara se despede fazendo passos de ballet.

“Ei. Ainda estou aqui”, fala o rapaz para Enoch. Ele observa com olhos cerrados e diz: volte depois, hoje não tem nada aqui. Estou ocupado, já falei. Você está me deixando agoniado.

Tic tac, tic tac, tic tac, tic tac... o tempo passava e o homem continuava no mesmo local.

- Onde estávamos?, pergunta Enoch.

- Falando sobre sua ex-esposa, comento.

Ele me olha sério por um momento. O silêncio se alternava com o rapaz fazendo barulho, no mínimo irritante, na porta do Studio. Enoch balança a cabeça, respira fundo e...

- Pois bem. Após o meu divorcio decidi não voltar para Nova Iorque. Retornei para o Rio de Janeiro. Depois vim para Rio Tinto. Na época, a amiga Leia Crispim sugeriu que colocasse um curso de dança no Jangada Clube, em João Pessoa. Quando cheguei aqui não tinha nada, fui quem lançou a dança na Paraíba. Eram senhoras fazendo ginástica, dança moderna. Começou com 12 pessoas e chegou a quase 300 alunas.

Quando viu que as aulas começaram a dar certo, Enoch se muda para João Pessoa. A mesma amiga sugeriu que ele montasse um Studio de Dança. No período, a mãe de uma de suas alunas estava alugando

uma casa, localizada na Avenida Coremas. Enoch reformou todo o local. O Studio chegou a ter quase 700 alunas. Lá permaneceu por 18 anos. Depois se mudou para o bairro da Torre, onde reside e tem a escola de dança até hoje. Ele ensinou os primeiros passos a várias bailarinas, que propagaram a dança na Paraíba por meio de Academias e Companhias. O Ballet Studio ainda oportunizou a criação dos grupos Contratempo e Sem Censura Cia. de Dança, na década de 1980. Atualmente dá aulas para crianças de 3 anos até adultos. Tem alunas com 50 anos. “É possível aprender ballet em qualquer idade. Só basta dedicação e entrega total”, revela.

- Vou ter que ir. Volto amanhã, comentou o rapaz.

Enoch acena e depois explica com a voz baixa: eu e Mocinha o ajudamos. Todos os dias ele vem aqui. Mas nunca demorou tanto. Nossa!

- Quem é Mocinha?, questiono-o.

- Minha atual esposa. Você é curiosa demais hein!?

“Mocinha (Josirene Ramos) era secretária no meu Studio de dança. Sempre me dava muita atenção e cuidava de mim. Não foi amor. Meu amor veio depois das filhas. Ela é minha companheira, minha amiga, meu anjo da guarda. Nunca amei ninguém. Só amo minhas filhas e Deus. É ela quem costura as roupas de ballet. Estamos casados há 37 anos e temos duas filhas, Neide e Ylse Ramos. Neide também é bailarina e ministra as aulas atualmente no Studio”.

Para aquele homem, dançar é o exalar da vida, é o modo de expressar o mundo à sua volta, as suas dores, seus medos, suas alegrias. Dançar é paixão e equilíbrio. É a linguagem escondida na alma. “A dança só me deu alegria. Cada noite que saía do palco eu me benzia e agradecia”, diz Enoch.

Noite de luz

Malú escreve uma carta a Papai Noel e adormece. Surge uma fada, que leva a cartinha para o bom velhinho e carrega a menina em sonho para um mundo de magia e encantamento.

Anjos, fadas, duendes, bonecos de neve, estrelas, soldadinhos de chumbo, luzes, enfeites de Natal e 60 bailarinas deram vida a mais uma estória por meio da dança. A pequena narrativa de Malú foi apresentada em dezembro de 2015, no palco da sala de concertos do Espaço Cultural José Lins do Rêgo. O evento entra na lista dos diversos espetáculos realizados com as alunas do Studio de Ballet José Enoch.

Talvez o impulso por realizar essas apresentações tenha vindo devido às boas lembranças dos festivais que Enoch participou, como as Festa das Nações, por exemplo. Considerado, na época, como uma das maiores atrações turísticas da cidade, a Festa das Nações, realizada também no Espaço Cultural, tinha espetáculos internacionais. Enoch colaborou ativamente em diversas coreografias e como conselheiro dos espetáculos. Hoje, ele revela certa insatisfação com o cenário da dança na Paraíba.

“Acho péssimo o cenário cultural daqui. Tudo está deturpado. O teatro está pobre. A não ser por alguns grupos com projetos independentes. Eu tinha planos grandiosos para a dança aqui na Paraíba e até hoje não obtive resposta dos órgãos públicos. Faltam as autoridades se interessarem pela arte e pela cultura”.

Exigente, Enoch sempre que pode ainda orienta as aulas de ballet. Quando o aluno está mal, ele também chama a atenção, mas não gosta de gritar com ele. “Eu sou uma pessoa mansa e até bondosa. Gosto de fazer caridade, ler, ver grandes filmes, musicais e sou muito religioso. Talvez se não fosse bailarino, acho que seria padre. Não suporto palavras chulas, fuxico, nem briga.”

Convida-me a conhecer a sala onde são realizadas as aulas de dança. Espelhos e barras compõem o lugar, que é tomado pelo eco de nossos passos. Ele segura a barra, a postura ainda ereta. Que inveja! “Pronto, aqui é meu local”, comenta, orgulhoso por tudo que construiu e pelos seus longos voos alçados no mundo da arte.

FLÁVIO TAVARES

Veredas do Imaginário



Flávio Tavares

Veredas do imaginário

O sol estava quase se pondo. Entretanto, os raios ainda podiam iluminar as plantas e flores daquele imenso jardim. De início, o verde da vegetação lembrou-me a Cidade das Esmeraldas, do famoso “O Mágico de OZ”. A estrada de “tijolos amarelos” foi revelando outras cores e formas. Rostos, corpos, paisagens, um mundo imaginário registrado em quadros, pedras, cerâmicas. Naquele lugar podia se respirar arte e história. Narrativas que, ao longo dos anos, foram sendo contadas pelas mãos do artista plástico Flávio Tavares.

Ele me recebeu calorosamente em sua residência, seu lugar de refúgio e inspiração. A quantidade de tons e figuras enchiam-me os olhos. Um museu particular, onde se via obras suas e a de outros artistas. Cada quadro e escultura tinha uma alma singular. Ali, me sentia observada por aqueles personagens. Naquele momento, experimentei uma mistura de encantamento e curiosidade. Enquanto minha mente tentava assimilar tudo o que via, somente observava e o escutava falar.

Talvez o dom para pintar e desenhar tenha vindo da genética. Seu pai, Arnaldo Tavares era médico, professor, músico e desenhista. Ilustrou durante muitos anos o suplemento literário Correio das Artes. Seu avô era fotógrafo. Todos da família tinham certa tendência para as artes. Flávio fez seus primeiros rabiscos ainda criança, aos 6 anos de idade. Algumas vezes ouviu seu pai falar: “olhe, esse menino tem muito talento”. O que, de certo modo, o fazia acreditar. Todavia, Flávio não sentia isso. Seu pai o ensinou a desenhar com bico de pena e, como era médico, também o orientou sobre anatomia. De uma família intelectualizada, o artista revela a influência que seus irmãos tiveram no desenvolvimento da sua arte.

“São 6 irmãos, 5 homens e uma mulher. Todos eles liam muito. Lá em casa tinha uma grande biblioteca. Já conhecia pintores europeus e outros mexicanos como Diego Rivera e Frida Kahlo. Os livros eram algo muito sério naquela época. Quando chegava um volume de um pintor ou um romance era o momento em que você magnetizava a alma, não só com coisas ligadas à pintura, mas ao cinema, ao teatro e à literatura.”

Logo emendou em outra recordação.

- Me lembrei de uma coisa. Descobri que meu pai tinha um diário.

- Um diário? Sobre a vida dele?, indaguei.

- A maioria das coisas era sobre medicina. Tanto é que, desses escritos, o CNPq estará lançando quatro livros dele: Medicina Mágica, Plantas Medicinais, Influência árabe da medicina no Brasil e Medicina Matuta. Na verdade, o que me chamou a atenção é que no meio dessas coisas tinha um diário. Lá encontrei coisas sobre mim. Ele falava sobre o meu primeiro quadro. Dizia que eu havia pintado como se fosse um pensador. Logo me lembrei da escultura de Rodin, chamada o pensador. Ele falou até de uma história em quadrinhos que eu tinha feito na época e de outros quadros antigos meus.

Flávio foi procurar o diário. A capa dura protegiam as folhas fragilizadas pelo tempo. Procurou a parte que falava sobre ele. A data era 15 de janeiro de 1963, dia do seu décimo terceiro aniversário. Leu algumas partes. Não conseguiu entender outras. Levantou os olhos, observando as várias obras penduradas nas paredes. Pensou por um momento. Fechou aquele livro escrito à mão. Suspirou. “foi uma grande surpresa ler. Eu não sabia que meu pai escrevia”, falou.

Ele atribuiu muito da sua técnica aos mentores da Coordenação de Extensão Cultural (Coex) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Lá conviveu com grandes artistas, como Raul Córdula, Breno Matos, Gilvan Samico, além de artistas itinerantes, como Lazzarini. Cada um transmitia um método. Porém, tudo era muito livre, o que interferiu na estética de cada artista. Também teve como mentor o pintor Hermano José.

“Hermano teve papel fundamental na vida de vários artistas. Era uma espécie de embaixador. Ele fundou, junto com meu pai, Ivan Freitas, Archidy Picado, Elsi Dias e Lira Serrano, o primeiro Centro de Artes da Paraíba, em 1952. Foi ele que conseguiu minha primeira exposição no Rio de Janeiro. Quando pintava e tinha dúvida, eu ligava pra ele e escutava: “esqueça a pincelada e as cores, termine o quadro. Seu mal é não saber terminar. Você tá querendo complicar demais”.

Após concluir seus estudos secundários, logo ingressa na UFPB onde pretendia cursar Sociologia, mas teve que abandonar no terceiro ano para dedicar-se em tempo integral à arte. Sua primeira exposição foi em Recife, aos 16 anos. Com pouco mais de vinte anos, já havia exposto no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde, em 1976, lançou o álbum de desenhos intitulado “*O Pavão sem Mistério*”, com o texto de apresentação do cartunista Ziraldo.

Sua primeira exposição nos EUA foi aos 24 anos, através do programa *Part of America*. Estudou pintura nas Universidades de Yale, Connecticut, Simon Rock College, e em Caiena, na Guiana Francesa. Em seguida, o artista recebeu um prêmio no Salão de Arte Global e foi para Paris. Em 1979, expos em Berlim, onde, ao longo de sua carreira, fez 8 exposições. Expos também na Índia, México, Guatemala, Jerusalém, Paris, Washington e Brasil. Além de trabalhos realizados em diversas técnicas como pintura, desenho, aquarela, escultura em pedra e em madeira, gravura em metal, xilo e litogravura, Flávio pintou cenários para peças teatrais e produziu vários painéis e murais na Paraíba e em outros estados do Nordeste brasileiro.

“Nessas exposições em outros países o que me marcou era a maneira como as pessoas olhavam meu trabalho. Lá eu era um artista tropical. Ser aceito em outra parte do mundo é muito gratificante. Além disso, poder ver as obras de diversos artistas nos enriquece muito tecnicamente. Foi muito importante para mim as influências dos pintores como Gauguin, trazendo nas pinturas as imagens das mulheres no Haiti e as cores fortes. Como também Di Cavalcanti, com aquelas as mulatas bonitas, ainda tem Frida e Diego Rivera. Hoje desenho com minha ‘caligrafia’”.

A linha do sonho

Entre o branco do papel e a pena existem mundos a serem delineados.

A pena, a tinta traça o vazio no branco do papel. O marco inicial corre ao tinteiro para alimentá-la.

O fôlego da pena (conhecimento íntimo entre o desenhista e o instrumento) nas ações flutuantes entre o conhecimento e o voo da pena, fica parecendo que os traços não tem um sentido. Talvez o pensamento esteja atrás do traço. Parece escrever uma coisa que não tem nada a dizer.

O traço e a pena abrem, ora fina, ora larga, determina a impressão e a emoção, que nessa angústia de criar vai aparecendo algo. Como um mapa que indica um tesouro ao encontrá-lo. Esse baú, nós não sabíamos o que encontrar dentro. Podem ser preciosidades, ouro, pedra ou simplesmente pó, poeira ou tempo. O papel do desenhista não é um resultado, e, sim, um fim.

O texto chamado *A linha do sonho* escrito em bico de pena estava solto em uma das folhas de Carson do seu caderno de desenho. A letra itálica lembrava a do seu pai. Ele revela que sente muita dificuldade em escrever. “Às vezes eu tento uma definição para aquilo que sinto. Depois escrevo e vejo que não tem nada a ver. É algo sem sentido. Minha escrita, na verdade, são os desenhos.”, comenta o artista.

No mesmo instante, Flávio levantou-se da cadeira. Procurou seu caderno de desenho, pegou o lápis e começou a desenhar. Os traços nervosos tentavam passar o princípio da expressão e do mistério humano. Em alguns minutos estava a face de um homem de nariz avantajado e olhos expressivos. Sem grandes detalhes, mas com muita vida. Ele vira a folha do caderno. Rabiscou curvas. Traços que, num primeiro instante, não se via definição. Surge um corpo de uma mulher, deitada e nua. Ele fez parecer aquilo tudo tão fácil.

“O bico de pena é sempre difícil de manusear na primeira vez. É uma questão de peso e leveza. Infelizmente o nanquim está se perdendo com o tempo. Eu sinto essa necessidade de desenhar o tempo todo. É uma compulsão. Tenho muitos cadernos de desenho. Já pensei até em publicá-los. Quando você sente que o desenho tem alma, você se leva

para dentro dele. Porém, quero destacar que não sou retratista. Capto traços da alma das pessoas. Sou um desenhista de expressões, movimentos, em busca da anatomia. Eu acho o homem um ser divino”.

Em suas obras se vê a forte presença do feminino, como ainda de figuras mitológicas. Muitas revelam um caminho imaginário de sonhos e de histórias. Chamo a atenção para um dos quadros expostos na sua parede. Uma pintura de mulher com um touro dentro revela seu gosto pela mitologia, que para ele é uma ampla fonte de inspiração. Acredita que tudo seja um grande delírio. “A humanidade sempre foi muito atrevida na criação”, comenta.

A tendência por desenhar e pintar mulheres tem uma razão muito clara. Primeiramente é a visão da própria família. Já que ele e os irmãos foram criados sobre o sistema do matriarcado, no qual a mãe sempre era o ser dominante. Além disso, conviveu com muitas mulheres em sua casa. “Minhas tias e gente ligada aos poemas, à música, às carolinas e às musas frequentavam minha residência. Por incrível que pareça o meu traço traduz mais o feminino do que o masculino. Eu não sei desenhar a questão muscular. Meu desenho é solto. Acho a mulher o elemento mais belo da natureza”.

Pinte sua aldeia que você pinta o universo

Levantou-se com dificuldade devido às fortes dores no joelho. Pegou seus vários cadernos espalhados pela casa. Alguns com folhas em branco. Outras com desenhos sem um tema definido. “Olhe, esse aqui falta terminar”, falou. Acrescentou um traço quase imperceptível para finalizar a arte. Para mim, uma leiga, ela já estava completa. Entretanto, o artista tem uma mente inquieta. Detalhista, sempre observa tudo em sua volta.

“Se estou nervoso, logo vai embora o desenhista. Meu estado ‘alterado’ é estar desenhando e sempre falando. Eu sou ao mesmo tempo uma pessoa tranquila e agoniada, pois tenho uma necessidade intrínseca de estar trabalhando. É como se eu tivesse um destino marcado para fazer aquilo. Isso tudo, muitas vezes, é ‘agonizante’. Fico olhando para o

jardim, para a porta, para sua mão, vendo todas as formas e me canso de olhar, de ler as imagens. Agora estou vendo aquelas flores no jardim e pensando que os pontos vermelhos das rosas estão um pouco entre o quente o frio. Era preciso colocar mais vermelho. É loucura isso, entende? Há uma pintura eterna dentro da gente. Acho que isso é uma coisa de pintores. O desenhista vê o contorno. O pintor vê a totalidade.”

Mostrou-me mais um suplemento, um diário intitulado *O Caçador de Miragem*, feito em 1997, na qual constam desenhos de humor e crítica social, trazendo temas como internet, musculação, celular, churrascaria. Eram crônicas desenhadas. Retratando cenas do cotidiano daquela época, porém ainda atuais. Flávio também colaborou com o *Pasquim*. Utilizou a arte como forma de protesto, expressão ou talvez até de rebeldia. Na época da ditadura, pintava retratos de Che Guevara de olhos fechados, de tanto que o fez. Foi preso aos 16 anos, enquanto pichava a casa de um general e o soltaram porque era menor de idade. No entanto, ele fala que o artista sempre busca por sua grande obra-prima e que gosta bastante de alguns dos seus quadros.

- Espere um pouco. Quero te mostrar um negócio, ele fala.

3 minutos depois, o artista volta com um livro. O volume de capa dura e preta vinha com seu nome impresso e uma imagem de uma mulher nua em cima de um cavalo.

- Aqui juntei algumas de minhas obras.

No livro podiam se ver pinturas, xilogravuras, painéis, desenhos e até mesmo registros do processo criativo de alguns murais.

O artista destaca que gosta bastante do quadro que fez para o cantor Zé Ramalho. Foram seis meses de trabalho para finalizar um painel de 2,60m por 1,80m. A pintura feita em 1999 traz um mundo messiânico, com elementos da música do cantor e de momentos da vida dele. Nostradamus, Garoto de Aluguel, Gregos e Troianos, Padre Cícero, seu avô, a Santa ceia, a canção “Admirável Gado Novo” e até o próprio músico compõem a tela.

Mesclando realidade e fantasia, contando em tintas uma biografia de lutas, conquistas, sonhos, memórias e um pouco da cultura e dos

costumes locais, o mural *O Reinado do Sol*, que fica exposto na Estação Cabo Branco, em João Pessoa, se tornou uma das suas obras mais conhecidas. “Sempre começo com o desenho. O quadro contém histórias, traz a parte nativa de João Pessoa, a Nau Catarineta, os portugueses, o banquete antropofágico de Oswald de Andrade, o Varadouro com Augusto dos Anjos, José Lins do Rêgo e até coloquei a casa onde nasci”.

Estava indo ao Centro de João Pessoa. Olhei despreziosamente para o hospital que fica na ladeira da Avenida Pedro II. Meus olhos foram direcionados para um imenso painel de 3m x 10m em cerâmica, exposto na parede externa daquela casa de saúde. As nuances azuis, verdes e laranjas se misturavam com desenhos de lua, sol, plantas medicinais, deusas e santos, fazendo uma alusão à medicina e a criação do mundo. A obra que faz referencia à Nossa Senhora das Neves, nome do hospital, foi um dos mais recentes trabalhos feitos por Flávio Tavares.

Tavares não se considera um homem religioso. Diz seguir a filosofia dos Sufis, chamados ‘Povos do Caminho’, que são mestres do deserto. Eles não têm escola, não tem universidade, têm um caminho sem fim a seguir. “É como se a vida fosse uma viagem. Nisso encontra-se uma diversidade, o modo de encará-la dentro de princípios onde a magia existe naturalmente. A crença no sobrenatural é muito difícil, principalmente, dentro dos cânones que uma religião constrói. Fomos criados em uma sociedade puritana e rígida. Mas o que sigo e sinto não é a ausência de espiritualidade, é apenas um princípio filosófico”.

Neste instante, escuta-se o barulho do portão emperrado. O carro avança para a garagem. Uma mulher entra na sala.

- Oi, boa noite!, cumprimenta-me Alba, atual esposa de Flávio.
- É um prazer, falo.

Tavares me apresenta. Ela sorri. Conversa algo rapidamente com ele e sobe para seus aposentos.

Pelos caminhos da arte – entre sonhos e pedregulhos

Aos 22 anos, Flávio Tavares casou com a primeira esposa, com quem conviveu por 4 anos. Depois conheceu Gina, com quem passou 10 anos juntos e teve seus dois filhos Marcelo e Marieta. Por meio da sua irmã, conheceu Alba, sua atual esposa, com quem está casado há 25 anos. Desse relacionamento teve mais um filho, Eduardo, que se formará em Engenharia. Também tem dois netos. Assim como todos os seus irmãos, seus filhos também desenharam. Flávio revela que eles têm obras interessantes e que tem certa preocupação, caso um dia eles venham a seguir a sua carreira.

“Há um medo financeiro. Sou um eterno desempregado. Se você me perguntar se é possível viver de arte, eu diria que sim e que não. Quando viajo é para expor. Em todos esses anos a primeira vez que viajei sem exposição foi ano passado. Sempre fico preso nas galerias, sem saber se vou vender. Há uma tensão. Aqui em João Pessoa quase todos os grandes empresários investem em automóveis e apartamentos. Tenho medo até de ver as revistas de arquitetura daqui. Não tem nada de arte. Até comecei a entender isso depois que li um livro que falava sobre a síndrome dos museus. Eu ficava muito intrigado pelos quadros não existirem nas casas. No livro dizia que a humanidade está vivendo dentro de uma tela acesa. Tem tanta informação que quando as pessoas chegam em casa não querem ver nada. Isso leva ao extermínio da arte. Há uma verdade nisso tudo”.

- Toda pessoa pode ser artista?, questionei.

- É claro. Temos muitos talentos e uma sorte enorme da arte não ser só acadêmica. A arte é uma expressão. Só precisa saber quais são as “notas” que devem seguir.

- Eu gostava muito de desenhar. Mas parei na adolescência. Não conseguia desenhar corpos como você e nem rostos de frente, só perfis. No primeiro desenho que você fez aqui na minha frente me reacendeu uma fagulha. Só não sei se consigo.

- Devia tentar, comenta.

Flávio convidou-me para ver o restante da casa. Em cada canto se viam obras dele e de outros artistas. Corredores, cozinha, salas recheadas com quadros de diversos tamanhos e técnicas. Pequenas, as pinturas da casa onde viveu durante sua infância e seu autorretrato, que fez ainda jovem, estavam penduradas em uma das salas. Voltamos ao salão principal. O artista se dirigiu a uma das suas prateleiras, pegou alguns lápis, colocou-os em cima da mesa, juntou o caderno e os desenhos que tinha feito durante a nossa conversa e me entregou. “Isso aqui é seu. Para você voltar a desenhar”, me disse. Me senti como uma criança que ganhou seu primeiro kit de desenho. Queria usá-lo logo.

- Gostaria que você ficasse com mais uma coisa, falou Flávio.

Retirou do armário uma de suas pinturas. A figura de uma mulher a *la Monalisa* olhava-me com seriedade.

- Pronto, isso é para você, ele me disse.

A noite já caía. Embalados pelos ruídos dos pássaros e de um pequeno som que tocava música clássica eu me despedi do artista. Ao chegar em casa, abri meus presentes. Maravilhada e motivada comecei a desenhar. Surgiram alguns rabiscos desconexos e amadores de coisas que tinha visto. Uma hora se passou. De um dia de cor e contornos, restou-me estampados na folha de Carson um rosto, uma árvore, um barquinho, além de algumas páginas rasgadas. Guardei meu caderno de desenho e as canetas como se quem guarda uma joia, na esperança de que um dia eu volte a usá-los novamente.